



**A PARTICIPAÇÃO GAÚCHA NOS JOGOS OLÍMPICOS: GARIMPAR
MEMÓRIAS PARA PRODUIR HISTÓRIAS**



Organizadoras: Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner





A PARTICIPAÇÃO GAÚCHA NOS JOGOS OLÍMPICOS: GARIMPAR MEMÓRIAS PARA PRODUZIR HISTÓRIAS

Organizadoras:

Christiane Garcia Macedo

Silvana Vilodre Goellner

Coleção GRECCO

2016



REMAM
REDE DE MUSEUS E ATERROS UFRGS



75
anos
ESEFID
EDUCAÇÃO FÍSICA
FISIOTERAPIA
DANÇA
UFRGS



CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



Copyright © 2016 Centro de Memória do Esporte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora: Jane Fraga Tutikian

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Cláudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) – UFRGS

Diretor: Alberto Reinaldo Reppold Filho

Vice-diretor: Flávio Antônio de Souza Castro

Centro de Memória do Esporte – CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Revisão: Simone Loy

Projeto Gráfico (Capa): Nina Figueira Sodré

Diagramação (Miolo): Christiane Garcia Macedo

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias / Organização: Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

171p., Il. (Coleção Grecco).

1. Esporte. 2. Jogos Olímpicos . 3. História. I. Macedo, Christiane Garcia, org. II. Goellner, Silvana Vilodre, org.

ISBN: 978-85-66106-66-4

CDU: 796

Ficha catalográfica elaborada por Naila Touguinha Lomando, CRB-10/711



Sumário

Prefácio	6
Nelson Schneider Todt	
Participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpando memórias, reconstruindo histórias.....	8
Christiane Garcia Macedo	
Silvana Vilodre Goellner	
Ser atleta no Rio Grande do Sul: as dificuldades de estar fora do eixo Rio-São Paulo	13
William Charles Osório Gomes	
Juliana Prado Cros	
Luiza Aguiar dos Anjos	
Recuerdos Olímpicos... Barcelona 1992	23
Mario Roberto Generosi Brauner	
Futebol feminino e os Jogos Olímpicos	34
Suellen dos Santos Ramos	
Luiza Loy Bertoli Pereira	
Atletas e treinadores gaúchos no futebol olímpico	45
Gustavo Henrique Ribas Bernardi	
Luiza Aguiar dos Anjos	
A ginástica nos Jogos Olímpicos.....	55
Suélen de Souza Andres	
Natália Bender	
A presença gaúcha no handebol olímpico	62
Jamile Mezzomo Klanovicz	
Suélen de Souza Andres	
As mulheres no universo cultural das lutas: transpondo barreiras legais e simbólicas para afirmação no esporte de alto rendimento	69
Ayllu Duarte Acosta	
Isabela Lisboa Berté	
A participação de gaúchos na esgrima, luta olímpica e judô	75
Bruno de Oliveira e Silva	
Alexandre Luz Alves	
Rugby: legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016.....	82
Adriana Gomes Zimmermann	
Suellen dos Santos Ramos	



Voleibol gaúcho nos Jogos Olímpicos.....	92
Natália Bender	
Luiza Aguiar dos Anjos	
Suélen de Souza Andres	
A primeira medalha olímpica: Dario Barbosa	102
Christiane Garcia Macedo	
Fúlvio Dickel	
Heloísa Roese, a primeira gaúcha a participar dos Jogos Olímpicos	109
Marcelo Ribeiro Tavares	
Ludmila Mourão	
O treinador Luís Antônio Ferla Castegnaro e sua experiência com o futebol de mulheres	115
Claudia Yaneth Mina Martinez	
Goleira Maravilha: a calma na tempestade brasileira	121
Pamela Siqueira Joras	
Laura Giovana dos Santos Andrade	
Mais do que um sonho	129
Christiane Garcia Macedo	
Gustavo Henrique Ribas Bernardi	
Lista de participações gaúchas nos Jogos Olímpicos	143



Prefácio

A Memória Olímpica do Rio Grande do Sul conta com mais uma importante obra, fruto da parceria de Christiane Macedo e Silvana Goellner. Nada mais oportuno para um ano Olímpico, ainda mais com os Jogos sendo realizados pela primeira vez no Brasil.

Muito se discutiu que o fato dos Jogos Olímpicos acontecerem no Rio de Janeiro, faria com que outras cidades brasileiras ficassem de fora dos possíveis benefícios gerados com os legados deste megaevento. Porém, legado não se recebe... legado se constrói!

No caso desta obra, trata-se um legado intangível, porém, não menos importante. Legado que, na verdade, vem sendo construído há mais tempo pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, de forma incansável, tem trabalhado na reconstrução, preservação e divulgação da memória do esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Este trabalho se soma a tantas outras significativas contribuições de pesquisadores e instituições do estado. Cito como exemplos, o Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), coordenado pela Prof^a. Janice Mazo, o Centro de Estudos Olímpicos, coordenado pelo Prof. Alberto Reppold Filho, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o qual tenho o privilégio de ser coordenador ao lado do Prof. Luciano Castro.

Há muito de Olímpico neste livro, pois sabemos das dificuldades que vive o esporte em nosso estado e o quão difícil tem sido organizar e relatar as memórias que constituem esta história. Este é o principal mérito das organizadoras deste livro, as pesquisadoras Christiane Macedo e Silvana Goellner (coordenadora do CEME) que realizaram um verdadeiro trabalho em equipe, que envolveu diferentes integrantes do centro.



Enquanto os Jogos Olímpicos acontecem, estando nos estádios ou na frente da televisão, sempre esperamos o melhor dos nossos atletas, entretanto, nem sempre lembramos deles em outros momentos: quando estavam treinando, quando estavam lesionados, quando não tinham nenhum apoio, suporte institucional ou financeiro... ou pior, quando não ganharam. Invariavelmente, caem no esquecimento. Também pouco sabemos de suas trajetórias antes de se tornarem *Olympians*¹.

É neste sentido que destaco a importância da obra “A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias”, pois reúne textos que revelam a trajetória dos nossos Olímpicos a partir de diferentes personagens que ajudaram a construir suas histórias. Assim, a obra segue também uma ideia básica do Olimpismo de “quebrar as paredes para deixar o ar e a luz entrar para todos” (Pierre de Coubertin).

Os autores dos textos, desde uma condição privilegiada de quem acompanha e pesquisa o Esporte, apresentam diferentes temas que têm como elemento principal o atleta Olímpico gaúcho. Nesta perspectiva, a obra avança em relação ao trabalho realizado no Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul (2005 – referência completa na nota de rodapé), que buscou registrar todos os atletas olímpicos nascidos no estado do Rio Grande do Sul, apresentando uma lista de memória, sob o título “Relação geral de atletas olímpicos gaúchos por edição de jogos olímpicos de verão, 1920 – 2004”.

Para mim, que recebi a prestigiosa honra de visualizar os originais, considero que os textos desta obra oferecem amplos subsídios para amantes e pesquisadores do esporte.

Aos autores, meus cumprimentos... aos leitores, a certeza de uma excelente leitura!

Nelson Schneider Todt²

¹ Denomina-se *Olympian* ou atleta olímpico, qualquer atleta que tenha participado de alguma edição dos Jogos Olímpicos, independentemente da colocação que este ficou (TODT, Nelson *et al.* Atletas olímpicos gaúchos. MAZO, Janice; REPPOLD FILHO, Alberto (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. v. 1.)

² Professor titular e coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Faculdade de Educação Física da PUC-RS, Membro da Academia Olímpica Brasileira e Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin.

Participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpando memórias, reconstruindo histórias³

Christiane Garcia Macedo⁴

Silvana Vilodre Goellner⁵

Em 2016, um dos maiores e mais importante evento esportivo foi realizado no Brasil: os Jogos Olímpicos. Esse evento congrega e pauta a organização de diversas modalidades esportivas, além de receber a atenção de milhões de espectadores que assistem aos Jogos de modo presencial, pela intensa cobertura midiática ou, ainda, utilizando-se das mais diferentes tecnologias de informação e comunicação.

Sua realização nos instigou a refletir sobre a presença gaúcha neste megaevento esportivo de modo a reconstruir algumas trajetórias e, assim, registrar memórias e histórias. Nesse sentido, desenvolvemos um projeto específico utilizando o aporte teórico-metodológico da História Oral, por meio do qual realizamos entrevistas com pessoas que participaram de alguma edição dos Jogos Olímpicos. Foram contatados não apenas atletas, mas gestores, membros de equipes técnicas, árbitros, médicos, enfim, sujeitos que vivenciaram os Jogos Olímpicos a partir de diferentes experiências.

Ao buscarmos referências sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos em especial no site do Comitê Olímpico Brasileiro e na obra Atletas

³ Este livro resulta da pesquisa Gaúchos Olímpicos: garimpando memórias, reconstruindo histórias que contou com apoio do Edital Universal 2012 do CNPQ.

⁴ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁵ Professora Associada da ESEFID/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME). Pesquisadora Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Olímpicos Brasileiros⁶ percebemos que o Estado do Rio Grande do Sul teve uma boa representatividade neste evento. Das 2687 participações de atletas nos Jogos Olímpicos, 188 foram de atletas nascidos nesse Estado, o que perfaz o número de 154 atletas, 126 homens e 28 mulheres. A primeira participação do Brasil se deu em 1920 nos Jogos da Antuérpia (Bélgica). Esta edição contou com a presença de um atleta gaúcho: Dario Barbosa, nascido em Porto Alegre no ano de 1882. Cabe a esse atirador o protagonismo não apenas de participar da primeira edição dos Jogos Olímpicos na qual o Brasil se fez representar como ainda de ter conquistado, junto com a equipe de tiro, uma medalha de bronze, reconhecida, aqui, como a primeira medalha olímpica de um atleta gaúcho⁷.

Figura 1 - Equipe de Tiro com Armas de Guerra, Jogos Olímpicos da Antuérpia (1920). Da esquerda para a direita: Fernando Soledade, Guilherme Paraense, Mario Maurity, Afrânio Costa e Dario Barbosa



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte

Sobre a presença de atletas mulheres, as primeiras gaúchas que participaram dos Jogos Olímpicos foram Arci Zelia Mensch Kempner (Arco e Flecha, Moscou em 1980) e Heloisa Helena Roese (Voleibol, Los Angeles em 1984).

⁶ RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo. Editora SESI, 2015.

⁷ Neste livro há um texto específico sobre a medalha conquistada por Dario Barbosa.

A primeira medalha conquistada por uma atleta gaúcha foi obtida no futebol, em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas quando Marlisa Wahlbrink (Maravilha) conquistou o segundo lugar – medalha de prata.

Figura 2 – Maravilha, Jogos Olímpicos de Atenas (2004)



Fonte: Acervo pessoal de Marlisa Wahlbrink

Para a realização da pesquisa criamos um banco de dados a partir de consultas a artigos, livros e sites especializados e, sobretudo, em visitas e consulta aos acervos da Fundação do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Sul (FUNDERGS), do Ministério do Esporte e do Comitê Olímpico Brasileiro. O levantamento, realizado até os Jogos Olímpicos de Londres (2012), permitiu identificar atletas nas seguintes modalidades esportivas (seguidas do número de participações): atletismo (12), basquete (2), canoagem (8), esgrima (7), futebol (30), ginástica artística (6), ginástica rítmica (2), handebol (9), hipismo (10), judô (6), luta olímpica (2), natação (8), polo aquático (1), remo (39), tênis (2), pentatlo moderno (2), taekwondo (1), tiro com arco (3), tiro esportivo (2), triatlo (2), vela (19), voleibol (26). Interessante notar que o número de participações em esportes com embarcações totaliza 66, o que parece se relacionar a tradição desses esportes no Estado. Também se sobressaem o futebol e o voleibol como modalidades que possuem grande presença gaúcha com destaque para os Jogos Olímpicos de Los

Angeles, em 1984, cuja seleção de futebol masculino continha 7 atletas do Rio Grande do Sul.

No contexto esportivo desde o final do século XIX já se fazia presente no Estado associações ligadas ao remo e à ginástica. Com a imigração alemã e italiana se fortaleceram os clubes esportivos como, por exemplo, a Sociedade Ginástica Porto Alegre (Sogipa) e o Grêmio Náutico União. Considerando as entrevistas realizadas também podemos afirmar que a maioria dos/das atletas iniciou sua trajetória esportiva em sua cidade natal, possivelmente facilitado pela infraestrutura de clubes esportivos.

Além do banco de dados, foram realizadas 39 entrevistas específicas envolvendo atletas, treinadores, gestores, médicos, equipe técnica, membros da comissão antidoping, entre outras. As entrevistas tiveram fundamentação teórico-metodológica da História Oral e nos procedimentos metodológicos adotados pelo projeto Garimpando Memórias⁸ desenvolvido pelo CEME (UFRGS) envolvendo as seguintes etapas: contato com entrevistado/a; levantamento de dados biográficos; preparação do roteiro; realização da entrevista em gravador digital; transcrição; copidesque; pesquisa; devolução à pessoa entrevistada; assinatura de carta de cessão de direitos sobre a entrevista; catalogação no acervo de depoimentos do CEME e publicação da entrevista na íntegra. As entrevistas podem ser acessadas no LUME - Repositório Digital da UFRGS⁹.

Parte do que produzimos está sintetizada neste livro. Buscamos incluir toda a equipe do CEME de modo que cada integrante pudesse se envolver com a pesquisa, as análises e, sobretudo, a escrita. Entendemos que esse exercício contribui não apenas para o desenvolvimento acadêmico de quem dele participou, mas, sobretudo, para a memória do esporte gaúcho. Ao rememorarmos fragmentos de sua história acreditamos que estamos cumprindo uma função pedagógica e política que é visibilizar quem fez e faz o esporte acontecer e, assim, reconhecer sua dedicação e importância.

⁸ Informações sobre o Projeto Garimpando Memórias podem ser acessadas em: <http://www.ufrgs.br/grecco/site/historia-oral/>

⁹ As entrevistas podem ser acessadas em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40502>.

Por fim, uma consideração: dada a ausência de muitos registros, talvez tenhamos incorrido em algum esquecimento, ou melhor, desconhecimento. Nesse sentido antecipamos desculpas e dedicamos este livro a todos/todas gaúchos/as que participaram de alguma edição dos Jogos Olímpicos. A vocês nosso reconhecimento!



Ser atleta no Rio Grande do Sul: as dificuldades de estar fora do eixo Rio-São Paulo

William Charles Osório Gomes¹⁰

Juliana Prado Cros¹¹

Luiza Aguiar dos Anjos¹²

O Brasil é o quinto maior país do mundo em território, com cerca de 8.515.767.049 km², divididos em 27 unidades federativas, contando com uma população superior a 200 milhões de habitantes. Uma nação dessa magnitude, ao longo de sua história, foi representada nos Jogos Olímpicos por apenas 1.796 atletas (RUBIO, 2015), dado que evidencia o quanto essa experiência é rara e plena de dificuldades para alcançá-la.

A primeira participação brasileira nessa competição aconteceu na sua 7^a edição, realizada na Antuérpia (Bélgica) em 1920. Da 1^a edição dos Jogos Olímpicos Modernos (Atenas, 1898) até a última (Londres, 2012), o Brasil conquistou 108 medalhas, sendo 23 de ouro, 30 de prata e 55 de bronze. É o país que mais conquistou medalhas olímpicas na América do Sul e o 4^o maior medalhista do Continente Americano, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, do Canadá e de Cuba.

Para os/as atletas alcançarem tais conquistas é necessário não apenas talento e dedicação, mas também condições de treinamento. Para obterem tais condições é necessário, por vezes, deixar sua cidade natal para treinar em outras

¹⁰ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

¹¹ Estudante do Curso de Licenciatura em História (IFCH-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

¹² Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

regiões do país, especialmente nas cidades nas quais se localizam clubes esportivos ou Centros de Treinamento (CT's) com melhores estruturas para a sua preparação.

Em grande medida, percebemos que as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e outras em seu entorno são os destinos mais comuns. Seus estados condensam cerca de 19 milhões de habitantes, além de serem responsáveis por mais de 43% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (32,1% em São Paulo - 1,7 trilhões de reais - e 11,7% no Rio de Janeiro - 626 milhões de reais). Com uma economia bastante desenvolvida, essas grandes metrópoles são referência de oportunidades profissionais em diversas áreas, dentre as quais a esportiva.

A atratividade de tais cidades para os/as atletas acontece principalmente pelo amplo número de instituições esportivas que oferecem a prática de modalidades diversas, pelo maior número de competições e pela maior atenção midiática, que se converte em maiores possibilidades de patrocínios. Assim, há uma referência no senso comum de que o "eixo Rio-São Paulo" é local privilegiado em nosso país para a formação de talentos esportivos.

Analisando as entrevistas que realizamos com atletas gaúchos/as que participaram dos Jogos Olímpicos, percebemos que é comum mencionarem de problemas vivenciados no Rio Grande do Sul como a falta de apoios técnico e financeiro, muitas vezes vistos como vinculados ao fato de não estar no eixo Rio-São Paulo. Uma série de entrevistados/as acredita que suas carreiras e a de outros/as companheiros/as teriam melhores condições de sucesso e seriam mais valorizadas se estivessem atuando nesses centros. Evidenciamos, ainda, que muitos/as atletas em ascensão deixaram o RS, conforme explicitou o ex-remador Paulo Prass,

[...] porque o grande destaque dos remadores era o Rio de Janeiro, nem era tanto São Paulo; era Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul que tinham uma história de bons remadores, mas normalmente ele perdia os seus remadores para o estado do Rio de Janeiro, assim como vários esportes aqui do Rio Grande do Sul (2013, p. 2).

Essa fala aponta, ainda, outro dado interessante. Apesar do imaginário que envolve esses estados, Rio de Janeiro e São Paulo não se constituem como referências para todas as modalidades esportivas. Isso porque não é apenas o fator



econômico que potencializa o desenvolvimento de esporte. No caso do remo há, inclusive, uma condição natural necessária para a possibilidade de sua prática: a existência de rios, lagos ou do mar. Além disso, considerar questões históricas e culturais é fundamental.

No Rio de Janeiro, a chegada da corte no século XIX impulsionou a difusão de uma série de práticas esportivas nascidas na Europa, dentre as quais o remo (MELO, 2010). Em São Paulo, a modalidade não recebeu similar atenção. Assim, análises específicas sobre cada modalidade seriam necessárias para identificar elementos que expliquem sua popularidade e desenvolvimento em uma região e não em outra, para além de uma pressuposição de hegemonia generalizada do eixo Rio-São Paulo.

Outro sinal disso é o fato de outras cidades de “fora do eixo” também despontarem como polos para determinadas modalidades. Natália Eidt, ex-atleta de ginástica rítmica relata que “o polo da ginástica era e sempre foi o Sul, se destacavam mais os ginastas do sul, era uma rixa Rio Grande do Sul e Paraná” (2014, p. 2).

O estabelecimento de Centros de Treinamentos (CT’s), muitas vezes utilizados pelas seleções nacionais, é uma ocasião na qual o foco de migração de atletas de elite pode ser deslocado. Um destes exemplos de CT’s foi o da Seleção Brasileira de Ginástica Artística sediado em Curitiba, o qual permaneceu na cidade do final dos anos 1990 até o término do ciclo olímpico de Pequim, em 2008. Neste período, ginastas de todo o Brasil que se destacavam em competições nacionais eram convidados/as a treinarem na capital paranaense juntamente com a seleção brasileira. Na época, o CT oferecia uma infraestrutura de alta qualidade, além de contar com técnicos/as estrangeiros/as de países de tradição na ginástica, condições essas que contribuíram para que os/as ginastas brasileiros/as pudessem desenvolver o máximo de suas potencialidades.

Hoje, porém, os dois CT’s referências para a ginástica artística estão localizados no eixo Rio-São Paulo: um em São Bernardo do Campo, em São Paulo, outro na cidade do Rio de Janeiro. São nesses dois centros que os/as principais atletas da seleção brasileira realizam seus treinos para os Jogos Olímpicos de 2016.

Cabe pontuar que o fato de uma seleção treinar em determinada cidade pode gerar maior atratividade para a modalidade na região, produzindo desdobramentos para além da estadia de atletas profissionais, como, por exemplo, o incentivo à sua prática entre crianças e jovens, potencializando a formação de novos/as atletas naquele local.

A fala dos/as atletas identifica também como questões financeiras e estruturais são relacionadas a outros fatores, em especial à falta de visibilidade – seja pela mídia dedicar menor atenção a outros estados e/ou porque neles há menos competições ou que são menos competitivas. Assim, também essa menor visibilidade se torna fator que influencia na migração, como narra a ginasta Daiane dos Santos quando perguntada se há diferença entre treinar no Rio Grande do Sul ou no eixo Rio-São Paulo:

[...] acho que tem sim, é muito fechado entre Rio-São Paulo as coisas. Para ter um destaque maior a gente precisa sair às vezes do Estado, mas eu acho que também o problema, às vezes, é o Estado, o próprio Estado que não investe, faz com que isso aconteça, mas a visibilidade é outra, eu acho às vezes o retorno dessa popularidade vem por causa da visibilidade e às vezes a gente não tem esse espaço aqui dentro do esporte (2014, p. 7).

Se para uma série de modalidades esportivas a migração parece uma necessidade, o futebol masculino se destaca como um esporte no qual isso não se verifica com tanta intensidade. Por ser o esporte mais popular do país, em praticamente todos os estados há pelo menos um clube que figura entre as Séries A, B ou C do Campeonato Nacional. No Rio Grande do Sul, por exemplo, temos na capital gaúcha o Grêmio¹³ e o Internacional¹⁴, que figuram há vários anos na série A. Além disso, o Estado conta com times competitivos no interior, como Grêmio Esportivo Brasil (conhecido como Brasil de Pelotas), o Esporte Clube Juventude e a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. Ainda que inúmeros clubes de menor porte enfrentem constantes dificuldades financeiras é inegável que o futebol apresenta melhores condições para atletas do que outras modalidades esportivas no Brasil. Além disso, essa realidade é observável em clubes presentes

¹³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

¹⁴ Sport Clube Internacional.

em todo o Brasil, não se constituindo como uma realidade própria de “fora do eixo Rio-São Paulo”.

Comparando a estrutura dos clubes de maior expressão¹⁵ do Rio Grande do Sul e do eixo Rio-São Paulo, observa-se que Grêmio e Internacional contam com CT e equipe profissional com nível similar aos clubes de São Paulo ou Rio de Janeiro. Apesar de haver certa disparidade em termos de valores recebidos em patrocínios e cotas de televisão, esses clubes conseguem montar equipes capazes de competir no cenário nacional e internacional. O Rio Grande do Sul, juntamente com Minas Gerais, é apontado, inclusive, como uma espécie de segundo eixo para onde também há grande atratividade de investimentos e de visibilidade midiática.

As mulheres futebolistas, contudo, vivenciam realidade muito diferente. Luis Antônio Castagnaro, treinador de goleiros/as de futebol, relatou que no período em que treinou a equipe do Grêmio (entre 1999 e 2001) percebia que havia menos oportunidades para as atletas do Rio Grande do Sul: “Quem sai do eixo Rio - São Paulo fica esquecido porque o campeonato principal é São Paulo, é paulista. Então eles ficam por ali, vão dar uma olhadinha nos jogos ali, daí dali pegam (sic) as meninas e montam a seleção” (2014, p. 13).

O segundo esporte coletivo mais praticado no Brasil é o voleibol (DACOSTA, 2005). A gestão dessa modalidade integrada à lógica mercantil protagonizada pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) a partir da década de 1970 é vista como exemplo de sucesso (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2008). Apesar dessa estratégia ter alavancado a modalidade, os clubes se reconhecem como dependentes da instabilidade do mercado. A manutenção ou não de uma equipe de competição vincula-se a existência de um patrocinador que garanta a continuidade da equipe. Assim, mesmo sendo um esporte popular e muito praticado, muitas equipes já encerraram suas atividades ou perderam força no âmbito nacional nas últimas décadas em função do encerramento do patrocínio que garantia seu financiamento¹⁶. Se essa instabilidade afeta todas as equipes, cabe considerar que clubes situados em grandes cidades possuem vantagens no

¹⁵ Consideramos como fatores o número de títulos, de torcedores e a atenção recebida pela mídia.

¹⁶ Podemos citar como exemplos a Frangosul/SGNH, extinta em 1997; o Florianópolis, tetracampeão com o apoio da CIMED, extinto em 2012, que manteve-se por mais uma temporada com a Super Imperatriz, mas encerrou suas atividades nessa temporada; a UCS, extinta em 2011.

que tange à possibilidade de exposição midiática e à montagem de uma equipe com maior competitividade, fator que gera o interesse de potenciais patrocinadores.

No Rio Grande do Sul, o ápice em competitividade nacional do voleibol gaúcho aconteceu no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. A parceria entre a Frangosul e a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (SGNH) possibilitou a constituição de uma forte equipe que conquistou a Superliga de Vôlei na temporada 1994/95, título inédito para o Rio Grande do Sul. Outro grande momento do vôlei no Estado, mais uma vez amparado por grandes patrocinadores, foi o tricampeonato conquistado pela equipe Ulbra/Canoas nas temporadas de 1997/98, 1998/99 e 2002/03, quando ainda contava com os patrocínios de Diadora, Pepsi e Umbro. André Heller, atleta gaúcho que esteve presente nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008) iniciou sua carreira justamente no Frangosul/SGNH, seguindo depois para a Ulbra (Canoas), onde permaneceu até 1999, quando se transferiu para o Telemig Celular/Minas Tênis Clube, aos 23 anos.

Contudo, depois destes quase dez anos de altos investimentos por parte desses patrocinadores, o vôlei no Rio Grande do Sul parece contar hoje com aportes financeiros menos expressivos, não mais exercendo protagonismo no cenário nacional. Na temporada 2015/2016 da Superliga, não há nenhuma equipe do Estado na categoria feminina, enquanto na masculina há três equipes, todas de menor expressão. A fala da jogadora Carolina Albuquerque retrata tal cenário:

O vôlei no Rio Grande do Sul sempre teve uma base muito boa, quando você é nova, mas o adulto nunca teve um incentivo, então, quando eu começava nas categorias base até o juvenil, categoria mirim, infantil, infante e juvenil, aí quando chegava na juvenil, ou você vinha para São Paulo para os grandes clubes, centros de treinamento no Rio de Janeiro ou Minas Gerais, ou você parava para estudar ou trabalhar, porque aí no Rio Grande do Sul eles não incentivavam esporte adulto de alto nível, era mais as categorias de base, então eu tive que sair (ALBUQUERQUE, 2014, p. 1).

Um dos esportes que trouxe mais medalhas olímpicas para o Brasil foi o atletismo, 14 ao todo. Desde o final dos anos 1980, um clube que se destaca na



formação de atletas brasileiros nesse esporte, é o Clube de Atletismo BM&F/Bovespa, localizado em São Caetano do Sul/SP. A referência do atletismo no Rio Grande do Sul, por sua vez, é a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA). O Departamento de Atletismo do clube foi criado em 1918, mantendo suas atividades até hoje, possibilitando a participação de seus/suas atletas em competições nacionais e internacionais. Porém, talvez por falta um patrocinador com investimentos comparáveis ao da Caixa no BM&F/Bovespa, o clube não é uma referência nacional para atletas que pretendem disputar as maiores competições da modalidade, tal qual uma edição dos Jogos Olímpicos.

A dificuldade do clube ficou evidente na fala de Gisele Lima de Oliveira, atleta gaúcha que disputou o salto triplo nos Jogos Olímpicos de 2008. Formada na SOGIPA, a atleta migrou para o BM&F/Bovespa em 2005, quando o clube gaúcho enfrentou problemas financeiros que impossibilitavam o pagamento dos/as atletas de sua equipe de atletismo. Hoje ela está de volta a SOGIPA, já em condições de arcar com os custos da modalidade: “Agora sim com o projeto olímpico da SOGIPA tendo patrocínios e tudo, hoje a SOGIPA é o clube que me ajuda que tem a melhor estrutura dos clubes que eu já passei” (2015, p. 3).

Vê-se, também a partir da vivência de Gisele, que há casos nos quais os clubes possuem uma estrutura de treinamento adequada, permanecendo dependentes, contudo, de fontes que possibilitem o pagamento dos/as atletas e da comissão técnica. A própria Gisele relembra as dificuldades enfrentadas no começo de sua trajetória,

não tinha incentivo nenhum, nenhum, nenhum, nenhum, minhas primeiras sapatilhas foram meus pais que compraram. Para viajar a gente vendia rifa, entrava dentro (sic) de ônibus e falava assim: “alguém quer comprar uma rifa para ajudar?” Saia vendendo rifa e depois de um tempo no atletismo eu ganhei uma bolsa de estudos, era o incentivo maior que nós tínhamos naquela época porque não tinha salário, não tinha nada, os pais eram os “patrocinadores” (OLIVEIRA, 2015, p. 2).

O suporte financeiro da família, contudo, não é uma possibilidade que existe para todos/as praticantes. Assim, especialmente em modalidades que exigem estruturas especializadas para a prática, como no caso da ginástica, o

acesso é influenciado por questões relativas à classe social. A fala da ex-ginasta e atualmente treinadora Adriana Alves ilustra essa afirmação:

É difícil conseguir as crianças porque nosso público é de classe média baixa, muito baixa, super baixa porque a ginástica é um treinamento intensivo. Nós não podemos esperar que uma menina ou um menino tenha doze, treze anos para ir começar a fazer ginástica, eles começam com cinco, seis anos. Os pais são pobres, trabalham o dia inteiro, aí vão depender de passagem, então é complicado para a gente (2013, p. 4).

Apesar de muitos/as atletas criticarem a falta de apoio estatal, é possível reconhecer avanços recentes. Neste âmbito, um dos grandes incentivos oferecidos pelo governo brasileiro é o Programa Bolsa Atleta, que oferece apoio financeiro a atletas que alcancem determinada pontuação em um *ranking* de competições regionais, nacionais e internacionais. Tal incentivo é uma forma de oferecer condições para que atletas se dediquem exclusivamente às suas modalidades, ficando menos dependentes de patrocínios, que costumam custear as equipes competitivas nos clubes. O auxílio do Programa começa na categoria Estudantil, com um benefício de R\$ 370,00 mensais, podendo chegar até a categoria Pódio, na qual seu valor chega a R\$ 15.000,00 por mês. Segundo informações do Ministério do Esporte, entre 2005, quando iniciou o Programa, e 2015 já foram distribuídas 43 mil bolsas¹⁷.

A estrutura esportiva deficitária do Rio Grande do Sul, criticada por muitos/as atletas gaúchos, e a disparidade quando comparada ao eixo Rio-São Paulo não é, entretanto, uma situação que se mantém inalterada, como mostra, com relação ao cenário do judô, o ex-atleta e treinador Francisco Xavier de Vargas Neto ao se referir as décadas de 1970 e 1980: “O nível técnico tinha uma defasagem muito grande nesse período. Pelo menos, na região sul aqui do país em relação a São Paulo, Rio de Janeiro. Lentamente a coisa começou a crescer com a nossa busca de desenvolvimento” (2014, p. 6). Assim, é necessário reconhecer que diferentes modalidades seguiram trajetórias diversas ao longo do tempo, por vezes se desenvolvendo, por vezes retrocedendo.

¹⁷ Informações sobre o Programa Bolsa Atleta podem ser acessadas em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/default.jsp>

E se por um lado, as dificuldades encontradas pela distância do eixo Rio-São Paulo são tratadas como obstáculos ao desenvolvimento do esporte no Rio Grande do Sul, há momentos em que elas são vistas como elementos que, uma vez superados, faz o/a atleta mais forte, como relata Rafael Vieira, analista de desempenho da seleção masculina de futebol durante os Jogos Olímpicos de Londres (2012):

Assim, o lugar onde o esporte tem tudo é Rio de Janeiro e São Paulo... Realmente te traz um pouco mais de dificuldade, mas ao mesmo tempo te deixa mais forte, porque tu passa por outras coisas que o pessoal de lá não passa, então, campeonatos mais difíceis, viagens mais longas, dificuldade de não estar sempre sendo lembrado, porque tu está no extremo sul. E isso te deixa mais forte, e deixa mais preparado. Eu acho que o gaúcho tem isso, ele tem uma coisa que ele trabalha para conquistar as coisas e foi isso que eu fiz (2013, p. 2).

A última frase de Rafael aponta, ainda, para a exaltação do povo gaúcho como um povo batalhador. Tendo em vista que o regionalismo no estado do Rio Grande do Sul é manifestado com intensidade, sendo “constantemente evocado, atualizado e repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas” (OLIVEN, 1992, p. 9), não é surpresa que o esporte também se insira nesse contexto de reafirmação de uma identidade gaúcha. Esteja ou não a força do/a gaúcho/a no sangue, fato é que ela continua impulsionando muitos/as de seus/suas atletas a fazerem história, inclusive nos Jogos Olímpicos.

Referências

ALBUQUERQUE, Carolina. **Depoimento de Carolina Albuquerque**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

ALVES, Adriana. **Depoimento de Adriana Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

CASTAGNARO, Antônio. **Depoimento de Antônio Castagnaro**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, Educação Física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

EIDT, Natália. **Depoimento de Natália Eidt**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. *In*: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

OLIVEN, Ruben. George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Gisele Lima de. **Depoimento de Gisele Lima de Oliveira**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

PRASS, Paulo. **Depoimento de Paulo Prass**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANTOS, Daiane. **Depoimento de Daiane Garcia dos Santos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

VARGAS NETO, Francisco Xavier. **Depoimento de Francisco Xavier Vargas Neto**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

VIEIRA, Rafael. **Depoimento de Rafael Vieira**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

VLASTUIN, Juliana; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 9-24, maio 2008.

Recuerdos Olímpicos... Barcelona 1992

Mario Roberto Generosi Brauner¹⁸

Definitivamente Barcelona ficará para sempre marcada no imaginário de um grupo de professores de nossa ESEFID¹⁹ que viveu o ciclo olímpico quase integralmente naquela cidade. Alguns chegaram três anos antes da realização dos Jogos Olímpicos e partiram um ano depois; outros chegaram dois anos antes e partiram mais ou menos dois anos depois, e por fim, outro chegou meses antes dos Jogos e lá permaneceu por cerca de três anos após o seu término.

Figura 1 - Crachá os Jogos Olímpicos de Barcelona



Fonte: o autor.

Para todos nós, uma unanimidade: foi tempo de aprendizado e realização tanto nos aspectos pessoais e familiares como nos profissionais. Poder investir em nossa qualificação não representa pouca coisa nem para nós diretamente

¹⁸ Professor Associado da ESEFID/UFRGS. Doutor pela Universitat de Barcelona.

¹⁹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Denominação assumida em outubro de 2015 em substituição a Escola de Educação Física (ESEF).

beneficiados, nem para a instituição que representamos. Experimentamos junto com nossas famílias um verdadeiro banho de cultura e civilização.

Graças a uma visão estratégica privilegiada do Prof. Dr. Eduardo Henrique de Rose, então diretor da ESEF²⁰, que viu nos Jogos Olímpicos uma possibilidade concreta de promover ao mesmo tempo, um intercâmbio profissional entre duas importantes instituições de educação superior (a UFRGS e a Universidade de Barcelona) e o Comitê Olímpico Internacional que possibilitando a participação dos professores na condição de voluntários, permitiu-nos uma experiência esportiva singular, carregada de ingredientes de sonho para quem dedicara até ali uma vida inteira à formação e educação através do esporte.

Ao participar de equipes que atuaram no controle de *doping*, cada um em sua respectiva modalidade, pudemos conviver nesse período com as maiores estrelas mundiais, tanto no que diz respeito aos atletas, como técnicos e/ou dirigentes esportivos.

Por outro lado, significou igualmente uma incrível oportunidade de, qualificando os professores em diversas áreas do conhecimento científico, tecnológico e acadêmico, catapultar nosso Programa de Pós-Graduação com a formação de massa crítica que potencializou seu funcionamento em uma fase ainda incipiente. Ali começava mais efetivamente um investimento importante da ESEF na qualificação de seus professores.

Sem dúvida foi uma experiência inesquecível e única para todos os envolvidos. Esse período nos permitiu além de tudo um banho de humildade na medida em que nos remeteu a tornar a viver como estudantes. Alguns de nós, apesar de já terem ocupado cargos importantes em seus diversos campos de atuação, voltavam a ter contato com uma série de incertezas que iam desde a apreensão com motivações e deveres acadêmicos, até aspectos verdadeiramente existenciais como onde morar, escola para os filhos, choque cultural de todo o tipo que acabavam por dificultar consideravelmente nossa ambientação.

Nunca como então pudemos sentir na própria pele a dificuldade que se impunha pelo fato de sermos estrangeiros, e mais ainda, de virmos de um país da

²⁰ Nesse período chamava-se Escola de Educação Física. A gestão do professor Eduardo de Rose foi de 1991 a 1992.

América do Sul. As dificuldades eram concretas e serviram, para além de fazer-nos valorizar ainda mais a oportunidade, promover uma sólida rede de cooperação e amizade entre nós e nossas famílias. Isso não significa dizer que estávamos sempre juntos e que tudo acontecia como esperávamos o tempo todo. Não poucas foram as discussões e desencontros, mas deles saíamos via de regra, fortalecidos pessoal e profissionalmente.

Esportivamente falando, éramos de modalidades diversas (basquete, judô, atletismo, futebol, psicologia do esporte, pedagogia e motricidade infantil), o que nos levou a vivenciar uma programação esportiva bastante diferenciada. Os ambientes e os tempos não podiam ser mais efervescentes e ricos. Dois anos antes dos Jogos Olímpicos, e muito especialmente, no último ano, multiplicavam-se os eventos multiculturais nessa cidade.

Quase toda a semana tinha algum campeão do mundo e/ou olímpico aterrissando na cidade para simples apresentação ou temporada de treinamento, grandes treinadores chegando para ministrar cursos ou palestras, competições teste, seminários e congressos mundiais, enfim, agenda carregada de atividades esportivas de todo o tipo.

Paralelamente aos fatos esportivos, salpicavam por todos os recantos da cidade e arredores, eventos culturais com artistas internacionais da mais alta expressão nos campos da música, dança, teatro, cinema e outras manifestações que constituíam uma verdadeira olimpíada cultural que arrastavam enormes multidões de fãs e admiradores. Barcelona transformara-se nesse momento na capital cultural da Europa e quiçá do mundo. A cidade já cosmopolita por natureza se tornara ainda mais sedutora nesse sentido.

Pródiga em espetáculos *callejeros*, diariamente éramos brindados com um clima de festa e arrebatamento. Shows pirotécnicos incríveis, *castellers* (manifestação da tradição típica da *Catalunya*), grandes concertos, artistas locais e do mundo todo esparramados pelas ruas davam ainda mais cores à cidade.

No aspecto relacionado ao urbanismo, Barcelona cresceu em dez anos, o que outras cidades levariam cem anos para crescer. Anéis viários gigantes desfogavam o trânsito e encurtavam tempos e distâncias; investimentos colossais



na rede hoteleira, aeroportos, porto, parques, praias, além é claro, as edificações olímpicas, cresciam espantosamente e conferiam uma ambientação maravilhosa à cidade sede dos Jogos Olímpicos de 1992.

Numa outra ordem de coisas e, retornando à ideia de descrever um pouco o que significou para cada um de nós essa experiência olímpica, gostaria de recuperar um pouco dos depoimentos²¹ de meus colegas sobre suas respectivas vivências em Barcelona.

Figura 2 - Fotografia de Eduardo Henrique de Rose, Benno Becker Júnior, Élio Salvador Praia Carravetta, Airton da Silva Negrini, Francisco Xavier de Vargas Neto e Mário Roberto Generosi Brauner em entrevista concedida para o projeto Garimpando Memórias (2013)



Fonte: Repositório Digital da UFRGS.

FRANCISCO XAVIER DE VARGAS NETO (CHICO)

Modalidade: Judô

Período em Barcelona: janeiro de 1990 a dezembro de 1994 aproximadamente.

Tese: "As atividades físico-desportivas e o novo paradigma da saúde – síntese atual"

²¹ NEGRINE, Airton da Silva et al., 2013. Essa entrevista coletiva foi organizada pelo professor Mário Brauner e pela equipe do Centro de Memórias do Esporte.

Foi dirigido pela Dra. Montserrat Fortuny e esteve chancelado pelo Departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona. Foi bolsista do CNPq²².

Solicitado a comentar alguns dados importantes de sua participação, destacou ter tomado parte nas equipes de Controles Médicos *Antidoping* na modalidade de Judô. As competições ocorreram no Palau San Jordi, e no Ginásio do F.C. Barcelona²³, onde também aconteceram treinamentos e competições de Hóquei e Patinação.

Considerou a competição maravilhosa, pois ao participar *in loco* pode estar junto dos maiores judocas e treinadores do planeta. Teve oportunidade igualmente de acompanhar os treinamentos das equipes de Judô do Japão, Rússia, França e logicamente, do Brasil.

Fato marcante foi a vitória, medalha de ouro, de certa forma inesperada de Rogério Sampaio²⁴, atleta paulista da categoria leve, vencendo de forma brilhante seus renomados adversários europeus e asiáticos.

Afirma o Prof. CHICO: “Vibramos muito e tive a grata oportunidade de acompanhá-lo no exame antidoping. Creio ter sido este momento, juntamente com a medalha de ouro de Aurélio Miguel em Seul, 1988, o início do judô brasileiro em sua caminhada para o reconhecimento internacional que hoje desfruta”.

Sobre sua experiência em Barcelona comenta: “Foi uma experiência maravilhosa e recompensadora, pois morar fora do país e voltar a ser estudante depois de muitos anos como professor, e ser tratado como aluno e ainda mais como “estrangeiro”, é algo não muito fácil...”

ELIO CARRAVETA

Modalidade: atletismo

Período em Barcelona: novembro 1991 – setembro 1995

²² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

²³ Futbol Club Barcelona.

²⁴ Rogério Sampaio Cardoso.

Tese: “Deporte y Control Social - Aproximación Socio-Pedagógica”

Foi dirigido pelo Dr. Conrad Vilanou estando chancelado pelo Departamento de Teoria e Historia da Educação da Universidade de Barcelona. Foi bolsista do CNPq.

Participou na condição de aluno em vários cursos direcionados à área do treinamento esportivo, história, sociologia, filosofia e antropologia no período pré-olímpico. O número reduzido de participantes nos cursos das Ciências Humanas pareceu evidenciar a menor importância dada a essas áreas em relação aos cursos com conteúdos mais técnicos ou biológicos naquele período.

Como “Voluntário Olímpico” participou na modalidade de Atletismo e pode acompanhar a alegria dos espanhóis com a vitória de Fermin Cacho²⁵ na prova de 1500m rasos e de Daniel Plaza nos 20km de marcha atlética. Da mesma forma, viveu a decepção dos aficionados do atletismo, pelo fracasso de Serguei Nazarovitch Bubka na prova de salto com vara. A expectativa era elevada, pois o atleta havia conquistado a medalha de ouro na edição anterior (Seoul 1988) e trazia em sua bagagem seis vitórias consecutivas e a quebra de 35 recordes mundiais.

No período pós-olimpíada continuou sua participação em muitos eventos, entre os quais destaca dois que muito marcaram sua trajetória profissional: Iniciación en Medicina y Ciencia del Deporte (Córdoba) y Atualizació en Medicina de L'esport (Barcelona).

Como técnico de atletismo sempre acalentou o sonho de ter um atleta seu figurando na equipe olímpica brasileira. Como fato curioso neste sentido, destaca com orgulho a façanha de seu pupilo Volmir Herbestrieth, que após tentar sem êxito índice para os Jogos Olímpicos de Barcelona, apenas meio ano depois (março de 1993), vencia espetacularmente a Maratona Pós Olímpica de Barcelona, com 3200 participantes, obtendo o tempo de 2h13min e 25seg, apenas 2 segundos acima do tempo alcançado pelo último vencedor olímpico Hwang Young- Cho (2h13min e 23seg).

²⁵ Fermin Cacho Ruiz.

Aquela conquista histórica representou uma visibilidade importante para todos nós brasileiros presentes naquele momento, e direta ou indiretamente serviu para nos encher de moral para o restante de nossa caminhada.

Nos anos de 1994 e 1995, Carraveta realizou ainda um estágio de observação no F.C. Barcelona que lhe permitiu manter as melhores relações profissionais e que lhe permite encontrar as portas abertas desse clube até os dias de hoje.

O professor faz questão de mostrar sua gratidão e reconhecimento à Universitat de Barcelona nas pessoas dos professores Dr. Alejandro Sanvisens Marfull (in memoriam) e Dr. Boaventura Delgado (in memoriam), além de seu mestre e sempre orientador Dr. Conrad Vilanou.

BENNO BECKER JUNIOR

Modalidade: futebol

Período em Barcelona: janeiro 1992 – agosto 1996

Tese: “El efecto de técnicas de imaginación sobre patrones eeg, frecuencia cardíaca y en el rendimiento de practicantes de baloncesto con puntuaciones altas y bajas en el tiro libre”

Foi dirigido pelo Dr. Carles Grau I Fonollosa e chancelado pelo Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universitat de Barcelona. Foi bolsista do CNPq.

Foi convidado como os demais colegas para atuar como “Voluntário Olímpico” nos Jogos de Barcelona pelo Dr. Eduardo Henrique De Rose, Presidente da Federação Internacional de Medicina do Esporte e seu colega no Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX).

Atuou na área do futebol, tendo como base o estádio do “Camp Nou” (F.C. Barcelona), e considerou aquela uma experiência importante na medida em que o integrou com vários profissionais de outros países e diretores da FIFA o que possibilitou aumentar seus conhecimentos técnicos e de gestão, além daqueles

mais relacionados com os fatores psicológicos e fisiológicos que interferem numa competição de alto nível.

Para a realização de sua tese, foi necessário um estudo piloto em Barcelona que foi conseguido através da cooperação da Direção e de alguns professores do Instituto Nacional de Educação Física da *Catalunya* (INEFC) em 1993-1994 nas magníficas dependências olímpicas de Montjuic.

Por sua experiência internacional como presidente da Sociedade Sul Americana de Psicologia do Esporte teve oportunidade de no período em que esteve em Barcelona reforçar vínculos pessoais e profissionais com colegas do mundo todo, inclusive oportunizando aos colegas professores Chico e Carraveta uma participação como professores convidados em aulas de Pós-Graduação em curso da Universidade de Córdoba, no sul da Espanha.

Benno destaca ainda, que ao seu modo de entender, ele e seus colegas da ESEF mesmo sendo profissionais experientes, tiveram todos que usar suas ferramentas, montar suas estratégias psicológicas para driblar as adversidades resultantes de estar no estrangeiro e ter de alguma forma que voltar a sua vida de estudantes e resolver todos os problemas decorrentes dessa condição.

Acredita finalmente, que todos nós acabamos por superar o preconceito inicial dos catalães para com os brasileiros, considerando que nossa passagem por lá certamente contribuiu para que eles mudassem sua opinião sobre o Brasil e os brasileiros.

MARIO ROBERTO GENEROSI BRAUNER

Modalidade: basquete

Período em Barcelona: janeiro 1990 – maio 1994

Tese: “O professorado nos programas de iniciação ao basquete: análise empírica e proposta pedagógica”

Fui dirigido pela Dra. Núria Puig i Barata e chancelado pelo Departamento de Teoria e História da Educação da Universitat de Barcelona. Bolsista do CNPq.

Considero que a experiência acadêmica e esportiva em Barcelona foi um divisor de águas em minha vida pessoal e profissional. Se por um lado trouxe inúmeras dificuldades decorrentes da falta de experiência da vida como estrangeiro, por outro, permitiu que eu e minha família pudéssemos crescer no mais amplo sentido.

As dificuldades iniciais representadas por um tempo sem bolsa (tínhamos aprovação no mérito, porém o CNPq não tinha dinheiro), a incerteza de lugar para morar, a busca por um orientador, uma relação inicial difícil com os catalães que constituem uma sociedade fechada e, as voltas com a valorização de princípios nacionalistas que tornam o ingresso de estrangeiros ainda mais complicado, deu lugar a uma profunda sensação de realização.

Fomos todos de nossa família mordidos pela mosquinha azul que nos faz valorizar um mundo sem fronteiras, carregado de valores transculturais quase sempre presentes em cada nova viagem. Barcelona definitivamente ficou tatuada em nossas vidas.

Além da experiência acadêmica que me permitiu conhecer bem de perto a realidade das práticas pedagógicas no esporte da Catalunya, fiz um estudo observando a teoria e a prática dos treinadores de basquete de 10 instituições (clubes e parques), que permitiu que me aproximasse de colegas europeus de diferentes áreas do conhecimento. Sem dúvida foi um período de muita aprendizagem.

Tive oportunidade de acompanhar de perto a mudança de sede do INEFC, de Castedefells para Montjuic, e posso dizer que assisti de forma privilegiada todo o processo de instalação das edificações olímpicas em Montjuic (Estadio Olímpico, Palácio de Esportes Saint. Jordi, onde o Brasil conquistou seu primeiro título olímpico de vôlei, e sede do Museu Olímpico, o complexo aquático e, o próprio INEFC).

Serei eternamente grato a todo o quadro de professores, alunos e funcionários do INEFC que me permitiram passar aqueles anos estudando e fazendo parte de sua comunidade como se fosse um deles. Não tenho dúvidas em



afirmar que tal condição foi responsável por eu ter chegado ao final de meu trabalho com a melhor estrutura possível.

Por outro lado, gostaria de destacar um fator que considero muito importante no desenvolvimento do esporte espanhol em geral, suas diferentes Associações de Treinadores. Elas promovem regularmente cursos e congressos que proporcionam a seus associados uma evolução permanente em métodos e técnicas de trabalho.

Afora essa formação regular e sistemática que classifica em diferentes níveis os diversos profissionais, editam revistas especializadas do mais alto nível. Também os sites da Escola de Treinadores Espanhóis (EEEB) e da Federação Espanhola de Basquete são muito ricos em material técnico, tático, regulamentares e psicológicos.

Como treinador e professor de basquete, tive um conjunto de experiências de treinamento e competição na modalidade, que me transformaram no mais amplo sentido. Passei quatro anos e meio acompanhando uma equipe espanhola de alto nível (Juventud de Badalona) em seus treinos e jogos de competições nacionais e continentais. Acompanhei jogos e treinos de diversas equipes e várias categorias do basquete espanhol, tudo culminando com os Jogos Olímpicos e as exposições do Dream Team Americano que reunia Magic Johnson²⁶, Michael Jordan²⁷, Larry Bird²⁸ só para ficar entre essas três emblemáticas figuras sempre presentes nas discussões sobre o melhor jogador do mundo em todos os tempos, e que representaram para todos aficionados aquilo que a imprensa espanhola muito bem soube representar em suas manchetes pós Olimpíada: "EL DREAM TEAM ES ORO PURO!".

Apesar de ótimas equipes, as representações dos demais países disputaram quase que um torneio a parte pelas demais posições sendo que a Croácia com Petrovic²⁹, Kukoc³⁰ e Radja³¹ brilhando intensamente ficou com a medalha de

²⁶ Earvin "Magic" Johnson Junior.

²⁷ Michael Jeffrey Jordan.

²⁸ Larry Joe Bird.

²⁹ Dražen Petrović.

³⁰ Toni Kukoč.

³¹ Dino Radja.

prata, enquanto que a Lituânia com seu gigantesco pivô Arvidas Sabonis³² obteve a medalha de bronze. O Brasil acabou em quinto lugar e teve seu atleta Oscar³³ obtido o título de cestinha da competição.

Desde nosso ponto de vista, essas experiências olímpicas significaram um verdadeiro divisor de águas em nossas carreiras acadêmicas e esportivas. Foi um tempo que serviu para tornar a todos protagonistas dessa história, um pouco mais **pessoas**, humanizando nossas trajetórias e nos tornando melhores pais, melhores amigos, e, por via de consequência, melhores profissionais.

Referências:

NEGRINE, Airton da Silva et al. **Depoimentos de Airton da Silva Negrini, Benno Becker Júnior, Eduardo Henrique De Rose, Elio Salvador Praia Carravetta, Francisco Xavier de Vargas Neto, Mário Roberto Generosi Brauner**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

³² Arvydas Romas Sabonis.

³³ Oscar Daniel Bezerra Schmidt.

Futebol feminino e os Jogos Olímpicos

Suellen dos Santos Ramos³⁴

Luiza Loy Bertoli Pereira³⁵

O ano de 2016 carrega um marco na vida de brasileiros e brasileiras, visto que os Jogos Olímpicos terão como sede a cidade do Rio de Janeiro. Das 28 modalidades que disputarão uma medalha olímpica encontra-se o Futebol Feminino. Apesar de estarmos prestes a presenciar a 31ª edição deste evento, as mulheres puderam competir nesta modalidade somente nos Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados em 1996. Desde então, têm participado de todas as edições completando, em 2016, sua sexta edição.

Não é de hoje que são identificadas diferenças entre homens e mulheres no esporte. Já que 108 anos separam a inserção das mulheres em relação aos homens nos Jogos Olímpicos Modernos. Por muito tempo elas tentaram se inserir no meio esportivo e foram impedidas, simplesmente porque o futebol era compreendido como uma modalidade esportiva não compatível com a sua natureza (GOELLNER, 2005). O Decreto-lei 3.199 de 1941, em seu art. 54, promulga que mulheres eram proibidas de praticar determinadas modalidades esportivas, entre elas, o futebol (MOURÃO; MOREL, 2008). Corroborando com o Decreto-lei, no ano de 1965 o Conselho Nacional de Desportos aprovou a deliberação número 7, dando instruções para as entidades esportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres, não permitindo a prática de lutas de qualquer natureza, o **futebol**, o futebol de salão, o futebol de praia, o polo-aquático, o polo, o *rugby*, o halterofilismo e o *baseball*. Sua revogação aconteceu somente em 1979, ou seja, quatorze anos após sua aprovação (GOELLNER, 2005). A partir desse momento, a

³⁴ Mestre em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

³⁵ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

modalidade foi ganhando força e voz dentro do país. Com o surgimento de equipes competitivas de mulheres e com o desenvolvimento do esporte a nível mundial, o Brasil iniciava uma caminhada rumo ao cenário futebolístico internacional.

Fundado em 1981, o Esporte Clube Radar, é uma das equipes pioneiras quando se trata de futebol feminino no Brasil. Grande parte de seu contingente, na ausência de uma seleção nacional, representava o país em competições internacionais. A Seleção Brasileira de Futebol Feminino foi convocada pela primeira vez no ano de 1988, para disputa do Mundialito de Futebol Feminino que aconteceu na China (ALMEIDA, 2014). Apoiadas na pressão internacional das nações que desenvolviam o futebol feminino e na crescente progressão da modalidade, as competições nacionais e internacionais ficaram cada vez mais constantes na década de 1990 e o esporte estreou pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em Atlanta, no ano de 1996. Em todas as edições dos Jogos Olímpicos em que o futebol feminino participou até então, houve a presença de representantes gaúchas nas convocações da seleção brasileira, incluindo medalhistas.

Jogos Olímpicos de Atlanta - 1996

O evento ocorreu do dia 20 de julho até o dia 03 de agosto de 1996 e de acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI) participaram oito equipes femininas: China, Japão, Estados Unidos, Dinamarca, Alemanha, Suécia, Noruega e Brasil, como único representante sul-americano. As equipes foram separadas em dois grupos: Grupo E - China, Estados Unidos, Suécia e Noruega, e Grupo F - Noruega, Brasil, Alemanha e Japão. Na sua primeira participação a seleção brasileira conquistou o 4º lugar da competição, perdendo a medalha de bronze para a China. A edição de Atlanta contou com a participação da gaúcha Márcia Taffarel, natural de Bento Gonçalves, nascida em 15 de março de 1968. A meio-campista iniciou jogando futebol aos 13 anos de idade no Bento Atlético Futebol Feminino. Em 1986 compôs a Seleção Gaúcha de Futebol, formada por atletas de times da Região Sul para disputar o Campeonato de Seleções, que aconteceu em



Campinas no mesmo ano. Entre os anos 1987 e 1992 integrou a equipe do Saad Esporte Clube (fundada em 1985, na cidade de Indaiatuba – São Paulo), o que deu passagem para a Seleção Brasileira. Defendeu o Brasil em duas Copas do Mundo da FIFA (1991 e 1995). Márcia relata que havia uma grande expectativa para participação nos Jogos Olímpicos como forma de representar seu estado e país: “Finalmente vou representar meu país, representar meu estado, vou brigar por uma medalha e vou participar de uma abertura de Olimpíadas” (TAFAREL, 2015 p. 17).

Em entrevista concedida ao Centro de Memória do Esporte, a atleta destaca a importância de participar de um evento como os Jogos Olímpicos, visto que deixa um legado histórico em sua vida pessoal:

É um momento histórico, é uma coisa super legal [...] poder contar que eu fui jogadora da seleção brasileira [...], você ter na sua memória que participou dos Jogos Olímpicos é fenomenal, uma experiência única que você leva para a vida, é uma coisa que guarda, que marca você de uma forma muito intensa (TAFAREL, 2015 p. 20).

Márcia Tafarel encerrou sua atividade como jogadora em 1998 no São Paulo F.C. e seguiu como treinadora de futebol de salão na Associação Sabesp – Escola de Futebol. Atualmente, permanece envolvida com o futebol, treinando meninas no *Diablo Futbol Club* na Califórnia (EUA), onde reside.

Figura 1 - Márcia Tafarel como assistente pontual da seleção brasileira em 2015.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wtjjV-C4TgU>

Jogos Olímpicos de Sidney - 2000

Os Jogos Olímpicos de Sidney foram realizados entre os dias 13 de setembro e 01 de outubro de 2000 e, da mesma forma que na edição anterior, oito países participaram da competição: Noruega, Estados Unidos, Alemanha, Brasil, China, Suécia Austrália e Nigéria. Duas gaúchas fizeram parte da delegação brasileira: Marlisa Wahlbrink (Maravilha) e Raquel Noronha.

Maravilha, como é popularmente conhecida, nasceu na cidade de Constantina, de onde saiu quando tinha 21 anos para fazer teste na equipe do Esporte Clube Cruzeiro, de Porto Alegre. A equipe tinha por objetivo participar da Taça Brasil de Futebol em 1994 e Marlisa foi selecionada para compor o elenco. Iniciou no futebol como centro-avante, mas quando foi convocada para a Seleção Brasileira jogava pelo Saad atuando como goleira, posição que jogou na Copa do Mundo da FIFA realizada em 1995 na Suécia.

Figura 2 - Maravilha em fase de treinamento com a seleção brasileira.



Fonte: http://www.vice.com/pt_br/read/onde-vao-parar-as-craques-do-futebol-feminino-brasileiro

Em nossas pesquisas encontramos poucas informações sobre a participação olímpica da Raquel Noronha. Volante, nascida em Porto Alegre, teve passagem pela equipe do Sport Clube Internacional e integrou a Seleção Gaúcha no ano de 1994. Migrou para São Paulo e jogava pelo Santos Futebol Clube em 1997

quando foi convocada pela primeira vez para Seleção Brasileira. Disputou a Copa do Mundo de 1999, sediada nos Estados Unidos e apenas esta edição dos Jogos Olímpicos.

Assim como em Atlanta, as brasileiras finalizaram o evento em 4º lugar, perdendo a medalha de bronze para a seleção da Alemanha, equipe que foi considerada como a com melhor defesa nesta competição.

Figura 3 - Eduarda Luizelli, Raquel Noronha e Isabel Nunes³⁶.



Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Luizelli.

Jogos Olímpicos de Atenas - 2004

Os Jogos Olímpicos de Atenas foram marcados pelo aumento do número de países participantes na modalidade, 10 seleções entraram na disputa. A equipe brasileira compunha o Grupo "G" junto com Austrália, Estados Unidos e Grécia. Outro fato marcante desta edição foi a conquista inédita de uma medalha para a seleção brasileira de futebol feminino. Em sua primeira final olímpica, a seleção deixou escapar na prorrogação da partida, a medalha de ouro para a equipe norte-americana. Ainda assim, saíram vitoriosas com a medalha de prata, tendo em vista todos os enfrentamentos vividos pela realidade do futebol de mulheres no Brasil. Além, da equipe apresentar o melhor ataque da competição, com 15 gols

³⁶ Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) e Isabel Cristina Nunes (Bel) foram companheiras de Raquel Noronha na Seleção Gaúcha e também tiveram passagem pela Seleção Brasileira.

marcados, Cristiane³⁷ sagrou-se artilheira da competição ao lado da alemã Birgit Prinz, cada uma com 5 gols marcados.

Maravilha, apesar de afastada dos gramados após o encerramento das atividades da Associação Portuguesa de Desportos (São Paulo), participou pela segunda vez dos Jogos Olímpicos, sendo a única atleta gaúcha participante da delegação que foi a Atenas. Com 31 anos, a goleira dava passagem a Andrea Suntaque, com quem disputava a vaga de titular na equipe comandada por René Simões. Os Jogos Olímpicos de Atenas marcaram a despedida de Maravilha da seleção brasileira visto que após a finalização da competição abandonou os campos como jogadora. Atualmente, segue envolvida com futebol, atuando como preparadora de goleiros no Estado de Santa Catarina, onde reside.

Jogos Olímpicos de Pequim - 2008

Na convocação para os Jogos Olímpicos de Pequim, uma nova representante gaúcha se apresentava: a lateral Maurine Dorneles Gonçalves. Nascida na cidade de Rio Grande, no ano de 1986, atuou pelo Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense antes de transferir-se para São Paulo em busca de novas oportunidades, já que o clube gaúcho encerrou as atividades do Departamento de Futebol Feminino no ano de 2002. Com 17 anos a atleta já defendia a seleção brasileira nas categorias de base e participou de sua primeira Olimpíada em 2008, estando com 22 anos. Nesse período, era atleta do Santos Futebol Clube, equipe na qual foi Bi-campeã da Copa do Brasil (2008 e 2009) e Bi-campeã da Copa Libertadores da América (2009 e 2010). Além de atuar pelo time alvinegro paulista, Maurine jogou também pela equipe da Ferroviária de Araraquara, onde foi mais uma vez campeã da Copa do Brasil (2014), Centro Olímpico (SP), New York Flash (EUA) e pela equipe do Flamengo (RJ), campeã do Campeonato Brasileiro de 2016.

³⁷ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

Figura 4 - Maurine em fase de treinamento na Granja Comary.



Fonte: <http://www.jogandojuntos.com.br/2015/06/mundial-de-futebol-feminino-chega-as-oitavas-de-final/>

Repetindo a final dos Jogos Olímpicos de 2004, Estados Unidos e Brasil levaram a decisão dos Jogos Olímpicos para prorrogação e novamente as norte-americanas saíram vitoriosas pelo placar de 1 x 0. Outra vez, o futebol brasileiro bateu na trave na busca pela medalha de ouro. Cristiane, novamente com 5 gols, destacou-se como a artilheira da competição, mas desta vez de forma isolada.

Jogos Olímpicos de Londres - 2012

Disputado entre os dias 25 de julho e 09 de agosto, a seleção brasileira contou mais uma vez com a presença da gaúcha Maurine e também com a estreante nesta competição, Daiane Menezes Rodrigues (Bagé). Nascida no ano de 1983, na cidade homônima ao seu apelido, Bagé atuou nas equipes do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, além de ABD Botucatu e São José Esporte Clube, ambas de São Paulo. Disputou com a Seleção Brasileira o Pan-Americano do Rio de Janeiro, realizado em 2007 (medalha de ouro), a Copa do Mundo de 2007 na China (medalha de prata) e a Copa do Mundo de 2011 que aconteceu na Alemanha, onde ficou como 6º colocada na classificação.



Nos Jogos Olímpicos de Londres, pela primeira vez, as brasileiras não entraram na disputa por uma medalha. A equipe de Jorge Barcellos finalizou os Jogos em 6º lugar após ser derrotada pela equipe do Japão nas quartas-de-final, consagrando a sua pior participação nesta competição. A gaúcha Bagé relata o sentimento de frustração em não ter alcançado o pódio com a equipe olímpica: “Acho que tanto no Mundial quanto nas Olimpíadas a gente poderia ter chegado mais longe. Essa questão de ter ganho já é mais complexa, mas ter chegado mais longe, a gente poderia ter chegado” (RODRIGUES, 2015, p.25).

Figura 5 - Daiane Rodrigues (Bagé).



Fonte: <http://futebolfeminino.museudofutebol.org.br/teste/?p=349>

Ainda assim, o evento em Londres decretou Cristiane como a maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos totalizando 12 gols marcados. E pela quarta vez, as norte-americanas conquistaram a medalha de ouro. Importante destacar que a partida entre Brasil e Grã-Bretanha realizada no Estádio de Wembley abrigou um público superior a 70 mil pessoas.

Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro - 2016

As expectativas para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 já transbordam entre os habitantes do país. Diversas modalidades se preparam para



o evento que terá início no dia 5 de agosto. O tão esperado ouro olímpico provocou algumas ações por parte da entidade que coordena o futebol no Brasil. A fim de melhor preparar as atletas para os campeonatos internacionais, principalmente, os Jogos Olímpicos de 2016, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) implementou para o futebol feminino uma Seleção Permanente. O projeto, em seu início, consistia na contratação de 27 jogadoras que atuavam em tempo integral para a Seleção Brasileira. A primeira convocação desta seleção aconteceu em janeiro de 2015 e contou com a presença das gaúchas Monica Hickmann Alves e Andressa Machry, que desde então fazem parte do grupo seleta que irá participar das Olimpíadas do Rio 2016.

A zagueira Mônica nasceu em Porto Alegre, no ano de 1986, iniciou jogando futebol com seus amigos na rua e na escola. Vislumbrou a possibilidade de se tornar uma jogadora de futebol quando ingressou na equipe do Sport Club Internacional em 2003. Em 2006 integrava a equipe nacional que disputava a Copa do Mundo da FIFA para categoria sub-20. Migrou para Áustria e atuou durante cinco anos no time SV Neulengbach, e ao retornar para o Brasil estava decidida a vestir novamente a camiseta da seleção brasileira, fato que ocorreu em junho de 2014 quando defendia a equipe da Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara.

Figura 6 - Monica em fase de treinamento na Granja Comary.



Fonte: Acervo pessoal de Monica Hickmann Alves.

Em entrevista realizada para o Projeto Garimpando Memória, falou da expectativa da criação de uma Seleção Permanente visualizando a participação nos Jogos do Rio: “Minha perspectiva é boa, acredito que com essa Seleção permanente nossas chances cresçam bastante no Mundial, em um Pan, em uma Olimpíada” (2015, p.21).

Já Andressa, é considerada a nova promessa do futebol brasileiro. A meia-atacante nasceu na cidade de Roque Gonzales em 1995 e iniciou jogando nos campos do Esporte Clube Pelotas até transferir-se para Santa Catarina com apenas 15 anos de idade, onde atuou pela equipe da Sociedade Esportiva Kindermann da cidade de Caçador, entre os anos de 2010 e 2015. Andressinha integra a seleção brasileira desde as categorias de base: sub-17 e sub-20, disputou competições internacionais como Mundiais e Campeonatos Sul-Americanos. Na competição sul-americana sagrou-se bi-campeã tanto na categoria sub-17 quanto na categoria sub-20. Em 2015 se uniu as demais atletas da seleção permanente e recebeu a oportunidade de atuar por uma equipe da *National Women's Soccer League* dos EUA, o *Houston Dash*.

Figura 7 - Andressinha com o troféu do campeonato Sul-americano de 2015.



Fonte: <http://www.radiosaoluiz.com/noticias/ver/cat/4/id/12644/andressinha-e-titular-na-estrela-da-selecao-femini.html>

Em todas as cinco edições realizadas de Jogos Olímpicos, houve presença de jogadoras gaúchas no elenco da seleção brasileira. O futebol de mulheres é caracterizado por um domínio do eixo Rio-São Paulo na seleção nacional, visto que há campeonatos organizados e investimentos de clubes e empresas para o futebol feminino. No Rio Grande do Sul não há amparo nem incentivo para a modalidade, sendo assim, a presença dessas gaúchas na seleção nacional se faz significativo. A participação dessas jogadoras em um evento de tão grande porte como são os Jogos Olímpicos acarreta em uma representatividade perante as novas gerações de futebolistas que abrigam o mesmo sonho de Márcia, Marisa, Raquel, Maurine, Daiane, Mônica e Andressa: ser uma jogadora de futebol e participar dos Jogos Olímpicos.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. O Clube da Rua Mascarenhas de Morais: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana. Ponto Urbe 14. **Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 14, 2014. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1433>. Acesso em: 09 agos. 2016.

ALVES, Mônica Hickmann. **Depoimento de Mônica Hickmann Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

RODRIGUES, Daiane Menezes. **Depoimento de Daiane Menezes Rodrigues**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

TAFAREL, Márcia. **Depoimento de Márcia Tafarel**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

Atletas e treinadores gaúchos no futebol olímpico

Gustavo Henrique Ribas Bernardi³⁸

Luiza Aguiar dos Anjos³⁹

O futebol foi inserido pela primeira vez nos Jogos Olímpicos como forma de esporte demonstrativo, realizado apenas por homens, na sua segunda edição, realizada em Paris, no ano de 1900. Havia apenas cinco equipes na disputa de exibição: França, Suíça, Bélgica, Reino Unido e Alemanha. Foram realizados quatro jogos. Nessa edição, por não se tratar de uma modalidade ainda de caráter competitivo, as equipes não foram premiadas com medalhas. A equipe vencedora de cada partida recebia como recompensa uma obra de arte e todos os jogadores recebiam lembranças (GIGLIO, 2013, p. 129).

Figura 1 - Partida entre Reino Unido e França na exibição de futebol, nos Jogos Olímpicos de Paris (1900)



Fonte: <http://www.olympic.org/multimedia-player/all-photos/1900/01/01/raahc074/>.

³⁸ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

³⁹ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

Em 1908, o futebol deixou de ser um esporte demonstrativo e passou a ser, então, um esporte olímpico. A modalidade, contudo, continuou restrita aos homens, sendo que as mulheres tiveram sua estreia apenas em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Ainda que essa participação seja importante, nesse texto focaremos especificamente na participação de gaúchos no futebol masculino.

Na primeira edição que contemplou o futebol como modalidade olímpica, em Londres no ano de 1908, houve uma mudança na organização da competição: a disputa da modalidade deixou de ser apenas promovida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e passou a ser regulamentado também pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Vale lembrar que uma das normas estabelecidas pelo COI era a de que os jogadores que disputavam os jogos não poderiam ser profissionais, restringindo a disputa a atletas amadores. Conforme explica Sérgio Giglio, o COI considerava amador “aquele que não recebesse remuneração ou consideração de qualquer espécie a mais do que as despesas necessárias para pagar o hotel e a viagem, ou aquele que não estivesse registrado como profissional” (2013, p. 138).

É necessário contextualizar que naquele momento histórico o futebol no Brasil, assim como outros esportes, era uma atividade tradicional das elites e o amadorismo era um princípio valorizado e adotado pelos principais clubes brasileiros que disputavam os torneios da época. A modalidade, ainda que em ascensão, também não tinha o alcance e popularidade que apresenta hoje em dia.

Esse panorama sofreu significativas mudanças ao longo dos anos. No momento do surgimento da Copa do Mundo da FIFA, em 1930, o cenário já era outro. O futebol já era uma modalidade mais popular e o profissionalismo, já presente em algumas agremiações, tinha cada vez mais defensores (MOURA, 2010; RIGO, 2001). Situação similar era observada também em outros países indicando que o amadorismo estava com os dias contados (MOURA, 2010).

Nesse contexto, com o passar do tempo tornou-se mais frequente a obtenção de contratos com clubes por parte dos melhores atletas mundiais, os quais começaram a se tornar profissionais. Assim sendo, tais jogadores não podiam participar dos Jogos Olímpicos, mas a participação na Copa do Mundo,

por sua vez, era permitida. O segundo torneio, assim, enquanto disputa futebolística, por reunir os principais nomes da modalidade, sendo inclusive conhecidos do público por jogarem nos clubes, se torna uma competição mais atrativa do que os Jogos Olímpicos.

A primeira participação brasileira nos Jogos aconteceu na edição de 1952, realizada em Helsinque, curiosamente dois anos após a Copa do Mundo de Futebol ocorrida no Brasil. Se na Copa o Brasil chegou perto do título, perdendo na final para o Uruguai, nos Jogos Olímpicos o país ficou apenas em 5º lugar, perdendo nas quartas de final para a Alemanha. O campeão Uruguai, por sua vez, nem disputou o torneio olímpico.

Vale a pena ressaltar que essa edição dos Jogos Olímpicos ocorre no período da Guerra Fria, onde os Estados Unidos da América e a União Soviética tentavam provar sua hegemonia perante o mundo, uma disputa que se desdobra, também, no contexto esportivo. Especificamente no caso do futebol, a discussão entre amadorismo e profissionalismo ganha força devido à denúncia de que os times soviéticos não eram amadores (GIGLIO, 2013). Os jogadores soviéticos possuíam vínculos trabalhistas com o Estado, porém na prática dedicavam todo o seu tempo para o futebol.

A primeira participação gaúcha no futebol olímpico acontece apenas em 1972, nos Jogos olímpicos de Munique, com Bolívar Modualdo Guedes, Manoel da Silva Costa e Pedro Antonio Simeão. Esses atletas compunham a categoria de base de Grêmio de *Foot-Ball* Porto Alegre e *Sport Club* Internacional. Apesar desses vínculos, por não possuírem ainda um contrato profissional, os atletas eram considerados amadores e, assim, puderam participar dos Jogos Olímpicos.

Já no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o COI mudou seu posicionamento quanto as restrições estabelecidas à participação. Conforme discurso de Juan Antonio de Samaranch, presidente da entidade neste período, a ideia inicial era permitir que um profissional participasse dos Jogos Olímpicos, porém com a condição de disputar uma modalidade diferente daquela que ele exerce (GIGLIO, 2013). O dirigente apontou, ainda, que o uso da imagem de



profissionais ampliaria o interesse e a visibilidade dos Jogos, o que atrairia patrocinadores e investidores.

O primeiro ano em que alguma mudança se concretizou foi 1984, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. O critério adotado a partir daí consistiu em permitir atletas profissionais, mas com a condição de nunca terem participado de uma edição dos Jogos Olímpicos, condição essa que foi adotada em três ocasiões: Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932 e 1984) e de Seul (1988). A tese de Samaranch de que essa estratégia seria financeiramente vantajosa se concretizou, visto que os Jogos de 1984 conseguiram ser inteiramente financiados por diversos patrocinadores, ficando conhecida como os primeiros Jogos Olímpicos comerciais da história (GIGLIO, 2013).

Na década seguinte, nos Jogos Olímpicos de 1992, realizados em Barcelona, as regras para a participação de atletas profissionais se modificam novamente, sendo estabelecidos os critérios utilizados até hoje. A partir desta edição impõe-se um limite etário de no máximo 23 anos, com a possibilidade de inscrição de até três atletas com idade superior ao limite estipulado.

Considerando nosso envolvimento com a temática, entrevistamos cinco gaúchos que disputaram esse megaevento esportivo na modalidade futebol masculino, sendo dois treinadores – Luiz Antônio Wenker de Menezes (Mano Menezes) e Ivo Wortmann – e três jogadores – Francisco Fraga da Silva (Chico Fraga), Jorge Luiz da Silva Brum (Pinga) e Aloísio Pires Alves.

Em seu relato, o Mano Menezes destacou a especificidade do futebol frente a outras modalidades disputadas nos Jogos Olímpicos, que em boa medida é influenciada pelas restrições da participação estabelecidas pela idade.

A participação do futebol nos Jogos Olímpicos é bem diferente das outras modalidades, ou a maioria das outras modalidades, porque o futebol pelo status que adquiriu, pela maneira que é conduzido nacionalmente e internacionalmente, pela grandeza do país, pelas dificuldades de calendário que temos, vive uma situação muito peculiar. Você não consegue no Brasil um projeto olímpico para o futebol, porque é impossível realizá-lo. A maioria dos jogadores que você convoca hoje, que são de idade sub-23, todos são titulares dos grandes clubes do país e de fora do país. Então você não consegue criar datas para fazer convocações para

esses jogadores de forma diferente da seleção principal (MENEZES, 2013, p. 7).

Assim, o critério etário acaba dificultando a preparação da equipe que disputará os Jogos Olímpicos, visto que a seleção principal é tratada como prioritária. Destacando os efeitos dessa situação não ideal para o grupo olímpico, o treinador lembra que na oportunidade em que ele comandava o Brasil (Jogos Olímpicos Londres - 2012), a seleção foi derrotada para o México, país que definiu essa competição como prioridade, levando, inclusive, um grupo de atletas sub-23 para a Copa América de 2011 como uma forma de preparação para participação nesse megaevento esportivo.

No que tange a participação dos atletas gaúchos, tanto no período amador quanto em anos recentes, verificamos que há a presença de jogadores do estado na maioria das edições dos Jogos, conforme podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Jogadores gaúchos que participaram dos Jogos Olímpicos

Edição	Jogador	Clube de formação	Clube em que jogava no momento da convocação	Idade nos Jogos Olímpicos
1972	Bolivar Modualdo Guedes	Grêmio	Grêmio	18 anos
1972	Manoel da Silva Costa	Internacional	Internacional	19 anos
1972	Pedro Antonio Simeão	Internacional	Internacional	19 anos
1976	João Batista da Silva	Internacional	Internacional	21 anos
1976	Francisco Fraga da Silva (Chico Fraga)	Internacional	Internacional	22 anos
1984	André Luis dos Santos Ferreira	Internacional	Internacional	25 anos
1984	Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga)	Internacional	Internacional	21 anos
1984	Gilmar Luís Rinaldi	Internacional	Internacional	25 anos

1984	João Leithardt Neto	Internacional	Internacional	26 anos
1984	Mauro Geraldo Galvão	Internacional	Internacional	23 anos
1984	Paulo Santos	Internacional	Internacional	24 anos
1984	Jorge Luiz da Silva Brum (Pinga)	Internacional	Internacional	19 anos
1984	Luís Carlos Winck	Internacional	Internacional	21 anos
1988	Aloísio Pires Alves	Internacional	Internacional	25 anos
1988	Cláudio André Mergen Taffarel	Internacional	Internacional	22 anos
1988	Luís Carlos Winck	Internacional	Internacional	22 anos
1996	Danrlei de Deus Hisnterholz	Grêmio	Grêmio	23 anos
2000	Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho Gaúcho)	Grêmio	Grêmio	20 anos
2008	Anderson Luís de Abreu Oliveira	Grêmio	Manchester United	20 anos
2008	Rafael Augusto Sóbis do Nascimento	Internacional	Real Betis	23 anos
2008	Renan Brito Soares	Internacional	Internacional	23 anos
2008	Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho Gaúcho)	Grêmio	Milan	28 anos

Fonte: Os autores

Nessa listagem, chama a atenção o expressivo número de atletas gaúchos (8) que compuseram o selecionado brasileiro que disputou os Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984). Isso se deve ao fato de que naquele ano quem representou o Brasil foi a equipe do Sport Club Internacional, apenas complementada por atletas de outros clubes. A convite da CBF, o Internacional cedeu para a seleção os onze atletas de seu time principal, dentre os quais oito eram gaúchos. Esta seleção, que ficou popularmente conhecida como "SeleInter" conquistou a segunda colocação, recebendo assim a primeira medalha do futebol olímpico brasileiro. Lembramos,



ainda, que a segunda colocação permanece como o melhor posto já conquistado pelo Brasil no futebol dos Jogos.

Figura 2 - Seleção brasileira de futebol que disputou os Jogos Olímpicos de 1984. Atletas de pé a partir da esquerda: Júlio Espinosa, Luis Carlos Wink, Gilmar, Ademir, Mauro Galvão, Aloísio e André Luis; Atletas agachados a partir da esquerda: Paulo Santos, Dunga, Kita, Milton Cruz e Silvinho.



Fonte: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=1&secao=7>

Não era a primeira vez que o Internacional ou o Rio Grande do Sul representavam o Brasil em um torneio de futebol. Em 1956, no Campeonato Pan-Americano foi um selecionado gaúcho predominantemente colorado que vestiu a camisa da seleção brasileira e conquistou o título do torneio. Na edição seguinte, na Costa Rica, novamente uma seleção gaúcha disputou o campeonato. E, em 1966, durante os preparativos da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo, uma Seleção Gaúcha ganhou a Taça O' Higgins, disputada com o Chile, em Santiago (GUAZZELLI, 2010).



Jorge Luiz da Silva Brum, conhecido no meio do futebol como Pinga, jogador que fez parte da “Seleinter”, enfatiza a manutenção do vínculo com o clube no episódio em que representaram a seleção nacional nos Jogos Olímpicos:

Ah, em primeiro lugar a gente estava representando o país em segundo lugar a gente estava representando um estado e em terceiro lugar a gente estava representando o Internacional, então a gente tinha essa responsabilidade de representar muito bem o nosso clube porque foi um clube escolhido entre vários outros do mesmo nível do Internacional. O Rio Grande do Sul, pelo Internacional estar aqui no Rio Grande do Sul, então um clube gaúcho, jogadores gaúchos, iriam representar o país em uma olimpíada e teriam que representar muito bem esse país e principalmente o estado (BRUM, 2015, p. 9).

Numa outra situação, agora num grupo composto por jogadores convocados oriundos de diversas equipes, Aloísio, jogador do Internacional que jogou a edição seguinte, em 1988, já minimiza o vínculo clubístico:

Acho que a seleção não tem Grêmio, Inter, não tem São Paulo, Flamengo, acho que é seleção né? Tu torce pelo teu país, ainda mais nas Olimpíadas, um jogo de medalha, a gente estava disputando uma medalha de ouro [...] acho que a gente conseguiu dar uma resposta boa e não ganhamos, como eu te falei, por detalhe. Tivemos muito perto. Acho que aquilo que a seleção fez, acho que representou muito bem o Brasil, principalmente os jogadores aqui do sul, acho que representaram bem (ALVES, 2015, p. 13).

Também na fala de Aloísio é possível notar certa decepção pela não obtenção do título, o que foi observável também nos depoimentos dos demais entrevistados. Conforme já mencionado, a melhor colocação brasileira até hoje foi o segundo lugar, obtida justamente nas três edições em que participaram três de nossos entrevistados: 1984 (Pinga), 1988 (Aloísio) e 2012 (Mano Menezes). Contudo, a fala de Chico Fraga, que obteve um quarto lugar em 1976, nos Jogos Olímpicos de Montreal, ao ser derrotado nas semifinais pela Polônia, é a que demonstra maior tristeza com a perda do título:

Sinceramente. É uma coisa que tem dentro de mim até hoje que eu não consigo acreditar como é que eu perdi a olimpíada, não consigo acreditar como é que a gente perdeu. Porque a gente

tinha um time muito bacana, era muito bom [...] (SILVA, 2014, p. 4).

Ainda que não seja visto como prioridade ante o título de uma Copa do Mundo, o título olímpico, sobretudo pelo ineditismo, é visto como um objeto de grande desejo da seleção brasileira de futebol masculino.

Foram recorrentes entre os entrevistados, também, os elogios quanto a experiência olímpica: as cerimônias de abertura e fechamento e, sobretudo, o convívio entre atletas de elite de vários esportes e de várias nacionalidades proporcionado no espaço da Vila Olímpica. “As olimpíadas realmente têm um clima espetacular dentro da vila. Em nível de convivência, de harmonia, de aprendizado é espetacular” (ALVES, 2015, p. 6). “Fiquei impressionado com isso. Grandes atletas do mundo caminhando na Vila Olímpica integrados com atleta desconhecido sem nenhuma pompa, sem nenhum privilégio. Isso foi o que mais me impressionou” (WORTMANN, 2014, p. 9). Nessa mesma linha, Mano Menezes lamenta o fato dos futebolistas não aproveitarem tal experiência tanto quanto os demais esportistas, visto que suas disputas não ocorrem apenas na cidade sede dos Jogos, mas em várias cidades do país que sedia o evento: “isso tira um pouco da oportunidade do futebol conviver com a Olimpíada” (2013, p. 9).

Assim, mesmo que os entrevistados mencionem constantemente a Copa do Mundo, reafirmando sua importância, todos destacam o valor da experiência de disputar os Jogos Olímpicos por aquilo que lhe é particular e que excede a disputa de uma competição. Comparando os dois maiores eventos da modalidade, Chico Fraga resume: “a Copa do Mundo não tem nada a ver com uma olimpíada, a olimpíada é diferente” (SILVA, 2014, p. 5).

Referências

ALVES, Aloísio Pires. **Depoimento de Aloísio Pires Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

BRUM, Jorge Luiz da Silva. **Depoimento de Jorge Luiz da Silva Brum (Pinga)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

GIGLIO, Sérgio. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2013.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Aurora**, v. 1, n. 9, 2010.

MENEZES, Luiz Antônio Wenker de. **Depoimento de Luiz Antônio Wenker de Menezes (Mano Menezes)**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930**. 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. 307f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2001.

SILVA, Francisco Fraga da. **Depoimento de Francisco Fraga da Silva**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

WORTMANN, Ivo Ardais. **Depoimento de Ivo Ardais Wortmann**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

A ginástica nos Jogos Olímpicos

Suélen de Souza Andres⁴⁰

Natália Bender⁴¹

“Desde seus primórdios, com gestos utilitários e rudimentares, até a atual concepção, com formas estilizadas, executadas nos limites humanos de destreza, as formas de expressão da ginástica percorreram um caminho que as levou a diversas interpretações” (Da Costa, 2005, p. 220).

A ginástica possui diversas modalidades, dentre as quais abordaremos duas: a ginástica rítmica e a ginástica artística, ambas compondo o rol dos esportes olímpicos. A ginástica rítmica é um esporte que reúne movimentos corporais com elementos do balé e dança teatral coordenado com aparelhos próprios desta modalidade, que são a corda, o arco, a bola, as maçãs e a fita. Nos Jogos Olímpicos a ginástica rítmica é praticada apenas por mulheres, todavia existe um movimento em países como Japão e Espanha, no qual meninos/homens praticantes da modalidade defendem sua inserção em competições oficiais. (COELHO, 2016)

A ginástica rítmica foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional em 1980 integrando os Jogos Olímpicos de Moscou, como modalidade de apresentação. Já nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), foi oficializada como esporte olímpico, portanto, na forma de competição. Nesta edição dos Jogos o

⁴⁰ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁴¹ Mestranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

Brasil tinha uma atleta entre as competidoras, a ginasta Rosana Favilla, que conquistou a 16ª colocação⁴² entre as 60 atletas participantes.

A primeira ginasta gaúcha a figurar nos Jogos Olímpicos foi Marta Cristina Schonhorst que participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), obtendo o 41º lugar na série individual. Oito anos mais tarde, outra gaúcha, Natalia Scherer Eidt, conquistou uma vaga no conjunto de fita e arco nos Jogos Olímpicos de Sidney (2000), garantindo o 8º lugar na competição por equipes.

Diferente da ginástica rítmica que teve sua inserção nos Jogos Olímpicos somente em 1980, a ginástica artística está presente desde 1912, nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, nesse primeiro momento exclusivamente masculino. As mulheres puderam competir na modalidade apenas em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã.

O primeiro ginasta gaúcho a competir nos Jogos Olímpicos foi Gérson Klippel Gnoatto, em Los Angeles (1984), feito que se repetiu somente 16 anos mais tarde com a presença de Daiane dos Santos na delegação que participou dos Jogos Olímpicos de Sidney (2000). No entanto, na última hora foi substituída por Camila Comin⁴³. Na edição seguinte, nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), a ginástica artística contou novamente com a atleta Daiane dos Santos e também de outro atleta gaúcho, o Mosiah Rodrigues. Além dos atletas participaram desses Jogos a treinadora Adriana Alves da equipe de Ginástica Feminina, e o treinador Leonardo Finco, da equipe de Ginástica Masculina. Dessa vez Daiane dos Santos conquistou a 9ª posição na categoria equipe e a 5ª colocação na categoria solo. Mosiah ficou com o 33º lugar geral.

Em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim, Daiane dos Santos registrou a sua terceira ida e a sua segunda participação nos Jogos Olímpicos, sendo a única gaúcha na modalidade, conquistando a 8ª posição na categoria equipe e o 6º lugar na categoria solo.

Nos Jogos Olímpicos de Londres (2012), atletas do Rio Grande do Sul integram a equipe brasileira de ginástica, dessa vez com duas atletas: a novata

⁴² Mais informações sobre o pioneirismo de Rosana Favilla podem ser acessadas em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2012/08/10/olimpiada-a-emocao-de-uma-pioneira/>. Acesso em: 08 jun.2016.

⁴³ Mais detalhes ver EIDT (2014).

Adrian Gomes e a veterana Daiane dos Santos que foi juntamente com a treinadora Adriana Alves.

Iniciação no esporte

Muitos especialistas acreditam que quanto mais cedo um/a atleta iniciar no esporte, mais chances terá de conquistar a excelência e com isso vitórias e títulos. Na ginástica essa premissa não é diferente, pois alguns autores acreditam, que quanto mais jovem o/a atleta começar, melhor será o desenvolvimento de sua flexibilidade e de suas capacidades coordenativas (ARKAEV; SUCHILIN, 2004 *apud* NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Esse início precoce foi mencionado nos entrevistas dos/as ginastas gaúchos/as, conforme podemos identificar nos enxertos abaixo:

Eu comecei bem cedo no esporte, aos sete anos de idade, já vindo da minha família, meu pai era atleta ginasta. E meu pai por ter feito ginástica colocou todos os filhos na ginástica, logo no início, sete anos, todos os filhos (GNOATTO, 2014, p. 1).

Eu comecei a praticar ginástica com cinco anos de idade, no colégio, em uma demonstração feita na escola, porque na minha escola a modalidade era demonstrada e eu me interessei e comecei a praticar, foi assim que começou (EIDT, 2014, p. 1).

Bom, iniciei no CETE com seis anos, comecei na Educação Física porque tinha ginástica. Fazia duas vezes na semana e a professora me viu, perguntou se eu queria participar dos treinos (GOMES, 2014, p. 1).

Apesar da preferência por um início precoce no esporte isso não é uma regra, visto que Daiane dos Santos e Leonardo Finco, começaram aos 12 e 11 anos respectivamente.

[...] a minha história com a ginástica é um pouco diferente da convencional, eu comecei a treinar com onze anos quando eu fui descoberta aqui. A gente estava gravando aqui no CETE⁴⁴, eu fui

⁴⁴ Centro Estadual do Treinamento Esportivo, Rio Grande do Sul.

descoberta aqui no CETE por uma professora que se chamava Cleusa de Paula, e dava treino aqui (SANTOS, 2014, p. 1).

Eu nasci no interior e na cidade em que eu nasci não existia, vim orar em Porto Alegre quando eu tinha doze anos, queria praticar um esporte aqui, me indicaram o CETE, na época eu vim conhecer o que tinha de esportes, que eram vários. Olhei para a ginástica, me apaixonei e a partir daí fui atleta, pouco, dos doze aos dezoito, depois entrei para a faculdade de Educação Física em função de sempre gostar de esporte, a partir daí parei de treinar, comecei a trabalhar com isso, virei treinador, eu comecei desde as categorias, trabalho com iniciação, com recreação, treinamento de crianças, adultos, até chegar à seleção (FINCO, 2013, p. 1).

Outro ponto a ser destacado sobre o início da trajetória esportiva da maioria dos/as ginastas gaúchos/as é a centralidade do Centro Estadual do Treinamento Esportivo (CETE), e do Grêmio Náutico União (GNU) na formação de atletas e treinadores/as.

Na verdade comecei na escola estadual, em Porto Alegre mesmo e eu comecei fazendo a parte de dança e de ginástica rítmica na escola, a professora da escola me encaminhou para o CETE, que é o centro de treinamento [...] ali eu comecei com a ginástica artística em 1981 (ALVES, 2014, p. 1).

A trajetória CETE-GNU só não fez parte da vida de uma das ginastas gaúchas, a Natália Scherer Eidt, que teve sua iniciação no Colégio Mauá da cidade Santa Cruz do Sul e fez parte da seleção de ginástica rítmica e também competiu pela Faculdade Unopar.

Participação nos Jogos Olímpicos

“A pérola da coroa do Olimpismo é a grande reunião dos atletas do mundo”
(FREITAS & BARRETO, 2008, p. 29)

Então é muito legal a experiência de tu participar dos Jogos e tu estar dentro da Vila Olímpica sabe? Tu estás vivendo com aquelas pessoas que tu olha, que também são ídolos [...] Então é um somatório de conhecimento, de troca de experiência que é fantástico (ALVES, 2013, p. 9).

Ah, eu vejo isso até hoje. Apesar de fazer muito tempo, eu vejo que essa experiência que eu tive, ainda mais para a área que eu escolhi que é a educação física, ela tem um peso enorme para conseguir reconhecimento (EIDT, 2014, p. 10).

A Olimpíada é muito especial, todo mundo que participa, independente do resultado, eu acho que já é privilegiado, porque pouquíssimas pessoas conseguem chegar assim (SANTOS, 2014, p. 6).

Outro ponto destacado em suas narrativas é a pressão e a expectativa de representar seu país, ainda mais na ginástica, na qual toda uma vida de treinamento se resume entre 90 a 150 segundos dependendo da modalidade.

[...] a gente tem aquele um minuto e meio, no caso o conjunto dois minutos e meio, para mostrar o que você treinou a vida inteira e se você errar põe tudo a perder, então é uma pressão muito grande antes de você entrar na quadra. Você não tem direito, não é que nem o jogo de futebol tem noventa minutos, tu deu o passe errado, você tem mais oitenta e nove minutos para concertar, fizeram outro gol, não, mas você pode fazer, tem tempo para... Na ginástica não existe isso, ou você acerta ou você acerta (EIDT, 2014, p. 8).

Nas entrevistas realizadas percebemos que muitos são os sentimentos que circulam antes, durante e depois da participação nos Jogos Olímpicos, resumido pela treinadora Adriana Alves como “o ponto final de um ciclo” (2013, p. 9). Entretanto não é o final de tudo. Alguns/Algumas seguem no esporte com o objetivo de participar em outra edição dos Jogos Olímpicos, outros retornam em outras funções e tem aqueles/as, que seguem outros rumos, no entanto todos/as tem algo em comum: lembranças guardadas em suas memórias sobre sua presença em um evento da magnitude dos Jogos Olímpicos.



Referências

ALVES, Adriana. **Depoimento de Adriana Rita Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

COELHO, Johanna Ermacovitch. **Inserção dos meninos no universo cultural da ginástica rítmica**: pesquisa-ação na Federação Rio-grandense de Ginástica. 2016. 111f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

EIDT, Natália. **Depoimento de Natália Scherer Eidt**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

FINCO, Leonardo. **Depoimento de Leonardo Finco**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. **Almanaque Olímpico SPORTV**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; COB Cultural, 2008.

GNOATTO, Gerson. **Depoimento de Gerson Klippes Gnoatto**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

GOMES, Adrian. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

NUNOMURA, M., NISTA-PICCOLO, V. L., EUNEGI, G. Ginástica olímpica ou ginástica artística? Qual a sua denominação? **R. Bras. Ci. e Mov.**, v. 12, n. 4, p. 69-74, 2004.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-14, jul./set. 2010.

SANTOS, Daiane dos. **Depoimento de Daiane Garcia dos Santos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

A presença gaúcha no handebol olímpico

Jamile Mezzomo Klanovicz⁴⁶

Suélen de Souza Andres⁴⁷

O handebol é uma modalidade que surge da influência de diversas práticas⁴⁸ de diferentes localidades que tinham como base arremessar, correr e saltar (ANDRES, 2013, p. 15). Segundo alguns autores, desde o final do século XIX sua prática acontece em diversos países europeus, cujos registros apontam que foi jogado pela primeira vez no ano de 1897, na cidade de Nyborg (Dinamarca) em campos de futebol com onze participantes para cada lado. Este modelo teria surgido a partir do ensinamento de dois professores Educação Física alemães: Karl Schelenz e Max Heiser, considerados os criadores desta modalidade esportiva, tendo como base o *Raffballspiel* inventado pelo professor alemão Konrad Koch no ano de 1890, um jogo popular que contava grande com participação de estudantes. No final do século XIX e no início da década de 1910, o handebol de 11 começou a se destacar como esporte na Dinamarca, Alemanha e Suécia (HUBNER, 2005; ARANTES, 2010).

Em 1892, apareceu o *Hazena*, criado pelo professor Kristof Antonin, na Tchecoslováquia, era praticado numa quadra de 45 x 30 m, havia traves com 2 m de largura por 2,40 m de altura. No início, a área do goleiro tinha formato retangular com 4 m de distância da linha de fundo. Mais tarde, Vaclav Karas, professor tcheco, modificou a área do goleiro para um semi-círculo de 6 m de vão e dividiu a quadra em três setores, ficando estabelecido que cada equipe ficaria com sete jogadores (NAGY-KUNSAGI, 1978, p. 14).

⁴⁶ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁴⁷ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁴⁸ *Hazena* (Tchecoslovaco), *Balón* (Uruguaio), *Baftball*, *Feldhandball* (Alemãs) (ANDRES, 2013).

Em 1917, o handebol de campo, desenvolvido pelo professor Karl Shelenz, conquista o seu ápice dentro do esporte europeu, sendo que o mesmo apresentava diferentes modos de disputa, cujo cenário é o final da Primeira Guerra Mundial, durante os Jogos Olímpicos em Berlim.

Escola Normal de Educação Física de Berlim, durante a primeira guerra mundial. No início, o Handebol era praticado apenas por moças e as primeiras partidas foram realizadas nos arredores de Berlim. Os campos tinham 40x20m. Pouco depois em campos de dimensões maiores, o esporte passou a ser praticado por homens e logo se espalhou por toda a Europa. Em 1927 foi criada a Federação Internacional de Handebol Amador, F.I.H.A. Mas, em 1946, durante o congresso de Copenhague (10 a 13 de julho), os Suecos oficializaram seu Handebol de Salão para apenas 7 jogadores por equipe, passando a F.I.H.A. a denominar-se Federação Internacional de Handebol, E.I.H., e o jogo de 11 jogadores em segundo plano. Em 1933 foi criada a federação alemã que, três anos depois, introduzia o Handebol nos Jogos Olímpicos de Berlim. (NETTO, 1972, p. 17).

O handebol, com o decorrer do tempo foi sendo aperfeiçoado, e alguns países, como a Tchecoslováquia, Suécia, Alemanha e a Dinamarca acabaram se distinguindo no contexto europeu, obtendo melhores desempenhos nos campeonatos. No entanto, sua popularização se deu principalmente no meio estudantil, onde foi adotado por suas características de velocidade, energia e habilidade e, principalmente, pelo seu valor educativo (NETTO, 1972). O fato de mencionarmos esse pequeno histórico da modalidade busca evidenciar, mesmo que de maneira bastante superficial, que houve várias alterações no handebol desde seu início até se constituir como um esporte.

No Brasil, o Handebol surgiu no berço dos grupos étnicos germânicos que habitavam o país e por intermédio de Emil Schemehlin, que foi quem trouxe o esporte após a Primeira Guerra Mundial, na sua versão praticada em campo (HUBNER, 2005). Em 1928, já se registravam jogos amistosos de handebol de campo entre clubes de algumas colônias alemãs existentes no sudeste e no sul do país (HUBNER, 2005; ARANTES, 2010). Na atualidade é praticado em todos os

estados brasileiros, sendo mais recorrente em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Paraná.

O estado de São Paulo foi o primeiro a fundar uma Federação específica deste esporte, em 1940, mantendo sua hegemonia no handebol até 1973 (FERREIRA, 1980). Desde então outros Estados começaram a apresentar melhor desempenho em campeonatos tais como os Jogos Escolares Brasileiros (JEBS), que incluiu o esporte em 1971 no III Jogos Escolares Brasileiros, em Belo Horizonte (MG) e os Jogos Universitários Brasileiros (JUBS), que inseriu o handebol em 1972 na cidade de Fortaleza (CE), onde houve a participação de aproximadamente 10 equipes femininas e 12 masculinas (HUBNER, 2005; ARANTES, 2010).

Foi ainda no ano de 1972, que a handebol, como o conhecemos hoje, faz sua estreia nos Jogos Olímpicos de Munique contando apenas com equipes de homens; as mulheres só participaram desta modalidade nos Jogos Olímpicos de Montreal, realizados em 1976, portanto, uma edição posterior.

O handebol brasileiro faz sua estreia nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, vinte anos após a inserção da modalidade e apenas com a presença da seleção masculina. A seleção de mulheres foi inserida na competição apenas depois de conquistarem a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (1999), fato que proporcionou a sua participação nos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000.

Tanto a Seleção Masculina quanto a Seleção Feminina possuem quatro participações nos Jogos Olímpicos conforme demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Participações de atletas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos

JOGOS OLÍMPICOS	HOMENS	MULHERES	PARTICIPAÇÕES GAÚCHAS
1992 – Barcelona	12º colocação	-----	Milton Pelissari Ricardo de Matos Pereira
1996 – Atlanta	11º colocação	-----	Carlos Luciano Ertel (Menta) Milton Pelissari
2000 – Sidney	-----	8º colocação	Dilane Azambuja Roese

2004 – Atenas	10º colocação	7º colocação	
2008 – Pequim	10º colocação	9º colocação	Jardel Pizzinatto Carlos Luciano Ertel (Menta) Deonise Fachinello Cavaleiro
2012 – Londres	-----	6º colocação	Deonise Fachinello Cavaleiro

Fonte: Próprias autoras

Das edições em que o Brasil esteve presente, só não houve participações de atletas gaúchos/as nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004); em todas as outras edições houve pelo menos um ou uma atleta nascido/a no Rio Grande do Sul. Os handebolistas gaúchos estreantes nos Jogos Olímpicos foram Milton Pelissari e Ricardo de Matos Pereira, ambos naturais de Santa Maria e remanescentes da década de 1980 quando essa cidade vivenciou uma época áurea da modalidade. Além deles, os atletas Ricardo Pelissari, e Carlos Luciano Ertel participaram em duas edições dos Jogos Olímpicos. A primeira atleta gaúcha a participar dos Jogos Olímpicos foi Dilane Azambuja Roese, natural de Novo Hamburgo (RS) e a atleta Deonise Fachinello e representou o Brasil também em duas edições dos Jogos.

As últimas conquistas da seleção brasileira de handebol feminino podem garantir a presença de duas gaúchas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016): a goleira Barbara Arenhart, convocada nos Jogos Olímpicos de Londres e cortada de última hora e a experiente Deonise Fachinello que, se convocada, participará de sua terceira Olimpíada, um marco no handebol brasileiro.

Pequena Biografia dos/as Atletas

Milton Pelissari - Natural de Santa Maria. Iniciou a praticar handebol na Escola Nossa Senhora de Fátima. Jogava pelo Sport Clube Internacional até o professor Luiz Celso Giacomini convidá-lo a participar dos treinos e integrar a equipe da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) e Jogos Olímpicos de Atlanta (1996).



Ricardo de Matos Pereira – Natural de Santa Maria. Começou aos 12 anos no Colégio Estadual Coronel Pilar e aos 13 integrou a equipe do Corinthians Atlético Clube, da mesma cidade. Jogou também pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) até o ano de 1988. Participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), competição na qual a Seleção ficou com 12ª colocação.

Carlos Luciano Ertel (Menta) – Nasceu em Canoas e foi introduzido ao handebol na infância, aos 12 anos de idade uma equipe da escola jogando na posição de pivô. Já atuou em times das cidades de Novo Hamburgo (RS), Itajaí (SC) e São Paulo com destaque para as equipes da Universidade Metodista de São Paulo e do Club de Regatas Vasco da Gama. Com a Seleção Brasileira, jogou nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e retornou após 12 anos de afastamento, para disputar os Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Também esteve presente nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (1999) e em 2007 conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro.

Dilane Azambuja Roese – Nasceu em Novo Hamburgo e começou a jogar handebol aos 12 anos, ainda na escola. Participou de equipes nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e São Bernardo (SP). Teve sua primeira participação olímpica em 2000 nos Jogos Olímpicos de Sydney. A sua primeira convocação para a Seleção Brasileira foi aos 16 anos, sendo campeã Sul-America em 1994, Campeã Brasileira em 1996, Campeã da Liga Nacional em 1998. Disputou, ainda, os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, sempre atuando na posição de ponta-direita.

Jardel Pizzinatto – Nasceu em Sarandi e desde a infância se aventurou em diferentes esportes, além do handebol, também foi jogador de *rugby*. No entanto, o handebol acabou prevalecendo e atuando na posição de pivô, jogou pelo Clube Metodista de São Bernardo (SP). Participou dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003), foi campeão Pan-Americano de seleções, em Aracaju (SE), em 2006, e em 2007 conquistou o bicampeonato no Pan-Americano. Já em 2008 foi convocado para fazer parte da Seleção Brasileira para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim.



Deonise Fachinello Cavaleiro – Nasceu na cidade de Santa Rosa e atualmente joga no clube Hypo Nö (Áustria) na posição de armadora direita. Participou Jogos Pan-Americanos Rio de Janeiro (2007) e de Guadalajara (2011). Foi vice-campeã da Liga Espanhola e da Copa EHF, em 2008, também participou do Campeonato Mundial realizado em São Paulo e dos Jogos Olímpicos de Pequim. E em 2012, foi convocada novamente para os Jogos Olímpicos de Londres, além disso, no ano de 2013 conquistou o Sul-Americano da Argentina, o Pan-Americano de Santo Domingo e Provident Cup, na Hungria.

Bárbara Elisabeth Arenhart (Babi). Nasceu na cidade de Novo Hamburgo onde foi introduzida no handebol, atuou em diferentes posições, até chegar à posição de goleira. O clube Santa/Feevale Novo Hamburgo, foi seu primeiro clube onde jogou por oito anos. Em 2007 iniciou sua carreira profissional jogando na Universidade Metodista de São Paulo, e no mesmo ano transferiu-se para a Espanha, após jogou em clubes da Noruega, Áustria e atualmente joga no time *Nykøbing F. Håndboldklub* (NFH) na Dinamarca. No ano de 2013, durante o Mundial de Handebol Feminino, contribuiu muito para a vitória do Brasil, sendo eleita a melhor goleira da competição.

Enfim, nos últimos anos o handebol tem se destacado em competições mundiais, visto a vitória da seleção brasileira no Campeonato Mundial de Handebol Feminino, que ocorreu na Sérvia em 2013. Para os Jogos Olímpicos que acontecerão no Rio de Janeiro, a equipe feminina da seleção brasileira obtém certo favoritismo, diante das últimas conquistas. A equipe masculina de handebol tem obtido um bom desempenho nos Jogos Pan-Americanos, mas ainda busca por um melhor posicionamento nos Campeonatos Mundiais assim como nos Jogos Olímpicos. Em que pese esses desejos e expectativas, interessa destacar que tanto o handebol praticado por homens quanto por mulheres, a presença gaúcha tem sido constante.



Referências

ANDRES, Suélen de Souza. **Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de profissionalização da modalidade**. 2013. 99f. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ARANTES, Gabriela Villela. **A História do handebol em Minas Gerais**. Monografia de Graduação apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

FERREIRA, Pedro. **Handebol de salão: histórico mundial, regras ilustradas, educativos a nível escolar de 1º e 2º grau**, 1980.

HUBNER, Edgar; REIS, Cláudio. Handebol. *In*: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Editora: Shape, 2005. P. 281-284.

NAGY-KUNGAGI, Paulo. **Handebol**. Santo André/SP, 1978.

NETTO, Francisco Camargo. **Handebol**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Meridional EMMA, 1972.



As mulheres no universo cultural das lutas: transpondo barreiras legais e simbólicas para afirmação no esporte de alto rendimento

Ayllu Duarte Acosta⁴⁹

Isabela Lisboa Berté⁵⁰

A presença das lutas nos Jogos Olímpicos se deu desde a sua primeira edição realizada em 1896, em Atenas, com a Luta Olímpica. Ao longo de sua história foram acrescentadas outras modalidades, sendo elas: judô, *taekwondo* e boxe. As primeiras competições olímpicas de boxe, judô e taekwondo ocorreram em 1904, 1972 e 2000, respectivamente. No entanto, a primeira participação competitiva de mulheres nas lutas acontece com o judô, em 1992 nos Jogos Olímpicos de Barcelona, quase um século depois da existência dessa competição. Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo descrever alguns aspectos relacionados à inserção das mulheres nos Jogos Olímpicos, refletindo acerca das barreiras legais e simbólicas que restringiram o acesso delas às modalidades de combate.

No ano de 1941, através do Decreto-Lei 3199 que estabeleceu as bases da organização dos esportes no Brasil, as mulheres ficavam interdidas de praticar modalidades que eram consideradas “[...] incompatíveis com as condições de sua natureza.” (BRASIL, 1941). Conforme a Deliberação n. 7, de 1965 do Conselho Nacional de Desportos, ficou regulamentada a atividade esportiva por mulheres e a proibição da “prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, polo, *rugby*, hanterofilismo e *baseball*.” (CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, 1965). Esses discursos embasaram social e culturalmente a restrição à prática esportiva por mulheres, fortalecendo uma

⁴⁹ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁵⁰ Mestre em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

série de representações de gênero que valorizavam a maternidade e a beleza, tal como a fragilidade física, como deveres intrínsecos das mulheres.

Mesmo durante o período da proibição (1941-1979) existem registros de mulheres praticando artes marciais, ainda que estivesse proibida a competição. A partir da década de 1950, com o crescimento urbano e industrial, se ampliou a presença delas no mercado de trabalho, nos estudos e, conseqüentemente, no espaço público, tornando a prática de atividades físicas e de lazer mais acessível à presença das mulheres (BASSANESI, 1997). Nesse contexto de crescente circulação de mulheres nas ruas, o discurso midiático aponta a prática de lutas como um meio de defesa pessoal frente à violência:

Aliás, como meio de defesa realmente é uma das melhores opções nos dias de hoje, onde uma pessoa quase não pode mais sair sozinha a qualquer hora do dia e da noite. 'E no início, já que elas estavam destinadas a não competir eu me preocupei com esta parte. Não poderiam competir, mas saberia defender-se muito bem', diz o técnico (CORREIO DO POVO, 1980, s.p.).

A fala do treinador evidencia o discurso da defesa pessoal como um meio de adequar um lugar nas artes marciais para o "sexo frágil", sem que esta atividade comprometa a feminilidade das atletas. Uma vez que elas seriam mais suscetíveis aos perigos da violência da rua e ao assédio dos homens, esse seria um meio de se defenderem.

Em dezembro de 1979, o Decreto Lei 3.199 é substituído pela Deliberação 10/79 concedendo às mulheres a prática e competição das modalidades antes reservadas aos homens. Passam a ocorrer os primeiros campeonatos de artes marciais no Rio Grande do Sul que contam com a participação de atletas mulheres, como o I Campeonato Gaúcho de Karatê, realizado em maio de 1980, que teve as atletas como "atração" do evento (CORREIO DO POVO, 1980). Em junho do mesmo ano, é organizado o I Torneio Aberto Feminino de Judô em Porto Alegre, momento em que a Federação de Judô conta com quarenta e uma atletas registradas no estado (FOLHA DA TARDE, 1980). Em novembro de 1980, a delegação de judô do estado participa, com uma equipe de seis atletas, do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino, realizado no Rio de Janeiro. A



competição levou uma equipe brasileira, incluindo a atleta gaúcha Iara Mery Martins, ao I Campeonato Mundial de Judô Feminino realizado em 1980 em Nova York (CORREIO DO POVO, 1980).

O Judô

O judô estreou no programa olímpico como modalidade competitiva nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) e vinte anos mais tarde, em Barcelona (1992), as mulheres passaram a disputar medalhas na competição. A primeira edição já contou com representantes brasileiras, o que pode ser explicado pela já consolidada estrutura esportiva, através de campeonatos a nível local e nacional no período pós-proibição. A primeira judoca gaúcha a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos foi Mariana Passos Martins em Sidney no ano de 2000. A atleta porto-alegrense, nascida em 1983, começou a praticar judô aos sete anos de idade. Aos treze anos, começou a treinar pela Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa), disputando os Jogos Olímpicos aos dezessete anos de idade.

Maria de Lourdes Portela e Mayra Aguiar da Silva completam a lista de judocas gaúchas que conseguiram vaga para disputar os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e de Londres (2012). Maria Portela nasceu em Júlio de Castilho, em 1988, e esteve nos Jogos em 2008 e 2012, mas uma lesão na Vila Olímpica a tirou da competição na sua primeira participação. Mayra Aguiar nasceu em Porto Alegre no ano de 1991 e pratica o esporte desde seus seis anos. Conquistou quatro medalhas de ouro nas edições em que esteve dos Jogos Pan-Americanos: 2008, 2010, 2012, 2013 e 2015. A atleta também competiu nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e de Londres (2012), obtendo a medalha de prata em sua segunda participação.

A Luta Olímpica

A modalidade luta olímpica é dividida em estilo livre e greco-romana, sendo a diferença entre elas muito simples de ser entendida. Os praticantes de greco-



romana não podem utilizar os membros inferiores para aplicar os golpes, enquanto o estilo livre permite o uso das pernas. A luta greco-romana estreou nos Jogos Olímpicos em Atenas (1896) e é disputada até hoje apenas por homens. Já o estilo livre teve seu início nos Jogos Olímpicos de Saint Louis (1904); as mulheres, no entanto, estrearam nos Jogos apenas um século depois, nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

A gaúcha Rosângela Conceição é uma das principais atletas brasileira de luta olímpica da atualidade. Ela começou a carreira no judô devido ao irmão que já era praticante da modalidade. Em 1996, chegou a ir para os Jogos Olímpicos de Atlanta na condição de reserva da judoca Edinanci Silva, mas não chegou a entrar no tatame. Em 2003, ela partiu para a luta olímpica em busca de melhores resultados e começou a escrever seu nome na história do esporte. Nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008,) foi a primeira mulher da modalidade a representar o Brasil neste megaevento esportivo.

O Taekwondo

A arte marcial *taekwondo*, que teve sua origem na Coreia em 1955, significa “caminho dos pés e das mãos”. Nos Jogos Olímpicos de Seul (1988) e de Barcelona (1992), participou como esporte de exibição, ficando ausente nos Jogos de Atlanta (1996) e retornando em Sydney (2000), quando foi incluído no programa olímpico e passou a ser disputado por homens e mulheres.

A atleta Débora Fernanda da Silva Nunes foi a primeira lutadora gaúcha de taekwondo a ter participado dos Jogos Olímpicos. Natural de Porto Alegre disputou os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007 e, sendo campeã da seletiva pan-americana, conquistou vaga para os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Poucos dias antes dos Jogos, rompeu o ligamento cruzado do joelho e competiu lesionada, foi eliminada na segunda luta, quando disputava uma medalha de bronze (RUBIO, 2005).



O Boxe

O boxe é uma modalidade olímpica desde os Jogos Olímpicos de Saint Louis (1904), no entanto, a participação de mulheres faz parte da história recente. Os Jogos Olímpicos de Londres (2012) são referência para o contexto das lutas por incluírem as categorias de boxe feminino e por ser a primeira edição a contar com homens e mulheres disputando as 26 modalidades esportivas. O pugilismo permaneceu durante décadas, praticado, exclusivamente, por homens representando aspectos de uma sociabilidade masculina como coragem, honra e força corporal. A presença de mulheres no boxe desafia os valores da feminilidade normativa, criando obstáculos e preconceitos, tal como o receio quanto à masculinização de seus corpos, gestos, o caráter violento da luta e a possibilidade delas se lesionarem. (CARDOSO et al., 2005)

Em sua primeira participação nos Jogos Olímpicos de Londres (2012), três atletas representam o Brasil, sendo que Adriana Araújo conquistou uma inédita medalha de bronze. O boxe gaúcho ainda não enviou atletas mulheres aos Jogos Olímpicos, devemos considerar, contudo, que a prática competitiva no Estado é muito recente, se aproximando dos anos 2000, com o primeiro registro de participação em um campeonato organizado pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo em julho de 2003.

O processo tardio de inserção de mulheres no mundo das lutas, em especial nos Jogos Olímpicos, levanta uma série de elementos de gênero que estruturam o meio esportivo. Enquanto para os homens, características como a força física e violência, atributos do universo das lutas, condizem com os ideais de masculinidade esperados socialmente; para as mulheres, o contato físico intenso e a agressividade questionam alguns dos pressupostos da feminilidade normativa, entre eles a passividade, fragilidade e delicadeza. Como podemos observar na trajetória de atletas gaúchas, para além das barreiras legais e simbólicas que limitaram o acesso delas ao universo das lutas, essas atletas escrevem sua história representando o Brasil no alto rendimento do esporte mundial.

Referências

BASSANESI, Carla. Mulheres nos anos dourados. *In.*: DEL PRIORI, M. (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto; UNESP, 1997.

BRASIL. Decreto-lei n.º 3.199, 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. **Diário Oficial da União** – Sessão 1, 16 de abr. de 1941.

CARDOSO, B. L. C. *et. al.* Mulheres no boxe: percepções sociais de uma luta sem luvas e fora dos ringues. **Motricidade**, v. 8, supl. 2, 2012.

CONSELHO NACIONAL DO DESPORTO. Deliberação 7, 07 de agosto de 1965. **Diário Oficial da União** – 2 de set. de 1965, pág. 8984.

CORREIO DO POVO. **As mulheres vencem os preconceitos machistas**. Porto Alegre. 16 de novembro de 1980.

FOLHA DA TARDE. **Torneio feminino em Porto Alegre**, 1. Porto Alegre. 27 de junho de 1980.

RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2005.

SOUZA, Gabriela C. Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992. *In.*: Encontro Regional de História, 12., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2006.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

A participação de gaúchos na esgrima, luta olímpica e judô

Bruno de Oliveira e Silva⁵¹

Alexandre Luz Alves⁵²

O conjunto das lutas em sua configuração dos Jogos Olímpicos da era moderna é marcado pela competição de cinco modalidades esportivas, a saber: a Luta Greco-Romana e/ou luta estilo livre; o judô; o *taekwondo*; o boxe e a esgrima (CARNEIRO; PÍCOLI; SANTOS, 2015). Especialmente para este texto, apresentamos como objetivo analisar alguns aspectos históricos da participação de gaúchos nas modalidades de lutas dos Jogos Olímpicos.

As lutas corporais e suas nuances acadêmicas, tais como as práticas corporais seculares, as práticas de lutas, as artes marciais, os esportes de combate e os sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, são entendidas no quadro olímpico apenas como lutas⁵³, que em sua vivência, (re)significação e competitividade, produziram regras e normas cujo acontecer propiciou a participação de dez atletas do Rio Grande do Sul que disputaram modalidades distintas (Quadro 1).

⁵¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação Física (CEFD/UFES). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁵² Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁵³ Estamos entendendo como lutas, práticas corporais seculares e suas transposições modernas que compõem o quadro dos Jogos Olímpicos, e implicam na configuração de lutas corporais, práticas de lutas, artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, que se orientam nos códigos das instituições esportivas (CORREIRA; FANCHINI, 2010). Tendo como eixo norteador de suas práticas aspectos e conceitos, tais como: "competição, mensuração, aplicação de conceitos científicos, comparação de resultados, regras e normas codificadas e institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal são alguns exemplos dessa transposição moderna de práticas seculares de 'combate'" (PASSOS *et al.* 2014, 1160-1161).

Quadro 1 – Atletas gaúchos nas lutas

Atletas	Modalidade	Jogos Olímpicos
José Maria de Andrade Pereira	Esgrima	1968
Floriano Spiess Neto	Luta Olímpica	1988
Douglas Veronez Fonseca	Esgrima	1988
Régis Trois de Avila	Esgrima	1988
Ricardo Menalda	Esgrima	1992
Luciano Finardi	Esgrima	1992
Alexandre Garcia	Judô	1996
João Derly de Oliveira Nunes Júnior	Judô	2008
João Antônio de Albuquerque e Souza	Esgrima	2008
Guilherme Toldo	Esgrima	2012

Fonte: os próprios autores.

A esgrima está presente desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, tendo sido praticado por Pierre de Frey, conhecido como Barão de Coubertin, o idealizador dos Jogos⁵⁴. O Brasil tem seu primeiro esgrimista nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. No caso gaúcho o primeiro esgrimista a representar o estado nesta luta foi José Maria de Andrade Pereira, nascido em São Borja em 1932. Esse esgrimista fazia parte do conjunto de atletas do Clube de Regatas do Flamengo (RUBIO, 2015) e compôs a equipe brasileira que participou dos Jogos Olímpicos realizados na Cidade do México, o primeiro realizado na América Latina, no ano de 1968.

Do conjunto de lutas que perfazem o quadro olímpico a esgrima é o esporte que teve o maior número de representantes do Rio Grande do Sul, sendo sete de dez participações nas lutas. Para esse texto recorreremos às entrevistas

⁵⁴ Informações sobre a esgrima nos Jogos Olímpicos de 2016 podem ser acessadas em: <http://www.rio2016.com/esgrima>.

realizadas pela equipe do CEME com dois destes esgrimistas: Régis Trois de Avila e Luciano Finardi.

O primeiro tem uma história familiar ligada à esgrima, pois seu avô e tios eram praticantes da modalidade. Sua participação na esgrima foi incentivada por Mário Queiroz que “era um ícone na formação de esgrimistas no Brasil” (AVILA, 2014, p. 1), quando atuava junto na Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa). Régis participou dos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, como atleta, nas provas de Sabre individual e Espada por equipes. Também compôs a equipe de arbitragem “dos últimos quatro Jogos Olímpicos e mais Jogos Olímpicos da juventude em Nanquim” (idem, p. 11). Atualmente ele é coordenador da Esgrima no *Club Athletico Paulistano*. Já o Luciano Finardi iniciou suas atividades no esporte aos 12 anos e participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, tendo ficado na sexagésima posição, atualmente é arbitro do Comitê Olímpico Internacional (FINARDI, 2015).

A luta estilo livre e/ou luta greco-romana tem sua origem na Grécia Antiga, sendo reconhecida neste período como uma excelente forma de desenvolver a destreza física e mental. Este vínculo com a modalidade e sua relação com uma organização social, possibilitou a oficialidade desta prática nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos, datado em aproximadamente 704 A.C.⁵⁵ Com o passar dos anos e o desenvolvimento das práticas de lutas enquanto uma manifestação cultural “que surgiram principalmente em situações de garantia da sobrevivência, possuindo como principal característica a organização e sistematização de um conjunto técnico para a autodefesa” (SOUZA, 2013, p. 335), as mesmas se consolidaram no âmbito dos Jogos Olímpicos como modalidades esportivas cujo objetivo é manter o adversário com as costas presas ao tatame ou receber a maior pontuação por movimentos técnicos ao fim do combate.

Apesar de apresentarem regras parecidas, as modalidades de luta greco-romana e de luta estilo livre, possuem peculiaridades. A primeira é uma prática que só permite a participação de homens e os atletas não podem utilizar as pernas para aplicar os golpes. Essa modalidade compõe o quadro dos Jogos Olímpicos da

⁵⁵ Informações sobre lutas podem ser acessadas em: <http://13guerreiros.blogspot.com.br/2011/06/quais-sao-as-lutas-que-estao-nas.html>

era moderna, desde a sua primeira edição em 1896 em Atenas. Já a segunda permite o uso dos membros inferiores, sendo uma modalidade com categorias que permite a participação de homens e de mulheres, compondo o programa oficial dos Jogos Olímpicos desde 1904 quando foram realizados em Saint Louis.

Floriano Neto, entre os homens, foi o único representante gaúcho nestas modalidades. Ele é nascido em Canoas no ano de 1967, iniciou suas atividades no judô do Colégio La Salle e, posteriormente, seguiu seus treinamentos na Sogipa. Em 1986 conheceu a luta livre, sendo convidado, posteriormente, a participar da seleção brasileira, culminando assim na sua participação nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, nas modalidades de luta livre e luta greco-romana (RUBIO, 2015).

Os dois próximos atletas que vamos apresentar têm seus vínculos com os Jogos Olímpicos através da modalidade esportiva de judô. Alexandre Garcia nasceu em 1972 na cidade de Porto Alegre, iniciou suas atividades nesta modalidade de luta aos três anos de idade, tendo vínculos com os clubes Grêmio Náutico União, *Sport Club* Internacional, Projeto Futuro e Sociedade Esportiva Palmeiras. Em 1996, participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta e atualmente é treinador na seleção brasileira paraolímpica (RUBIO, 2015).

Já João Derly, talvez o atleta do Rio Grande do Sul mais vitorioso em provas internacionais do judô masculino, nasceu em 1981 na cidade de Porto Alegre, tendo iniciado suas atividades no esporte aos seis anos de idade na Escola Estadual Rio Branco. Com o passar dos anos foi convidado a integrar a única equipe a qual treinou durante a sua carreira esportiva, a Sogipa (RUBIO, 2015). Com o apoio e a estrutura proporcionada pelo clube João Derly participou de vários campeonatos internacionais, tendo como destaque, segundo narrou o atleta em entrevista concedida a equipe do Centro de Memória do Esporte, a Super Copa de Judô, realizada em Paris, e os campeonatos mundiais, hoje conhecidos como *Grand Slam*, nos quais se consagrou bicampeão mundial no Cairo em 2005 e no Rio de Janeiro em 2007 (KOCH, PEREIRA, 2007). Em 2008, João Derly participou dos Jogos Olímpicos de Pequim (NUNES JUNIOR, 2013), onde não obteve o êxito esperado, como pode ser observado na citação abaixo.



Em 2007 quando me tornei bi campeão mundial, foi o auge da minha experiência, eu estava muito bem fisicamente, mas todo mundo já tinha me estudado, mas a maturidade foi o meu segredo. Depois cheguei aos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, onde infelizmente não conquistei a tão sonhada medalha olímpica, mas também temos que nos apegar as coisas boas, não apenas as ruins. Por exemplo, de ter participado de uma Olimpíada, dos Jogos Olímpicos que foi uma experiência maravilhosa (NUNES JUNIOR, 2013, p. 7).

Depois de seguidas lesões João Derly se aposentou da carreira de atleta e iniciou a carreira política, onde se elegeu vereador de Porto Alegre no ano de 2012 e deputado federal pelo estado do Rio Grande do Sul no ano de 2014.

O judô é uma prática nascida no Japão por volta dos anos de 1880, tendo no professor Jigoro Kano a figura de seu criador. Com baixa estatura e corpo franzino Kano tinha dificuldades com a prática de algumas modalidades de lutas extremamente valorizadas no Japão daquele período, em especial do *Jiu-Jitsu* japonês. Arelado a esta dificuldade ele também discordava da agressividade da prática, buscando assim no acréscimo e retirada de alguns golpes, no incremento de alguns valores, produzir uma nova prática organizada, sistematizada e com método de ensino próprio que possibilitava que um maior número de pessoas pudesse praticá-la, construindo o que conhecemos hoje como Judô. Em 1882, Jigoro Kano funda a escola Kodokan, conferindo assim maior credibilidade a modalidade (NUNES, 2014).

O caminho suave ou caminho da suavidade, como pode ser traduzida a expressão Judô, é incorporado aos Jogos Olímpicos em Tóquio no ano de 1964 (somente para os homens, já as mulheres só integraram o programa nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em de 1992) tendo como objetivo derrubar o adversário com as costas voltadas para o chão, imobilizá-lo no solo por 20 segundos ou forçá-lo a desistir. Sua realização se dá por disputas divididas em categorias de acordo com o peso do atleta, definindo os ganhadores e medalhistas após os combates nos quais acontece a eliminação simples, seguindo o cruzamento entre os que vencem a etapa eliminatória.

No Brasil existem duas versões para a difusão da sua prática. A primeira conta que, no ano de 1908, imigrantes japoneses a bordo do navio Kasato Maru trouxeram as técnicas de judô como forma de manter a sua cultura em um país até então desconhecido. Já a outra versão conta que os responsáveis por trazer a modalidade para o Brasil foram lutadores de demonstração formados pela Kodokan, Soishiro Satake e Mitsuyo Maeda, que aportaram no país em 1914 (NUNES; KOSMANN; SHOURA, 2005).

No estado do Rio Grande do Sul, Nunes, Kosmann e Shoura (2005) descrevem que a prática do judô inicia através de apresentações, no ano de 1914, com Mitsuyo Maeda, conhecido como Conde Koma, e em, 1935, nas comemorações do centenário da Revolução Farroupilha, com Aloísio Bandeira de Melo, conhecido como Loanzi. De acordo com Santos “o professor Loanzi foi um dos pioneiros do judô no Rio Grande do Sul. Ali nós iniciamos a nossa caminhada” (2014 p. 1). Na década de 1950 parece mais vigoroso o ensino do judô no estado com as aulas de Takeo ministradas no Hotel Majestic, espaço que hoje é conhecido como Casa de Cultura Mário Quintana, local onde possivelmente teria formado a primeira turma de alunos de judô do Rio Grande do Sul. O Professor Loanzi, alguns anos depois, ministraria aulas no Dojo Ruy Barbosa, local que seria considerado formador de lutadores de competição responsáveis pela organização e pelo processo de institucionalização do judô no estado. A institucionalização viabilizou uma homogeneização no ensino do judô, bem como a organização de torneios e campeonatos, competições imprescindíveis para intercâmbio entre as escolas e um conseqüente crescimento da modalidade (NUNES; KOSMANN; SHOURA, 2006).

Referências

AVILA, Régis Trois de. **Depoimento de Régis Trois de Avila**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; PÍCOLI, Carlos; SANTOS, Wagner dos. Fundamentos Ontológicos e Epistemológicos das Lutas Corporais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 725-738, jul./set. 2015.

CORREIA, W.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2010.

FINARDI, Luciano. **Depoimento de Luciano Finardi**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2015.

KOCH, Rodrigo, PEREIRA, Antônio Carlos. **A vitória vem dos céus: a trajetória do brasileiro Campeão Mundial de Judô**. Porto Alegre: Editora Doravante, 2007.

NUNES, A. **Judô: caminho das medalhas**. São Paulo: Editora Kazuá, 2013.

NUNES Alexandre Velly; KOSMANN Fernanda Torres; SHOURA, Maurício L. Judô no RS. *In*: DACOSTA; Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. P. 61-62.

NUNES Alexandre Velly; KOSMANN Fernanda Torres; SHOURA, Maurício L. Judô. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. V.1. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

NUNES JUNIOR, João Derly de Oliveira. **Depoimento de João Derly de Oliveira Nunes Junior**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2013.

PASSOS, Daniela de Alencar *et al.* As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, jul./set. 2014.

RUBIO, Kátia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo. Editora SESI, 2015.

SANTOS, Osvaldo Monteiro. **Depoimento de Osvaldo Monteiro dos Santos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

SOUZA, Marcel Farias de. O caminho-via marcial no cinema japonês: estudos sobre a representação do Budo em *Sanshiro Sugata* e *Kuro Obi*. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 327-345, abr/jun. 2013.

Rugby: legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016

Adriana Gomes Zimmermann⁵⁶

Suellen dos Santos Ramos⁵⁷

O *rugby*, segundo Garcia (1964), surge na Inglaterra em 1823 durante uma partida de *football* realizada na *RugbySchool* (Warwickshire) quando o jogador *William Webb Ellis*, no calor do momento, pega a bola com as mãos e corre em direção ao gol adversário. Esta é a versão do surgimento da modalidade mais conhecida e popularizada pelo mundo, conforme informa o *World Rugby*, órgão que regula o *Rugby Union* mundialmente.

No Brasil, o *rugby* teve as mesmas raízes do futebol, quando em 1894 o estudante inglês Charles William Miller chega ao país trazendo uma bola de futebol e outra de *rugby* e começa a ensinar a prática da modalidade no São Paulo *Athletic Club* (SPAC) a partir de 1895. Restrito em um primeiro momento a alguns membros da elite brasileira e principalmente à juventude inglesa que vivia no Brasil, o *rugby* começou a ser jogado no país nos últimos anos do século XIX (MAZZONI, 1950; NOGUEIRA, 2007).

Sant'Anna e Mazo (2015) afirmam que no Rio Grande do Sul o primeiro clube surge apenas em 2001, com a fundação do Charrua *Rugby* Clube. "Um paulista de origem nipônica, Nilson Taminato, que havia se mudado para o estado em 1999 por motivos profissionais e pessoais, foi o idealizador do clube pioneiro de *Rugby* no Rio Grande do Sul" (SANT'ANNA; MAZO, 2015, p. 30).

O *rugby* nos Jogos Olímpicos

⁵⁶ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁵⁷ Mestre em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

Apesar de ser destacado como uma das novidades dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016), segundo Frederic (2014) e Ramalho (2016), o *rugby* já esteve presente em edições anteriores, logo em seu início. O Barão de Coubertin era um entusiasta da modalidade e foi um grande defensor de sua prática, sendo inclusive árbitro do Campeonato Francês de *Rugby*, razão pela qual foi esporte olímpico durante quatro edições dos Jogos: Paris (1900), Londres (1908), Antuérpia (1920) e Paris (1924).

Em 1900, Paris recebeu o evento e o *rugby* pela primeira vez esteve presente, mas com apenas duas partidas, realizadas no Estádio Olímpico de Colombes. Em 1904 o *rugby* não participou dos Jogos Olímpicos de Saint Louis, no entanto desconhecemos o motivo. O fracasso da organização de 1908, que contou com apenas um jogo, levou o *rugby* a ficar de fora dos Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912). Em 1914, eclodiu a Primeira Guerra Mundial e os Jogos Olímpicos voltaram a acontecer apenas em 1920, em Antuérpia que contou com apenas uma partida de *rugby* realizada diante de um público de 20 mil pessoas no Estádio Olímpico, apesar da forte chuva.

No ano de 1925, com a saída do Barão Pierre de Coubertin da presidência do Comitê Olímpico Internacional (COI), o *rugby* perdeu seu principal apoiador e não foi aceito como esporte olímpico nos Jogos Olímpicos de Amsterdã realizados em 1928. O pequeno número de nações praticando o esporte em alto nível, o desinteresse britânico e o comportamento da torcida francesa durante a final do torneio de 1924 foram alguns dos principais motivos para tal exclusão.

Desde então a campanha pelo retorno do *rugby* para os Jogos Olímpicos nunca teve adesão das principais nações do esporte, sempre receosas em criar uma exposição que levasse a modalidade ao profissionalismo, este proibido pela *International Rugby Board* (IRB), atual *World Rugby*. Nos Jogos Olímpicos Roma (1960), de Moscou (1980) e de Seul (1988) houve tentativas para que o *rugby* fosse inserido na programação, no entanto, foram todas fracassadas. Somente a partir de 1994 que as negociações progrediram e, em 2009, o tão aguardado anúncio oficial da volta do *rugby* aos Jogos Olímpicos, no seu formato de *sevens*, foi efetivado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). A negociação foi longa,

mas ajudou a transformar profundamente o *rugby* naqueles países nos quais é praticado.

O *rugby sevens* (modalidade que será apresentada nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro) foi criado em 1883, na Escócia, teve mais de um século de existência à sombra do XV⁵⁸, sempre entendido como uma modalidade festiva. Somente nos anos 1970, o potencial do *sevens* como espetáculo passou a ser comercialmente explorado. Em 1993, o IRB criou a Copa do Mundo de *Rugby Sevens*, com a intenção de lançar no ano seguinte a candidatura do esporte aos Jogos Olímpicos, identificando no jogo reduzido a modalidade ideal em função do curto tempo dos jogos (2 tempos de 7 minutos) e da plasticidade do jogo (7 jogadores em campo, por equipe).

Figura 1 - Jogo França x Estados Unidos, em 1920.



Fonte: rugby-pioneers.blogs.com

A estreia do *rugby* olímpico, na realidade, já aconteceu. Em 2014, a cidade chinesa de Nanjing recebeu os Jogos Olímpicos da Juventude, evento do COI para

⁵⁸A forma do *rugby union* é a mais difundida ao redor do mundo, e é praticada no Brasil. Existem duas modalidades principais do *rugby union*: a tradicional com 15 jogadores de cada lado (XV ou 15-a-side) e a modalidade reduzida com 7 jogadores de cada lado, o *Seven-a-Side* (*Seven*, *Sevens* ou *7s*), disputada com as mesmas regras, com apenas pequenas variações, conforme informações da Confederação Brasileira de Rugby e Portal do *Rugby*.

atletas de até 18 anos de idade. O *rugby sevens* esteve presente, com a França ganhando a medalha de ouro no torneio dos homens e a Austrália no das mulheres. Em 2016, a estreia no evento olímpico principal ocorrerá com a presença de equipes brasileiras.

Quadro 1 - Histórico do *Rugby* nos Jogos Olímpicos

CIDADE/ANO	OURO	PRATA	BRONZE
Paris/1900	França	Alemanha e Grã-Bretanha	-
Londres/1908	Australásia (Austrália e Nova Zelândia)	Grã-Bretanha	-
Antuérpia/1920	Estados Unidos	França	-
Paris/1924	Estados Unidos	França	Romênia

Fonte: as autoras.

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro – 2016

Nas competições de *rugby*, participam dos Jogos Olímpicos os 12 países, tanto na representação dos homens quanto das mulheres. Os primeiros quatro classificados saem da Série Mundial de *Sevens* 2014/2015. Os seis campeões continentais de 2015 e o campeão do Pré-Olímpico Mundial de 2016 fecham as classificações além do Brasil como país sede.

Conforme página do Ministério do Esporte o evento teste (Aquece Rio) aconteceu no formato de Campeonato Sul Americano de *Rugby Sevens* e foi o sexto evento teste a ocorrer no Parque Olímpico de Deodoro, onde serão os jogos no Rio de Janeiro. A competição ocorreu somente com equipes de mulheres,



tendo a Seleção Brasileira de *Rugby* como campeã invicta (Argentina conquistou a medalha prata e a Colômbia a de bronze).

Além do Brasil, já estão classificadas para a disputa feminina do *rugby* nos Jogos Olímpicos, outras dez seleções: Colômbia, Austrália, Canadá, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, EUA, França, Fiji, Quênia e Japão. A última das 12 vagas foi decidida no Pré-Olímpico Mundial, de junho, em Dublin (Irlanda), a vaga foi conquistada pela seleção da Espanha. No masculino, Espanha, África do Sul, Grã-Bretanha, Fiji, Nova Zelândia, Argentina, EUA, França, Quênia, Austrália, Japão, ao lado de Brasil, são as seleções classificadas.

Gaúchas no *Rugby* Olímpico

Na estreia da modalidade nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, somente a equipe feminina conta com participantes gaúchas em sua delegação. O *rugby* praticado por mulheres chegou ao Rio Grande do Sul logo após o praticado por homens, no ano de 2002. No entanto, desconhecemos suas motivações, lutas, conquistas e dificuldades. A mídia noticia pouco ou quase nada sobre a origem das mulheres dentro do *rugby* gaúcho, basicamente atentando para as pioneiras da equipe Charrua *Rugby* Clube. Grande parte das informações existentes é proveniente das próprias jogadoras em redes sociais e páginas dos clubes que as apresentam, em grande medida, de forma incompleta e desordenada. Atualmente o Rio Grande do Sul é uma das potências do *rugby* para mulheres no Brasil, visto que a principal equipe do estado, o Charrua *Rugby*, é vencedora de todas as edições do Campeonato Gaúcho de *Rugby* Feminino (CGR 7's), campeã da Liga Sul (2007/2008/2009) e vice-campeã (2013/2014/2015), campeã do Campeonato Brasileiro de *Rugby Sevens* (Brasil *Sevens* 2014) e vice-campeã do Circuito Brasileiro de *Rugby Sevens* Feminino (Super *Sevens* 2014/2015), possuindo também três de suas atletas da equipe adulta participando da seleção brasileira de *rugby*, duas destas gaúchas: Luiza Campos e Juliana Oliveira de Menezes.

Luiza Gonzalez da Costa Campos, de 25 anos é natural de Porto Alegre começou a jogar *rugby* no ano de 2010 na equipe do Charrua *Rugby* Clube e teve

sua primeira convocação para a Seleção Brasileira em 2012. Desde então é presença constante nas listas das convocadas, participando de diversos campeonatos internacionais, tais como Série Mundial de *Sevens* (Dubai, Atlanta, Houston, Holanda), Torneio Classificatório para a Copa do Mundo de *Rugby Sevens* (Hong Kong e Dublin), Copa do Mundo de *Rugby Sevens* (Moscou), Valentin Martinez (Uruguai) e Campeonato Sul Americano de *Rugby Sevens* (onze vezes campeãs invictas). Luiza integra a seleção principal, onde as jogadoras moram juntas na cidade de São Paulo desde abril de 2013. A organização da seleção neste formato é uma estratégia para reunir as atletas que vêm de todo o país, para que possam treinar juntas, e assim, caminhar para o semi profissionalismo como atletas de alta *performance*.

Figura 2 - Luiza em jogo na Arena Barueri/SP Brasil x França



Fonte: João Pires/FotoJump

Já Juliana Oliveira de Menezes, 30 anos, também natural de Porto Alegre, conheceu o *rugby* através de um amigo, ouviu sobre a modalidade e foi pesquisar na internet, chegando até o Charrua *Rugby* Clube em maio de 2007, participando de inúmeros torneios, tais como Liga Sul, Circuito Gaúcho de *Rugby Sevens*, Torneio Pré Gauchão, Copa Consuelo (Torneio Internacional Valentin Martinez), Encontro Sul Americano de *Rugby* Feminino – Córdoba, Campeonato Brasileiro de

Rugby Sevens (Brasil *Sevens*) e Circuito Brasileiro de *Rugby Sevens* Feminino (Super *Sevens*).

Juliana foi convocada pela primeira vez para compor a seleção brasileira em 2008 para uma série de jogos de *rugby XV* pela Holanda, a partir de 2013 foi convocada para torneios específicos como os Jogos Mundiais Universitários (Universiade) realizados na Rússia em 2013, o *Australian Golden Coast* e o *Byron Bay* em 2014, o *Amsterdam Sevens*, o *Valentin Martinez* e a Série Mundial de *Sevens* (Dubai *Sevens*) em 2015 e o *Las Vegas Sevens* este ano. Apesar destas convocações a atleta só começou a integrar a seleção principal a partir de agosto de 2015, quando conseguiu um afastamento de seu trabalho (assegurada pela Lei Pelé⁵⁹) e foi morar em São Paulo junto com as demais atletas da seleção.

A preparação para os Jogos Olímpicos tem sido bastante dura, as atletas treinam no Centro de Treinamento da Seleção todos os dias da semana, entre treinos físicos, táticos e jogos, tendo à disposição fisioterapeutas, massagista e um médico para identificar possíveis lesões.

Segundo Campos (2016, p. 2), “o objetivo do primeiro dia das Olimpíadas é ficar em *top 8*⁶⁰ por que depois vem as quartas e aí é um jogo de cada vez, cada jogo é uma final e tudo pode acontecer”. Já Menezes faz uma ponderação sobre a titularidade:

Temos um grupo de mais ou menos 30 meninas, as quais estão sendo preparadas e testadas as 12 que disputarão as Olimpíadas. Eu espero ajudar a preparar esse grupo e estou fazendo o meu melhor para integrar o grupo. Em relação a resultados, estamos estudando os outros times, treinando boas táticas (2016, p. 2).

Marcus Vinicius Freire, Diretor Executivo do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em entrevista para o Programa Balada Olímpica (2016), divide as 42 modalidades esportivas brasileiras que participarão dos Jogos Olímpicos em Esportes Vitais,

⁵⁹ A Lei Pelé (9.615/98) já concede o abono de falta para o atleta servidor público civil ou militar, da administração pública direta, indireta, autárquica ou fundacional que for convocado para integrar representação nacional em treinamento ou competição desportiva no País ou no exterior.

⁶⁰ Atualmente a Seleção Brasileira de *Rugby Sevens* Feminina está entre as 12 melhores seleções do mundo e pretende com os Jogos Olímpicos chegar as 8 melhores (BRASIL, Lei nº 9.615).

Esportes Potenciais, Esportes Contribuintes e Legado. Dentro dessa classificação insere o *rugby* como Legado visto que o planejamento e a preparação dos/as atletas não objetivar conquistar medalhas em 2016, mas transformar a modalidade em legado para, então, lutar pelas primeiras com locações nos Jogos Olímpicos de 2020, 2024 e 2028.

Figura 3 - Atletas do Charrua Rugby Clube atuando pela Seleção Brasileira de Rugby Esquerda para direita: Luiza Campos e Juliana Menezes (gaúchas) e Raquel Kochhann



Fonte: Charrua Rugby Clube

Entre os entusiastas da modalidade no Brasil há uma grande expectativa sobre a participação das equipes brasileiras, visto que é um esporte que vem conquistando um considerável número de atletas e também de público. Será um grande desafio, principalmente para a equipe de mulheres, acostumada a jogar com as principais seleções a nível mundial. No entanto, pensar em medalhas ainda é um sonho um pouco distante, visto que a modalidade se encontra em fase de desenvolvimento no país, o que não descarta a apresentação de excelentes jogos para a torcida brasileira. Sobre jogar ao lado das grandes seleções mundiais, a jogadora gaúcha Luiza Campos (2016, p. 2) afirma que “no *rugby* tudo pode acontecer, a gente se ‘dá’ bem com os outros times, afinal, é um esporte amistoso

e todo mundo acaba se 'dando' bem". Esta, com certeza, será uma ótima oportunidade de apresentar o *rugby* para o país, assim como exibir as seleções nacionais como futuras potências da modalidade. Assim como o próprio esporte, a participação das gaúchas nos Jogos Olímpicos do Rio 2016 deixa também um legado para a modalidade no Rio Grande do Sul e trazem boas perspectivas para a nova geração.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 mar. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm. Acesso em: 01 abr. 2016.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Rugby com sangue latino esquento o Rio de Janeiro em março**. 2016. Disponível em: <http://www.rio2016.com/noticias/rugby-com-sangue-latino-esquento-o-rio-de-janeiro-em-marco>. Acesso em: 08 jan. 2016.

CAMPOS, Luiza Gonzalez. **Depoimento de Luiza Gonzalez da Costa Campos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE *RUGBY*. **Sobre o Rugby**: aprenda mais sobre o Rugby. [2015]. Disponível em: <http://www.brasilrugby.com.br/>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FREDERIC. *Rugby Pioneers: A (small) tribute to the pioneers*. 2014. Disponível em: http://rugby-pioneers.blogs.com/rugby/2006/06/olympic_games_1_1.html. Acesso em: 20 jun. 2016.

GARCIA, H. *El Rugby*. Madrid: *Publicaciones del Comité Olimpico Español*, 1964.

GLOBO PLAY. **Programa Balada Olímpica**. Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4719098/>. Acesso em: 21 jan. 2016.

MAZZONI, T. **História do Futebol no Brasil 1894-1950**. Vitória: Edições Leia, 1950.

MENEZES, Juliana Oliveira. **Depoimento de Juliana Oliveira de Menezes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

NOGUEIRA, J. *Apostila rugby para todos*. Curso de capacitação de monitores. São Paulo: FS Digital Printing, 2007.

PORTAL DO RUGBY. *Guia para iniciantes*. 2016. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/guia-para-iniciantes>. Acesso em: 02 fev. 2016.

RAMALHO, Victor. *A História do Rugby nos Jogos Olímpicos*. 2016. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/noticias/internacional/a-historia-do-rugby-nos-jogos-olimpicos>. Acesso em: 02 jan. 2016

SANT'ANNA, Ricardo; MAZO, Janice. Charrua *Rugby* Clube: memórias do primeiro Clube do *Rugby* Gaúcho. *Kinesis*, Santa Maria/RS, v. 33, n. 2, p. 23-40, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/viewFile/20722/12362>. Acesso em: 03 mar. 2016.

WORLD RUGBY. *Olympics*. 2016. Disponível em: <http://www.worldrugby.org/olympics>. Acesso em: 21 jan. 2016.



Voleibol gaúcho nos Jogos Olímpicos

Natália Bender⁶¹

Luiza Aguiar dos Anjos⁶²

Suélen de Souza Andres⁶³

O voleibol é apresentado à comunidade olímpica pela primeira vez em 1924, quando houve a demonstração de uma série de esportes estadunidenses nos Jogos Olímpicos de Paris. Todavia, somente depois da Segunda Guerra Mundial, a Federação Internacional e outras confederações continentais passaram a se articular para que a modalidade ingressasse a programação oficial dos Jogos Olímpicos em definitivo. No ano de 1957, foi organizado um torneio-exibição da modalidade, cujo sucesso desencadeou em sua introdução no rol dos esportes olímpicos na edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964.

No Brasil, o voleibol vem ampliando sua popularidade nas últimas décadas, sendo um dos esportes mais praticados do país, perdendo apenas para o futebol (MENDES, 2012). Desde a década de 1970, o aporte financeiro de empresas patrocina alguns clubes e a própria seleção nacional vem tornando a modalidade um exemplo de sucesso no campo do desenvolvimento esportivo (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2008). Os títulos e os bons resultados em quadra, sobretudo a partir dos anos 2000, também contribuem para a sua ascensão no cenário esportivo do país.

Na primeira edição em que o voleibol se fez presente nos Jogos Olímpicos, o Brasil figurou apenas entre as seleções de homens, na qual obteve a 7ª

⁶¹ Mestranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁶² Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁶³ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

colocação. Já nessa edição, o voleibol gaúcho esteve representado pelo atleta Marco Antônio Volpi.

Já as mulheres brasileiras, só tiveram sua estreia nesta competição dezesseis anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Moscou realizados em 1980. Mas foi apenas em 1984, na edição de Los Angeles, que uma jogadora gaúcha disputou o torneio dessa modalidade, sendo ela Heloísa Helena Roese⁶⁴.

Desde a primeira edição em que o voleibol esteve presente, identificamos 25 participações de 17 atletas gaúchos/as nos Jogos Olímpicos. Destes, 3 são mulheres e 14 são homens, como podemos ver nos quadros 1 e 2 abaixo:

Quadro 1 - Participações de atletas gaúchas nos Jogos Olímpicos na modalidade voleibol feminino

Ano	Cidade Sede	Colocação Brasileira	Participações Gaúchas
1964	Tóquio	Não disputou	-
1968	Cidade do México	Não disputou	-
1972	Munique	Não disputou	-
1976	Montreal	Não disputou	-
1980	Moscou	7	-
1984	Los Angeles	7	Heloisa Helena Roese
1988	Seul	6	-
1992	Barcelona	4	-
1996	Atlanta	3	-
2000	Sydney	3	-
2004	Atenas	4	-
2008	Pequim	1	Carolina Demartini Albuquerque
2012	Londres	1	Fernanda Garay

Fonte: Próprias autoras.

⁶⁴ Neste livro há um capítulo específico que versa sobre a trajetória da atleta.

Quadro 2 - Participações de atletas gaúchos nos Jogos Olímpicos na modalidade vôleibol

Ano	Cidade Sede	Colocação Brasileira	Participações Gaúchas
1964	Tóquio	7	Marco Antônio Volpi
1968	Cidade do México	9	Marco Antônio Volpi, Gérson Albino Schuch
1972	Munique	8	-
1976	Montreal	7	-
1980	Moscou	5	Renan Dal Zotto
1984	Los Angeles	2	Renan Dal Zotto, Marcus Vinicius Simões Ferire
1988	Seul	4	Paulo Fernando Santos Roese, Paulo André Juroski da Silva, Renan Dal Zotto
1992	Barcelona	1	Paulo André Juroski da Silva Janelson dos Santos Carvalho Jorge Edson
1996	Atlanta	5	Paulo André Juroski da Silva
2000	Sydney	6	Gilmar N. Teixeira
2004	Atenas	1	Gustavo Endres André Heller
2008	Pequim	2	Murilo Endres Gustavo Endres André Heller
2012	Londres	2	Lucas Saatkamp Thiago Alvez Murilo Endres

Fonte: Próprias autoras.

Conforme dito anteriormente, entre os atletas que compunham o primeiro plantel brasileiro, estava o gaúcho Marco Antônio Volpi. O jogador tinha recebido sua primeira convocação para a seleção dois anos antes, ao se destacar em um campeonato brasileiro jogando pela seleção de seu estado. Apesar de ter tido uma passagem pelo Botafogo (RJ), a maior parte da sua carreira se fez em clubes do Rio

Grande do Sul: Navegantes São João, Grêmio Náutico União, Grêmio Náutico Gaúcho e Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA).

Na edição seguinte dos Jogos Olímpicos, na Cidade do México, em 1968, Volpi novamente fez parte do grupo que então passou a contar com outro gaúcho: Gérson Albino Schuch. De forma similar ao seu conterrâneo, Gérson manteve-se em clubes do Estado durante toda a sua trajetória esportiva, passando pela Sogipa, Grêmio Náutico União, Cruzeiro, Porto-Alegrense e Navegantes São João. Nessa edição dos Jogos Olímpicos, o Brasil obteve a 9ª posição.

Nas edições ocorridas em 1972 e 1976 nenhum gaúcho compôs o selecionado brasileiro, que obteve respectivamente o 8º e 7º lugares na competição. Na edição seguinte, realizada em Moscou (1980), ocorreu a estreia da seleção brasileira feminina, figurando em 7º lugar na disputa, enquanto os homens obtiveram um 5º lugar.

Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), o selecionado brasileiro masculino conseguiu subir ao pódio pela primeira vez, conquistando a medalha de prata. Até hoje a "geração de prata" é conhecida pela sua qualidade e por ter alcançado um feito inédito, marcando uma ruptura para os tempos áureos que estavam por vir. Nesse grupo havia dois atletas gaúchos: Renan Dal Zotto e Marcus Vinicius Simões Freire.

FIGURA 1 – Seleção brasileira de voleibol que disputou os Jogos Olímpicos de 1984



Fonte: Globo esporte



Essa edição foi também marcante para Heloísa Helena Roese, a primeira gaúcha a disputar uma edição dos Jogos Olímpicos não apenas no vôlei, mas em todas as modalidades do evento. Foi a única edição dos Jogos Olímpicos em que ela participou, na qual ela era, inclusive, a capitã da equipe.

Em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, a equipe masculina contou com os gaúchos Paulo Fernando Santos Roese (irmão da atleta Heloisa Roese), Paulo André Juroski da Silva (Paulão) e Renan Dal Zotto, que ajudaram a seleção a conquistar a 4ª colocação.

Desses três, apenas Paulão foi convocado para a edição seguinte, os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), na qual o Brasil conquistou a primeira medalha de ouro olímpica do voleibol brasileiro. Paulão participou ainda da edição de 1996, os Jogos Olímpicos de Atlanta, totalizando, assim, três participações olímpicas em sua carreira, sendo o recordista de participações do Rio Grande do Sul.

Original de Gravataí, Paulão iniciou sua trajetória esportiva na Sogipa, a convite de um treinador do clube que o viu em uma competição escolar. No momento de sua primeira convocação, ele havia saído há pouco tempo do estado e integrava a equipe do Chapecó (SC).

Em 1996, em Atlanta, a seleção feminina conquistou a medalha de bronze, subindo ao pódio pela primeira vez. Em 2000, nos Jogos Olímpicos de Sidney, a seleção feminina novamente conquistou o terceiro lugar. Em nenhuma das edições houve presenças de atletas gaúchas. Na delegação masculina que foi a Sidney, por sua vez, havia somente um gaúcho, Gilmar N. Teixeira (Kid), que conquistou somente a 6ª colocação.

Na edição seguinte, nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), a seleção masculina de voleibol conquistou sua segunda medalha de ouro, dessa vez com a participação dos gaúchos Gustavo Endres e André Heller.

Em 2008, uma gaúcha volta a integrar o grupo feminino, com a participação de Carolina Demartini Albuquerque. Carolina começou a praticar vôlei aos 11 anos no Grêmio Náutico União, onde permaneceu até os 16, quando foi para São Paulo. Desde então integrou equipes do sudeste, pelas quais já conquistou um título e sete vice-campeonatos da Superliga.



Também em 2008, no selecionado masculino, havia presenças gaúchas, com os irmãos Murilo e Gustavo Endres e de André Heller, integrando a equipe que conquistou a medalha de prata. Na edição seguinte, nos Jogos Olímpicos de Londres (2012), Murilo volta a compor a equipe masculina que conquista novamente a medalha de prata, contando com a companhia dos gaúchos Lucas Saatkamp (Lucão) e Thiago Alves.

Nesse mesmo ano, a seleção feminina conquistou sua primeira medalha de ouro, contando com a participação da atleta gaúcha Fernanda Garay, fechando até o presente momento as participações gaúchas no voleibol.

Figura 2 – Fernanda Garay campeã nos Jogos Olímpicos de 2008.



Fonte: <http://olimpiadas.uol.com.br/album/2012/08/13/selecao-feminina-de-volei-desembarca-em-sao-paulo.htm>.

Após o levantamento das participações gaúchas nos Jogos Olímpicos, conseguimos realizar entrevistas com os/as seguintes atletas: Marco Antônio Volpi, Renan Dal Zotto, Heloisa Helena Ruese, Paulo André Juroski da Silva, Gustavo Endres, Carolina Demartini Albuquerque e Thiago Alves.

Nas entrevistas realizadas pela equipe do Centro de Memória do Esporte são frequentes as afirmações que destacam o papel da família para despertar o interesse e/ou oferecer condições para o ingresso e a manutenção dos atletas na modalidade. Os depoimentos de Thiago Alves, Heloisa Ruese e Géron Albino Schuch ilustram essa afirmação:



Sou filho de ex atletas então desde cedo meus pais incentivaram. Eu tenho uma irmã dois anos mais velha e sempre incentivaram a gente a praticar esportes. E meu pai gostava de falar que desde pequeno a gente ia até no berço para o ginásio porque quando a gente era bebezinho eles ainda jogavam, ele era do basquete e ela do vôlei. Minha irmã entrou no vôlei um pouco antes que eu (ALVES, 2014, p. 2).

Eu nasci dentro de uma quadra de voleibol, porque meus pais jogavam voleibol. Meus pais foram seleção gaúcha de voleibol. Eu dentro do carrinho, eles iam pra quadra e eu ia junto. Então desde que eu nasci vivo dentro do voleibol (ROESE, 2014, p. 1).

Toda minha família, pai e mãe eram atletas, meu pai sempre foi de atleta de todas as modalidades de esporte, minha mãe também, então tinha todo um apoio familiar e muito firme, muito dedicado e que sempre entenderam e vibraram juntos (SCHUC, 2015, p. 2).

Outro ponto que merece destaque é a centralidade da cidade de Porto Alegre na formação dos/as atletas que chegaram a integrar a seleção brasileira, sobretudo a partir de tradicionais clubes sociais e esportivos como Sogipa e Grêmio Náutico União.

Apesar do reconhecimento da boa estrutura oferecida pelos clubes da capital gaúcha, os/as atletas cuja participação ocorre da década de 1980 em diante consensualmente afirmam que apesar das boas categorias de base, há poucas opções em equipes adultas no estado. Assim, muitos daqueles que se destacam acabam abandonando a modalidade ou mudam-se para outros estados. Carolina Albuquerque é uma das atletas que optou pela mudança, indo jogar em São Paulo ainda com dezesseis anos de idade, conforme relata em sua entrevista:

O vôlei no Rio Grande do Sul sempre teve uma base muito boa, quando você é nova, mas o adulto nunca teve um incentivo, então quando eu começava nas categorias base até o juvenil, categoria mirim, infantil, infante e juvenil, aí quando chegava na juvenil, ou você vinha para São Paulo para os grandes clubes, centros de treinamento no Rio de Janeiro ou Minas Gerais, ou você parava para estudar ou trabalhar, porque aí no Rio Grande do Sul eles não

incentivavam esporte adulto de alto nível, era mais as categorias de base, então eu tive que sair (ALBUQUERQUE, 2014, p. 1).

O cenário atual parece ilustrar esse contexto. Na temporada 2015/2016 não há nenhuma equipe gaúcha na Superliga Feminina, a maior competição nacional de clubes da modalidade. No caso dos homens, por sua vez, ainda que haja três equipes gaúchas no torneio, nenhuma delas exerce protagonismo na disputa.

Em relação à participação nos Jogos Olímpicos, os/as atletas destacaram a experiência diferenciada desse evento, que proporciona a convivência com esportistas de elite de diversas nacionalidades e modalidades na Vila Olímpica, aspecto realçado por Paulão:

A Olimpíada é uma Disneylândia para quem gosta de esporte. [...] eu gostaria de ir em todas porque lá você encontra os melhores. Você encontra os recordistas mundiais, olímpicos, então você está lá na Vila Olímpica, você passa diariamente por mulheres belíssimas, recordistas, campeãs olímpicas, homens belíssimos, tem gosto para tudo que é tipo de tamanho, jeito, cor... Então é um lugar assim que você está compartilhando, você senta naqueles refeitórios gigantescos, você vira para o lado e tem um, no meu caso tinha um Boris Becker⁶⁵ sentado (SILVA, 2013, p. 4).

Em relação à carreira após Jogos Olímpicos, percebemos que alguns/algumas daqueles/as que já encerraram suas carreiras conseguiram permanecer no esporte assumindo outras funções, como treinadores/as e/ou gestores. Paulão, inclusive, pôde participar de duas outras edições dos Jogos Olímpicos como dirigente pelo Ministério do Esporte e pelo Comitê Olímpico. Já os/as atletas mais novos, que continuam atuando dentro de quadra, possivelmente permanecem buscando a oportunidade de representar o Brasil em novas edições dos Jogos Olímpicos.

⁶⁵ Alemão, Ex-jogador profissional de tênis. Venceu seis torneios do Grand Slam, foi medalha de ouro nos Jogos Olímpicos e o mais jovem vencedor do Torneio de Wimbledon

Figura 3 – Atletas gaúchos que disputaram os Jogos Olímpicos entrevistados pelo Projeto Gaúchos



Renan Dal Zotto



Carolina Demartini Albuquerque



Thiago Alves



Heloisa Helena Roese



Gustavo Endres



Paulo André Juroski da Silva

Fonte: Google Imagens

Referências

ALVES, Thiago. **Depoimento de Thiago Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

MENDES, F. G. **O marketing esportivo: diferenças e semelhanças entre futebol e voleibol**. 2012, 41f. Monografia (Graduação), Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROESE, Heloísa Helena Santos. **Depoimento de Heloísa Helena Santos Roese**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

SCHUC, Gerson. **Depoimento de Gerson Schuc**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

SILVA, Paulo André Juroski da. **Depoimento de Paulo André Juroski da Silva (Paulão)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

VLASTUIN, Juliana; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 9-24, maio 2008.



A primeira medalha olímpica: Dario Barbosa

Christiane Garcia Macedo⁶⁶

Fúlvio Dickel⁶⁷

Uma medalha, a memória materializada de um momento de conquista, de superação, de vitória. O Centro de Memória do Esporte possui em seu acervo a medalha de bronze do porto-alegrense Dario Barbosa (1882-1965), conquistada na prova de tiro com pistola livre de 50 metros por equipes dos Jogos Olímpicos da Antuérpia (1920), uma das primeiras medalhas olímpicas conquistadas pelo Brasil.

Os lugares de memórias, especialmente os museus, tem se preocupado com a conservação e contextualização de objetos, produtos das atividades humanas. E a história, cada vez mais, tem reconhecido a importância da análise destes artefatos visto que: “Fora de seu contexto original, valorizado por características a ele totalmente alheias, o objeto deixa de ser objeto e passa a ser ‘documento’ e, aquilo que ele tem de mais intrínseco, que é ser produto e vetor da ação humana” (SUANO, 1986, p. 88).

Essa valorização está vinculada aos acontecimentos ligados a esse objeto e às representações do grupo social no qual está inserido. Pois, “o sucesso de recontextualização do objeto e seu papel na sociedade contemporânea dependem da repercussão de sua imagem na construção da **memória-documento, memória-monumento** perante o imaginário social” (PORTO; BARBOSA, 2011, p. 196, grifo original).

Nesse processo as informações sobre a materialidade do objeto podem trazer indícios para responder as perguntas que a ele fazemos. Através de sua releitura e problematização podemos encontrar os materiais utilizados na época,

⁶⁶ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁶⁷ Museólogo, formado pelo Curso de Museologia da UFRGS. Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

preferências gráficas, informações de datas e até mesmo ideologias, representações e padrões estéticos.

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma nas coisas”, referida a uma paisagem (inter)subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38).

A medalha de Dario Barbosa nos leva aos Jogos Olímpicos que tiveram pela primeira vez a participação de atletas brasileiros. As competições ocorreram na cidade belga, entre os dias 20 de abril e 12 de setembro de 1920, contando com a representação de 29 países. Nessa edição, pela primeira vez, foi feito o juramento do atleta olímpico⁶⁸ e o uso da bandeira olímpica contendo os cinco anéis coloridos e entrelaçados sobre fundo branco representando os cinco continentes (RUBIO, 2004; ROCHA; NICOLINI, 2008). Na cerimônia de abertura, pombas brancas foram soltas, simbolizando a paz mundial.

O mundo ainda se recuperava da Primeira Guerra Mundial. Os Jogos foram organizados com pouco dinheiro e de forma bastante improvisada, inclusive com muitos atletas hospedados por famílias (COB, 2004; RUBIO, 2004). A delegação brasileira⁶⁹ foi composta por 21 atletas⁷⁰, todos homens. Participaram das provas de natação, polo aquático, saltos ornamentais, remo e tiro.

A delegação brasileira ainda enfrentaria outros desafios: sem apoio, os próprios atletas, todos amadores, arcaram com os custos de sua viagem embarcando em um navio cargueiro com cabines tão ruins que optaram por

⁶⁸ Proferido pelo esgrimista belga Victor Bouin (ROCHA; NICOLINI, 2008).

⁶⁹ Esta delegação não foi organizada pelo nosso Comitê Olímpico. As tratativas foram feitas pelo embaixador brasileiro na Suíça Raul Paranhos do Rio Branco (ROCHA; NICOLINI, 2008).

⁷⁰ Este número é citado nos livros de Rocha e Nicolini (2008) e do Comitê Olímpico Brasileiro (2004). Segundo site do Comitê Olímpico Brasileiro também acompanharam a delegação mais três pessoas. E alguns sites consultados o número de atletas é de 29. ALCÂNTARA, Hélio. O Brasil não pode perder o que já ganhou: Olimpíadas: Antuérpia 1920. Publicado em: 9 de julho de 2011. Disponível em: <http://memoriadoesporte.org.br/2011/07/09/antuerpia-1920-2/>. Acesso em: 08 abr. 2016.

dormir no restaurante do navio, mas só poderiam se deitar após o último cliente sair (COB, 2004). Além disso, segundo Valéria Paraense, neta de Guilherme Paraense⁷¹, a comida não era gostosa e as condições de treino durante a viagem eram precárias (*apud* DAGA, 2015).

Quando o navio fez escala na Ilha da Madeira, Portugal, os atletas ficaram sabendo que a chegada à Antuérpia, na Bélgica, estava prevista para uma semana após a data marcada para a disputa das provas. Sem saber que os eventos haviam sido postergados, a delegação desceu do cargueiro e decidiu seguir de trem até a Bélgica em vagões abertos, sofrendo com sol, vento e chuva. Assim que passaram pela Alfândega, tiveram suas armas e munições confiscadas. Mesmo assim cada competidor conseguiu manter uma arma consigo. No entanto ao chegar a Bruxelas ainda seriam roubados restando apenas uma arma e 200 munições para toda a equipe, sendo que cada atleta precisaria somente para a competição de 75. Quando finalmente alcançaram a Antuérpia não receberam a ajuda financeira prometida pelo governo brasileiro, tendo que recorrer ao cônsul do Brasil na Antuérpia, que acabou bancando alimentação e hospedagem dos atletas. Ainda assim, precisavam chegar a Beverloo, campo de treinamento do Exército belga. E, para tal fizeram o percurso final a pé (COB, 2004; ROCHA; NICOLINI, 2008).

Chegando ao local os melhores lugares já haviam sido ocupados pelas demais delegações. Mas a sorte começou a mudar:

O capitão Afrânio Costa se enturmou e jogou xadrez com a delegação norte-americana, que se compadeceu e cedeu parte de seu moderno arsenal: 2.000 cartuchos. Porém, a única arma que os brasileiros tinham em mãos não dava esperança de qualquer resultado. Depois de ver as primeiras performances do Brasil - ruins - os norte-americanos emprestaram duas armas, especialmente desenvolvidas para a equipe dos Estados Unidos pela fábrica Colt (DAGA, 2015, s/p).

Segundo Rocha e Nicolini (2008) os americanos também cederam cinco alvos para treino. Com esse apoio Guilherme Paranaense, tenente do Exército brasileiro, venceu a prova de tiro com pistola rápida (revólver 30 metros individual)

⁷¹ Guilherme Paraense era militar, nasceu em Belém no dia 25 de junho de 1884, e faleceu no Rio de Janeiro de 18 de abril 1968. Integrou a equipe de tiro.

e conquistou a medalha de ouro. Afrânio Costa⁷² obteve o segundo lugar conquistando assim a medalha de prata na prova de tiro com pistola livre de 50 metros individual. E a equipe do Brasil, composta por Afrânio Costa, Dario Barbosa, Fernando Soledade⁷³, Guilherme Paraense e Sebastião Wolf⁷⁴, ganhou a medalha de bronze na prova de tiro com pistola livre 50 metros.

Figura 1 - Dario Barbosa e Sebastião Wolf (1920)



Fonte: Acervo do CEME⁷⁵.

⁷² Afrânio Antônio da Costa trabalhou em serviços públicos chegando a ser Ministro do Tribunal Federal de Recursos e do Supremo Tribunal Federal. Nasceu em Macaé em 14 de março de 1892 e morreu no Rio de Janeiro em 1979.

⁷³ Fernando Soledade foi médico e viveu no Rio de Janeiro, mas não conseguimos maiores informações.

⁷⁴ Sebastião Wolf foi um naturalista, nascido na Alemanha, que obteve a nacionalidade brasileira. Wolf viveu e faleceu em Porto Alegre (RUBIO, 2015). Outra fonte afirma que Wolf também exerceu a profissão de fabricante de biscoitos (CARMONA *et al*, 2014).

⁷⁵ Acervo do Centro de Memória do Esporte. Coleção Olímpica. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/9862> .

A notícia das primeiras medalhas brasileiras nos Jogos Olímpicos⁷⁶ só chegou ao conhecimento de nossa população dias depois do acontecido visto que as tecnologias informacionais da época advinham de cartas transportadas por navios. Ainda assim a informação só se confirmou quando aconteceu o retorno da equipe brasileira campeã que portava em sua bagagem aquelas peças de bronze, prata e ouro que evidenciariam os méritos de tal façanha (COB, 2004).

O Brasil terminou sua primeira participação nos Jogos Olímpicos em 15º lugar, com as três medalhas, e à frente de sete dos vinte e nove países que tiveram atletas competindo: Austrália, Japão, Espanha, Grécia, Luxemburgo, Tchecoslováquia e Nova Zelândia.

Essa primeira participação já contou com a presença gaúcha dos atletas Dario Barbosa e Sebastião Wolf, que participavam do clube Tiro 4, remanescente do tiro de guerra n. 4⁷⁷. Esses atiradores já participavam de competições internacionais desde 1910, obtendo bons resultados (RUBIO, 2015).

A medalha conquistada por Dario Barbosa foi entregue aos cuidados do CEME pelo médico e colecionador Henrique Felipe Bonnet Licht que a recebera da sobrinha do atleta, Gilda Barbosa. A peça integra o acervo olímpico que reúne materiais documentais, iconográficos e tridimensionais diversos, muitos destes doado pelo Dr. Licht em novembro de 2002.

A medalha está acondicionada em um estojo em couro contendo a seguinte inscrição em dourado: “3me PRIX VII^a *Olympiade* ANVERS D20” (3º Prêmio 8ª Olimpíada Antuérpia 1920). A medalha em si apresenta padrões gráficos riquíssimos, típicos do padrão europeu da época. Em seu verso apresenta em alto relevo uma fonte de água centralizada à frente de uma paisagem urbana típica bastante detalhada evidenciando estaleiros e grandes navios, circundadas pela inscrição “ANVERS MCMXX” (Antuérpia 1920). Na outra face, ao centro, figura a imagem de um atleta, de postura ereta, peito à frente, olhos ao horizonte

⁷⁶ Conforme <https://www.youtube.com/watch?v=pbJ9ugaRcTk>.

⁷⁷ Os Tiros de Guerra formavam reservistas para o Exército brasileiro. A Associação Tiro Nacional Porto Alegrense recebeu o registro n. 4, por isso ficou conhecido como Tiro n. 4 (CARMONA *et al*, 2014). Essa associação foi fundada em 24 de fevereiro de 1906, pelo coronel Germano Steigleder (Site do Tiro Flu, por Eduardo Ferreira). Disponível em: http://www.tiroflu.com/artigos/eduardo_ferreira/tiro_4.htm. Acesso em: 13 abr. 2016.

e corpo com músculos delineados, segurando uma tiara olímpica e um ramo de folhas o que certamente representaria a conquista do pódio. Na outra lateral ainda em segundo plano nota-se a figura de um espectador sob um palanque provavelmente referenciando autoridades ou os juízes da competição. Transpassa abaixo destas duas imagens um padrão gráfico comumente encontrado dentre as artes gregas logo acima do título da competição em caixa alta "VII OLYMPIADE" (8ª Olimpíada).

Essas representações ajudam a produzir o imaginário de que os Jogos Olímpicos tentam relembrar valores da antiguidade clássica, de atletas com determinados corpos, de um evento que envolve o local, a cidade e espectadores, e a vitória nas competições é um motivo de glória. Assim, essa peça, deixada por Dario Barbosa registra que a primeira participação de gaúchos nos Jogos Olímpicos já obteve a honra de um dos prêmios mais altos.

Figura 2 - Medalha de Bronze conquistada por Dario Barbosa (1920)



Fonte: Acervo do CEME⁷⁸

Referências

CARMONA, Eduardo Klein *et al.* Histórias das primeiras participações de atletas Sul-Rio-Grandenses nos Jogos Olímpicos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, S1A/S1R, p. 183-197, 2014.

⁷⁸ Acervo do Centro de Memória do Esporte. Coleção Olímpica. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/123456789/374>.

COMITE OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). **Sonho e conquistas: o Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX.** Rio de Janeiro: COB, 2004.

DAGA, Bianca. **Lado B das Olimpíadas.** Documento Eletrônico, ESPN. 05 de maio de 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/506653_lado-b-das-olimpiadas-viagem-de-5-confisco-e-roubo-de-armas-a-saga-do-1-medalhista-de-ouro-do-brasil. Acesso em: 10 mar. 2016.

NARDINO, A. T. D.; CAREGNATO, S. E. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005.

ROCHA, Aristides Almeida, NICOLINI, Henrique. **Olimpismo no Brasil: medalhas e classificações.** São Paulo: Phorte Editora, 2008.

RUBIO, Katia. **Heróis Olímpicos Brasileiros.** São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros.** São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANTOS, Miriam Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro: IPHAN / DEMU, Col. Museu, Memória e Cidadania, 2006.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da, LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma nas coisas" e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

SUANO, Marília. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense, 1986.



Heloísa Roese, a primeira gaúcha a participar dos Jogos Olímpicos⁷⁹

Marcelo Ribeiro Tavares⁸⁰

Ludmila Mourão⁸¹

A participação da gaúcha Heloísa Roese no voleibol feminino brasileiro desde a década de 1970 é um orgulho para o esporte nacional, não somente pela sua qualidade técnica, mas, principalmente, pela liderança que desempenhava em quadra. Heloísa foi a primeira mulher gaúcha a participar de uma edição de Jogos Olímpicos, em Los Angeles no ano de 1984. Além disso, através de sua dedicação e profissionalismo escreveu de maneira categórica sua história no esporte brasileiro e mundial.

Nascida na cidade de Novo Hamburgo em 14 de outubro de 1956, a canhota Heloísa Roese, desde muito pequena, esteve envolvida com o esporte. Seus pais jogaram voleibol e integraram a seleção gaúcha; seu irmão Paulo Roese também foi jogador de vôlei e Valter Roese, irmão mais novo, jogou basquete. Embora tenha praticado tênis, devido à forte tradição da modalidade em sua cidade, aos dez anos de idade escolheu o voleibol e passou a jogar na equipe do Colégio São Luiz, uma instituição católica, onde foi treinada pelo professor uruguaio Henrique Alonso. Segundo afirmou Heloísa: “eu como canhota teria muita chance no tênis, só que a minha paixão era o voleibol”⁸².

⁷⁹ Este texto resulta da dissertação de mestrado em Educação Física defendida em maio de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa, de autoria de Marcelo Ribeiro Tavares sob orientação da Prof^a Dr^a Ludmila Mourão.

⁸⁰ Mestre em Educação Física e membro Grupo de Pesquisa Educação Física Saúde e Sociedade, (GEFSS/CNPq), da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁸¹ Professora Adjunta da graduação e do Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação Física Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq).

⁸² Os dados sobre a trajetória da atleta foram coletados em entrevista com a jogadora na cidade do Rio de Janeiro (Ver: TAVARES, 2015).

Quando Heloísa completou quinze anos, no ano de 1971, sua família se mudou para a cidade de Porto Alegre e ela passou a integrar a equipe infanto juvenil do Grêmio Náutico União. Neste clube foi treinada pelos professores José Justino Martins e Neusa Barcelos. Em 1972, com apenas dezesseis anos e 1,80m de altura, passou a jogar pela seleção brasileira de voleibol adulta.

Em 1975, a atleta que integrava a equipe do Grêmio Náutico União brilhou nas quadras e foi eleita a melhor jogadora do campeonato brasileiro juvenil; no ano seguinte, repetiu as boas atuações e foi eleita a melhor jogadora do campeonato gaúcho.

Quando a atleta começou a ter visibilidade no cenário nacional se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro para defender o Clube de Regatas do Flamengo, aceitando convite do técnico da seleção brasileira, Ênio Figueiredo, que também era o treinador deste clube. Nessa época, a atleta também iniciou o curso de Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), transferindo-se mais tarde para a Universidade Gama Filho (UGF). A jogadora, além de estudar e jogar, também ministrava aulas na escolinha de voleibol do Flamengo.

Sua carreira foi coroada no final dos anos 1970, quando se sagrou campeã brasileira de clubes pelo Flamengo (1978) e conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-americanos de Porto Rico (1979).

Depois destas conquistas, Heloísa decidiu aceitar o convite do Fluminense Futebol Clube, um dos maiores rivais do Flamengo, e passou a jogar pela equipe tricolor. A decisão de Heloísa para a troca da equipe teve como motivação as condições oferecidas pelo clube: a atleta teria a possibilidade de morar com outra jogadora da equipe, Denise Matioli, e dividir as despesas, além de contar com subsídios para a alimentação e um trabalho no próprio clube. Heloísa estudava pela manhã e em seguida ia para o Fluminense, onde almoçava, trabalhava na parte da tarde e treinava à noite.

A decisão de trocar de clube, contudo, segundo a jogadora, fez com que o técnico Ênio Figueiredo, treinador do Flamengo e da seleção brasileira, a cortasse da seleção que disputou os Jogos Olímpicos de Moscou: “eu fui cortada porque esse ano eu saí do Flamengo e fui para o Fluminense. O Ênio me cortou, eu era

titular da seleção e até a Isabel disse para ele 'você está maluco'? Mas ele resolveu me cortar (ROESE, 2014, p. 4).

Aos vinte e quatro anos e diante da impossibilidade de representar seu país nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, Heloísa pensou em parar de jogar, mas logo foi convencida do contrário pelo técnico Evandro Meirelles, que também era psicólogo, e prometeu transformá-la na maior jogadora do Brasil. Com a motivação renovada, a atleta se dedicou aos treinamentos e em 1981, foi eleita a melhor jogadora do campeonato brasileiro de clubes, ajudando o Fluminense a conquistar o título.

Neste mesmo ano, a seleção brasileira feminina de voleibol precisava de reforço para tentar conquistar o campeonato sulamericano, na cidade de Santo André, em São Paulo. De acordo com Oscar Valporto, com o desfalque de Vera Mossa, grávida, o técnico "Ênio Figueiredo trouxe de volta jogadoras experientes como Célia [Garritano] e Heloísa Roese, para tentar vencer o Peru, líder sulamericano, aproveitando que o campeonato seria no Brasil."(2007, p. 73). Neste contexto, a presença da atleta seria fundamental para as aspirações brasileiras e, felizmente, esta acertada decisão contribuiu para a vitória da seleção brasileira por três sets a dois sobre a seleção peruana, interrompendo uma série de vitórias do Peru. Este jogo foi transmitido em rede nacional pela TV Globo, com a narração de Luciano do Valle. Acredita-se que a transmissão deste jogo tenha sido um divisor de águas e decisivo para o desenvolvimento do voleibol feminino brasileiro.

A década de 1980 ficou marcada por uma série de conquistas brasileiras na política, mas também no esporte, e em especial no voleibol. O Mundialito de 1982 foi um torneio preparatório para o Campeonato Mundial que seria disputado alguns meses depois, em Lima, no Peru. O campeonato reuniu as equipes do Brasil, Japão, da antiga União Soviética, Coréia do Sul, Argentina e um selecionado paulista que foi montado às pressas para substituir a equipe do México, que desistiu da competição pouco antes do seu início. Além disso, este torneio "reuniu algumas das melhores seleções, com transmissão ao vivo pela TV e forte esquema de marketing, parte da estratégia para divulgar o voleibol feminino." (TAVARES,

2014, p. 82). O evento foi realizado no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo e o Brasil ficou em segundo lugar, atrás apenas da poderosa equipe japonesa e novamente Heloísa Roese estava lá defendendo a seleção brasileira na equipe titular.

Em 1983, a seleção brasileira venceu os Jogos Mundiais Universitários (Universiade) e, finalmente, em 1984, o Brasil participou pela segunda vez dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles, dessa vez, com a imprescindível participação da atleta gaúcha, capitã da equipe e jogadora fundamental para a equipe brasileira, tendo em vista a consistência de seus fundamentos técnicos e sua disciplina tática. “O Brasil terminou a competição em sétimo lugar, com apenas uma vitória sobre o Canadá, na última partida”(PIMENTEL, 2012, p. 175). Apesar do resultado, a seleção protagonizou excelentes jogos contra a China e os Estados Unidos demonstrando um volume de jogo consistente que chamou a atenção do mundo para o voleibol praticado no Brasil.

Figura 1 – Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984.



Fonte: Disponível em: http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=113072

No ano de 1985 a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) promoveu o “Jogo do Século”. Este tinha a finalidade de dar destaque ao esporte, realizando dois jogos amistosos, nas cidades de Pequim e Shangai, entre a seleção de voleibol feminino da China - seleção campeã mundial (1982) e olímpica (1984) – e a

seleção do “Resto do Mundo”, formada pelas doze melhores jogadoras de voleibol da Europa, Ásia e Américas. Entre japonesas, cubanas, peruanas, italianas e russas, a única brasileira convocada, aos 29 anos, foi a gaúcha Heloísa Roese, fato que a credenciou como uma das melhores jogadoras do mundo da década de 1980.

No Brasil, a jogadora atuou pelas equipes cariocas da Bradesco - Atlântica e Supergasbrás, mas logo depois passou uma temporada na Itália defendendo a equipe “Cona di Fano”, da cidade de Fano. Em 1992 retornou ao Brasil para concluir o curso de Educação Física que havia interrompido e ainda atuou pela equipe da empresa Rio Forte. Finalmente, em 1995, disputou a primeira Superliga pela equipe do BCN e encerrou a carreira de atleta conquistando o vice-campeonato nacional, aos 39 anos.

Figura 2: Anúncio do chamado “Jogo do Século”; foto da jogadora Heloísa Roese com a jogadora japonesa Kumi Nakada.

O JOGO DO SÉCULO



Heloísa e Nakada: um clima de amizade predominou na Seleção do Mundo e ninguém deu uma de estrela.

Fonte: Revista Placar, 1985. Disponível em:

<https://www.facebook.com/IdolosDoVolei/posts/753969188072141>

Já formada em Educação Física, fez cursos de aperfeiçoamento e logo começou a trabalhar como técnica de voleibol na universidade Gama Filho, e nas equipes de base do Flamengo. Atualmente é a técnica da equipe mirim de voleibol feminino do Clube de Regatas do Flamengo e se diz muito satisfeita e realizada com tudo que o voleibol lhe proporcionou, conforme relata: “o voleibol significa tudo porque foi quem me deu tudo na minha vida” (TAVARES, 2015, p. 158).

Esta breve retrospectiva da carreira de Heloísa Roesse reflete não apenas a importância da atleta para o desenvolvimento do voleibol feminino brasileiro, mas, sobretudo, seu protagonismo no esporte, em uma época em que nem o voleibol e nem as mulheres que se dedicavam ao esporte, eram reconhecidas. A persistência da atleta em tempos difíceis a levou a se consagrar como uma das melhores jogadoras de voleibol de todos os tempos. Seu amor e dedicação ao esporte que se estendem até os dias de hoje fazem da trajetória de Heloísa Roesse uma referência e um exemplo inspirador para as novas gerações de atletas.

Referências

PIMENTEL, R. A. **História do voleibol no Brasil**, volume II. Niterói: Letras e Versos Editora, 2012, p.175.

ROESE, Heloísa Helena Santos. **Depoimento de Heloísa Helena Santos Roesse: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

VALPORTO, O. **Vôlei no Brasil: uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007

TAVARES, M. **Mulheres em manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Estudos) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015

O treinador Luís Antônio Ferla Castegnaro e sua experiência com o futebol de mulheres

Claudia Yaneth Mina Martinez⁸³

Desde o ano de 1896 são realizados os Jogos Olímpicos da era moderna; reavivar a união dos povos em torno dos esportes foi um grande sonho conseguido pelo francês o Barão Pierre de Coubertin através da criação desta competição. Um século depois, no ano 1996, o Comitê Olímpico Internacional anunciou uma novidade: a inclusão do futebol praticado por mulheres nos Jogos de Atlanta que contou, inclusive, com a presença do Brasil, país conhecido pelo forte vínculo entre o futebol e a identidade nacional. A partir dessa edição, a seleção brasileira esteve presente em todos os torneios de futebol feminino dos Jogos Olímpicos posteriores.

Geralmente, a participação nos Jogos Olímpicos oferece maior visibilidade e reconhecimento aos/as esportistas (para uns mais que para outros). A imprensa assedia os/as melhores e mais destacados/as atletas no seu momento de glória, antes e depois das competições, e de demonstrar o fruto da disciplina e do treinamento nas provas esportivas. No entanto, atrás de cada *performance* produzida por cada jogador/a, e de cada movimento e esforço particular, existem aquelas pessoas que, através de seu trabalho estratégico e planejado, preparam os/as atletas em aspectos específicos, contribuindo para alcançar o principal objetivo: superar os desafios exigidos pela competição e obter a vitória superando o esforço dos outros. Isso significa que junto com os esportistas, aquelas pessoas que apoiaram na sua preparação contribuíram na construção da história, ou das histórias relacionadas com a participação nesta magna competição esportiva.

Neste texto vou abordar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos focando a trajetória de um treinador: Luís Antônio Ferla Castegnaro que atuou

⁸³ Mestre em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

como treinador de goleiras nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), experiência que identificou como “realização de um sonho” (CASTEGNARO, 2014, p. 3), fundado na infância que conseguiu concretizar.

Sua história no esporte começou em sua cidade natal, São Gabriel, aos oito anos de idade, quando participava como goleiro nas equipes do colégio no qual estudava. Esta trajetória nas competições escolares lhe permitiu integrar a equipe do Clube S.E.R. São Gabriel, atualmente conhecido como Esporte Clube São Gabriel, na categoria Junior nos anos de 1989 e 1990. Seu pai foi o principal motivador de sua inserção no esporte, dando-lhe, inclusive, seu primeiro livro presenteado sobre essa temática “era o livro do Sepp Maier, goleiro da seleção alemã, que era o *top* na época” (CASTEGNARO, 2014, p. 4).

Posteriormente, no ano de 1998 Castegnaro decidiu estudar Educação Física na cidade de Porto Alegre, foi nesse momento que teve a oportunidade de iniciar sua trajetória no profissional no treinamento esportivo. Em 1997 aceitou atuar como treinador de goleiras no Departamento Feminino do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense, que, na época, estava em contenção total de custos, motivo pelo qual seu trabalho foi inspirado pela vontade e a intenção de demonstrar seu potencial nesse campo vestindo a camiseta de um clube reconhecido. Depois de um ano e meio trabalhando por amor à sua profissão, Castegnaro foi contratado como funcionário. Segundo narra em entrevista à equipe do Centro de Memória do Esporte, essa foi a melhor fase do futebol feminino gaúcho, os anos de 1998 a 2002, um período em que parecia que o futebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul começava sua profissionalização. Situação que aos poucos foi retrocedendo com o fechamento do Departamento Feminino deste clube no ano 2002 (WIDMAR, 2005).

Sua trajetória profissional como treinador de goleiras no Grêmio foi satisfatória: disputou em 1998 o Campeonato Gaúcho, e no mesmo ano participou do Campeonato Brasileiro em Goiânia (GO). No ano 2000 o Grêmio foi, pela primeira vez, campeão do Campeonato Gaúcho e no mesmo ano obteve o 4º lugar no Campeonato Brasileiro. Em 2001 Castegnaro participou do Campeonato Brasileiro Juvenil Feminino em Ubá, (MG). Sua passagem pelo Grêmio lhe forneceu

os aprendizados e a experiência que posteriormente lhe abriria as portas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Falar da trajetória profissional de Castegnaro remete ao mesmo tempo à história do futebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul e no Brasil. O treinador prepara as atletas que assumem a posição diferenciada dentro da equipe de futebol, afirmando que ser goleiro é quase como praticar outro esporte, ou como manifestou Carlesso (1981), “a posição de goleiro requer... uma orientação e educação especial diferente” (p. 34). Isso significa que seu trabalho não é o mesmo feito por quem treina a equipe toda. Do mesmo modo, sua experiência no futebol praticado por mulheres, traz consigo situações diferentes das que tem, por exemplo, o treinador de goleiros da seleção de futebol praticado por homens, pois o futebol é tratado socialmente de forma desigual e diferenciada entre homens e mulheres. Uma das variações é o fato da seleção de mulheres ter poucos amistosos com as principais equipes internacionais, o que gera dificuldade no momento de corrigir os erros e até conhecer as adversárias. Esta situação também foi observada nos relatos das treinadoras Fabiana Manzolillo e Emily Lima Alves no estudo realizado por Cláudia Martinez Mina e Silvana Vilodre Goellner (2015), no qual as técnicas manifestaram esse aspecto como uma das dificuldades de dirigir as equipes praticadas por mulheres, inclusive, as seleções nacionais.

Castegnaro teve a oportunidade de ser convocado para trabalhar no ano de 2001 na Confederação Brasileira de Futebol: “Cheguei lá única e exclusivamente pela minha capacidade profissional, alguém viu o meu trabalho, gostou e me chamou e isso é uma coisa que eu tenho muito orgulho em dizer” (CASTEGNARO, 2014, p. 4). Dessa maneira, iniciou como treinador de goleiras na categoria sub-19 de futebol no ano 2001, equipe que se preparava para disputar o Campeonato Mundial no ano 2002 no Canadá, e que casualmente teria entre suas integrantes duas jogadoras em destaque na atualidade: Cristiane Rozeira de Souza Silva que se tornou a maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos e Marta Vieira da Silva, eleita cinco vezes pela FIFA como a melhor jogadora do mundo. Também é importante ressaltar que nessa convocação foram chamadas várias atletas que jogavam no Grêmio *Foot-ball* Porto Alegreense como “Maurine Dorneles Gonçalves

(meia), Analú Brazeiro Bonino (meia), Lidiane César de Brito (lateral), Kelly Nunes dos Santos (goleira), Daiane Menezes Rodrigues (zagueira), também conhecida como Bagé” (WIDMAR, 2014, p. 79).

A partir do ano 2001 Castegnaro trabalhou com as goleiras de todas as categorias da seleção brasileira de futebol feminino, sub-19, sub-20 e categoria principal. Durante os oito anos que fez parte da Comissão Técnica da CBF participou de cinco mundiais: a Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-19 realizada no Canadá (2002), a Copa do Mundo de Futebol Feminino nos USA (2003), a Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-19 na Tailândia (2004), a Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 na Rússia (2006), a Copa do Mundo de Futebol da China com a seleção principal no ano 2007.

Figura 1 - Castegnaro e as goleiras Bárbara Micheline e Andréia suntaque na Granja Comary (2007)



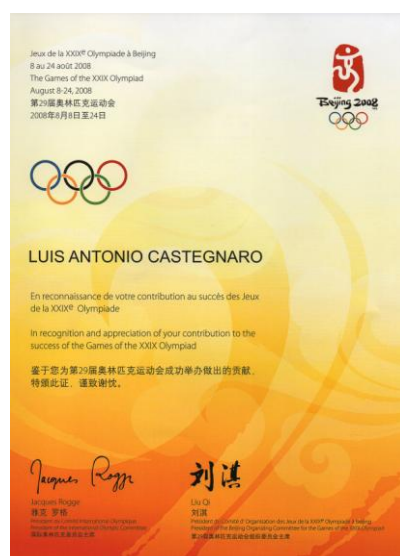
Fonte: acervo de Luís Antônio Ferla Castegnaro

Esteve presente em quatro Sul-americanos nos quais o Brasil tornou-se o maior vencedor do torneio em todas as ocasiões: No Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino sub-20 e Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino ambos realizados no Peru respectivamente nos anos 2002 e 2003, no Campeonato

Sul-Americano de Futebol Feminino sub-19 no ano de 2004 realizado na Tailândia, e no Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino sub-20 que aconteceu no Chile em 2006. De igual modo, teve a oportunidade de fazer parte da comissão de futebol dos Jogos Pan-americanos no ano de 2003 em Santo Domingo e em 2007 no Rio de Janeiro, cuja seleção brasileira consagrou-se campeã também nessas duas ocasiões.

Castegnaro expressa que uma das melhores experiências da sua trajetória esportiva foi a participação dos Jogos Olímpicos de Pequim no ano 2008, competição na qual o Brasil disputou a final contra os Estados Unidos sendo derrotada por um gol no segundo tempo da prorrogação. Estar nesse evento foi a realização de um sonho de infância e também um passo para outras oportunidades profissionais a nível internacional. Para Castegnaro, os Jogos Olímpicos permitem a confraternização dos povos no esporte. Segundo sua vivência, é nessa competição que o futebol praticado por homens e por mulheres é tratado da mesma forma. Além disso, ele observou que a imprensa internacional se interessa pelo futebol do Brasil, mesmo das mulheres, uma situação de visibilidade que ainda precisa ser superada no país e em outras competições internacionais.

Figura 2 – Certificado de participação nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008)



Fonte: acervo de Luís Antônio Ferla Castegnaro

Foi no ano 2009 que o treinador de goleiras, depois de trabalhar com sucesso na CBF, aceitou o convite do treinador Jorge Barcello para trabalhar na Liga Feminina Americana Profissional nos Estados Unidos, com o Clube *Saint Louis Athletica*, pertencente da *Women's Professional Soccer* (WPS), principal liga de futebol praticado por mulheres do mundo.

Sem dúvida, a trajetória profissional, embora exposta de forma sucinta, do primeiro treinador gaúcho de goleiras da seleção nacional brasileira permite indagar em alguns processos históricos com relação ao futebol praticado por mulheres no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil. Sua participação em todas as principais competições que uma seleção nacional pode disputar, sua iniciativa como treinador de goleiras do Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre na época em que existia a vontade de desenvolver o futebol feminino no Estado, os ganhos obtidos e sua participação nos Jogos Olímpicos de Pequim, acrescentam e contribuem na reconstrução de histórias das pessoas envolvidas nestas competições atuando em diversos campos na área do futebol. Um futebol que, por ser praticado por mulheres, ainda precisa de visibilidade e reconhecimento, e que conta com o apoio de pessoas como Castegnaro, apaixonadas pela modalidade.

Referências

CARLESSO, R. A. **Manual do treinamento do goleiro**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981.

CASTEGNARO, L. A. F. **Depoimento de Luís Antônio Ferla Castegnaro**. Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte. ESEF/UFRGS, 2014.

MINA, C. Y. M.; GOELLNER, S. V. Estar allá, no es solo estar allá: narrativas de las dos únicas treinadoras presentes en la Copa Libertadores Femenina 2015. **Labrys Estudos Feministas**, n. 28, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys28/sport/silvana.htm>. Acesso em: 07 abr. 2016.

WIDMAR, M. J. Futebol Feminino em Porto Alegre-RS. *In.*: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

Goleira Maravilha: a calma na tempestade brasileira

Pamela Siqueira Joras⁸⁴

Laura Giovana dos Santos Andrade⁸⁵

O título do texto faz referência ao modo como foi tratada a atuação de Marlisa Wahlbrink durante a Copa do Mundo de 1999, na capa do jornal *The Washington Post*⁸⁶ após seu desempenho pela seleção brasileira contra a Alemanha. A goleira, conhecida como Maravilha, nasceu em 10 de abril de 1973 na cidade de Constantina, filha de Arno e Hilga Wahlbrink. Aos dois anos de idade, mudou-se para a cidade de Maravilha em Santa Catarina, município que originou seu apelido como jogadora de futebol anos mais tarde.

As dificuldades vivenciadas na infância e adolescência no trabalho cotidiano da zona rural eram amenizadas com as brincadeiras que fazia com vizinhos, amigos e irmãos sendo a principal delas, o jogo de futebol. Aos 7 anos Maravilha já trabalhava na roça ao lado de sua família, reservava metade de seu tempo para trabalhar e o restante para estudar e foi na escola que o contato com o futebol começou a intensificar, apesar de ser a única menina a praticar o esporte entre seus colegas.

O tempo foi passando e seu interesse pela modalidade foi crescendo. Criada em uma família muito rígida e religiosa, o futebol só era permitido se praticado junto aos seus irmãos e, quando levantou a possibilidade de formar uma equipe na comunidade em que morava, foi proibida pelo seu pai. Em entrevista concedida a equipe do Centro de Memória do Esporte, conta que foi obrigada a largar seus

⁸⁴ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁸⁵ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁸⁶ Maravilha's *the calm in Brazil Storm*, publicada no jornal *The Washington Post* do dia 3 de julho de 1999.

estudos aos 10 anos de idade e sua infância foi plena de dificuldades e de muito trabalho:

A gente tinha que trabalhar muito, desde pequena, desde que eu conseguia segurar uma enxada [...]. A gente trabalhava de segunda a sábado de meio dia, em épocas de colheita era direto, finais de semana quando necessário tinha que trabalhar. Eu questionava porque a gente trabalhava tanto [...]. A dificuldade sempre foi assim, criados numa dificuldade muito grande. Eu questionei por que a sociedade era assim. Não entendia naquele momento porque ela funcionava desse jeito. Fui compreender isso, depois que eu conheci meu marido, em 2001[...]. A partir desse momento eu comecei a entender de uma forma diferente a sociedade. Isso fez evoluir muito a minha qualidade no futebol, em termos de poder jogar. Essa compreensão eu acho fundamental para qualquer ser humano. Você só se torna livre quando tem conhecimento e eu sempre ando em busca disso (WAHLBRINK, 2014, p. 3).

Aos 21 anos, cansada do trabalho duro e em busca de uma nova vida, Maravilha deixou sua casa e com a ajuda de um amigo viajou para Porto Alegre com o objetivo fazer um teste promovido pela Federação Gaúcha de Futebol na equipe do Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre. Para conseguir se sustentar na capital gaúcha trabalhava como empregada doméstica durante o dia e treinava no E. C. Cruzeiro à noite.

Figura 1: Goleira Maravilha



Fonte: Acervo Pessoal de Marlisa Wahlbrink

Maravilha relata que esse período de sua trajetória no futebol feminino foi muito complicado, mas também decisivo para seu futuro no esporte. O medo de ser dispensada da equipe fez com ela pedisse ao treinador um teste para se tornar goleira, foi então que em apenas um mês atuando embaixo das traves, assume a titularidade da equipe.

Quando disputava a Taça Brasil com a equipe do Cruzeiro, competição em que ficou em quinto lugar, o Presidente do SAAD Esporte Clube convidou o treinador do Cruzeiro a integrar essa equipe. Em função disso, Maravilha também muda de time e passa a vestir a camisa do SAAD.

No ano de 1995, em parceria com a empresa *Sport Promotion*, o SAAD assume o compromisso de abrigar em seu Centro de Treinamento a Seleção Brasileira de Futebol Feminino que estava em preparação para os Jogos Olímpicos de Atlanta que seriam disputados em 1996, aliás, a primeira edição que o futebol de mulheres entraria no calendário dos Jogos. Motivada pela oportunidade de fazer parte da seleção brasileira Maravilha treinava mais que suas companheiras de equipe e imaginava que uma convocação para a equipe nacional poderia mudar sua condição financeira.

Eu precisava ir para a seleção, precisava mudar minha condição financeira. Na época aqui no Cruzeiro, não recebia nada financeiramente. O que tínhamos era passagem de ônibus para ir para os treinos, no último mês a gente teve alimentação e hospedagem e só isso. Quando fui para São Paulo recebia uma ajuda de custo de setenta reais, isso em final de 94 e 95. [...]. Vivia com bastante dificuldade, porque na verdade me faltava tudo (WAHLBRINK, 2014, p. 9).

Convocada para os Jogos Olímpicos de Atlanta passou a treinar em três períodos durante o dia, razão pela qual algumas vezes pensou em desistir da carreira futebolística. Quando relacionada para participar de um período de adaptação para os Jogos Olímpicos em Dakota do Sul nos Estados Unidos e também movida pelo desejo de continuar seus estudos, Maravilha inicia treinamentos junto à equipe *Rapid City* e seus estudos no *National College* onde vislumbrava cursar o ensino superior, entretanto, após a 4ª colocação da seleção

nos Jogos Olímpicos, relata que percebe um bom momento para investir na carreira de jogadora e, então, retorna ao Brasil e novamente é convocada para a seleção brasileira.

Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, o Brasil conquistou o 4º lugar na competição perdendo a disputa do 3º lugar para a Noruega pelo placar de 2 a 0. Após a realização desses Jogos aumentou a visibilidade das mulheres no futebol brasileiro com alguns investimentos na modalidade. Maravilha lembra o intenso ano de competições ao retornar dos Jogos Olímpicos: “naquele período eu lembro que a gente começou os trabalhos no final de janeiro e terminou dia vinte e três de dezembro. Foi um ano completo de competições e jogos, onde a evolução do futebol feminino foi marcante” (WAHLBRINK, 2014, p. 10).

Figura 2 - Goleira Maravilha em treinamento na seleção brasileira



Fonte: Site Globo Esporte

Após a boa classificação nos Jogos Olímpicos e o ano intenso de competições a empresa *Sport Promotion* não conseguiu manter os custos de competições e acabou delegando esta responsabilidade para outros órgãos como a Federação Paulista de Futebol que organizou o Campeonato Paulista de 1998. Tal contexto remete novamente o futebol de mulheres a sofrer diante das dificuldades visto que os salários e as despesas contratuais afetavam a vida das jogadoras, inclusive, da goleira Maravilha. Nas suas palavras: “Quando existia uma

crise no futebol em que a equipe masculina enfrentava problemas o corte primeiro era no feminino” (WAHLBRINK, 2014, p. 11).

Desde sua participação nos Jogos Olímpicos, Maravilha passou a ser titular da seleção brasileira disputando entre outras competições a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1999, realizada nos Estados Unidos, competição na qual as brasileiras conquistaram o 3º lugar. Em uma partida contra a seleção da Alemanha ela relembra um dos momentos marcantes de sua atuação pela seleção nacional: “Naquele jogo eu fui tão bem que fui capa do jornal o título dizia: *“Maravilha calma da tempestade Brasileira”*, pelo destaque daquela partida.” (WAHLBRINK, 2014, p. 12). A regularidade com que matinha sua *performance* nas competições nas quais atuava tanto pela seleção quanto pelo São Paulo Futebol Clube, equipe que defendia em 1999, fez com que fosse convocada para os Jogos Olímpicos de Sydney, no ano 2000. No entanto, por divergências internas da seleção brasileira perdeu a titularidade e nessa edição dos Jogos participou como goleira reserva. Segundo a atleta:

Em 2000 nós fomos para a Olimpíada em Sidney na Austrália, com muitos problemas internos, tinham muitas divergências [...]. O treinador de goleira falou para mim que estava preocupado com o que estava acontecendo. Eu disse: “Pode deixar que eu vou entrar e vou jogar.” Eu sempre dava resposta dentro de campo, quando eu percebia que algo errado estava acontecendo. Nunca batia boca com ninguém, eu provava isso dentro de campo (WAHLBRINK, 2014, p. 13).

Após conquistar a 4ª colocação nos Jogos Olímpicos de Sydney o futebol de mulheres no Brasil sofreu uma grande decadência, vários clubes encerraram suas atividades deixando muitas atletas sem equipes para jogar. Em outubro de 2000 quase todas as equipes de futebol de mulheres fecharam as portas o que acabou gerando um ano de inatividade nas competições nacionais, pois não havia clubes que pudessem motivar tais competições.

No final do ano 2000 Maravilha retornou para sua cidade e reencontrou sua família. A situação instável que vivia no futebol fez com que pensasse no seu futuro e seu grande objetivo passa a ser o investimento do dinheiro que ganhava com o futebol em um imóvel na cidade em que residia. As boas atuações e a

regularidade de Maravilha como goleira começam a trazer resultados como o título de campeã paulistana atuando pelo Lusa Santana, equipe de São Paulo em 2000, o vice-campeonato gaúcho e o título da Copa Sul quando jogava pelo Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre em 2002. Suas boas atuações nos campeonatos nacionais e sua regularidade como goleira fazem com que Maravilha seja convocada novamente para integrar a seleção brasileira em preparação para os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

Após os altos e baixos que vivia no futebol destaca o trabalho diferenciado que viveu nos Jogos Olímpicos de Atenas: “Acho que foi o único trabalho a nível profissional que eu tive, foi com a comissão técnica do René Simões [...]. Ele tinha um projeto de dar uma sequência, mas a CBF não quis” (WAHLBRINK, 2014, p. 13).

O resultado do trabalho realizado por René Simões na seleção acabou em uma dramática final contra os Estados Unidos, perdendo pelo placar de 2 a 1 na prorrogação. Ainda assim, esta é a sua primeira grande conquista em Jogos Olímpicos visto que a seleção brasileira conquistou a medalha de prata abrindo portas para as atletas do Brasil. É nesse cenário que Maravilha é convidada para atuar como treinadora de goleiros/as em uma universidade em Kansas nos Estados Unidos onde permaneceu entre 2004 e 2006.

Retornando ao Brasil a atleta vislumbra sua participação nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Entretanto uma fratura no dedo da mão direita deixaria Maravilha fora dessa competição. No ano de 2009, aos 36 anos de idade, Maravilha decide pela aposentadoria e o desejo de ser mãe foi decisivo para encerrar sua carreira como goleira e, assim, retornar para a cidade de Maravilha.

Atualmente trabalha como preparadora de goleiros nas categorias de base do município em que reside, já revelou talentos que estão distribuídos em clubes de tradição no futebol brasileiro como Clube Atlético Mineiro de Minas Gerais, Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, *Sport Club* Internacional do Rio Grande do Sul e São Paulo Futebol Clube de São Paulo.

Figura 3: Goleira Maravilha e seus atletas em treinamento



Fonte: Jornal "O Líder"

Para muitas, realizar um sonho não ultrapassa a linha do pleonasma e fica no imaginário por anos, às vezes por uma vida inteira. As oportunidades existentes no Brasil para o futebol de mulheres impedem que muitas meninas realizem seu sonho em ser jogadora de futebol e com isso muitos sonhos vão ficando pelo caminho. Maravilha seria mais uma a entrar para esse clube se, aos 21 anos, não tivesse tomado a coragem e a vontade necessárias, e de poucas, para seguir na carreira futebolística. Vislumbrando uma vida melhor, tornou-se jogadora de futebol alcançando a maior honra que um atleta pode sonhar, participando de dois Jogos Olímpicos em Sydney em 2000, foi medalha de Prata em Atenas, 2004 além de terceiro lugar conquistado na Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1999, nos Estados Unidos. O sonho de Maravilha não ficou pelo caminho, pelo contrário, se fez caminho e ao lado de sua história também se constrói a história e a memória do futebol de mulheres no Brasil.

Referências

LAVINAS, Thiago. **Maravilha volta a jogar de olho em Pequim**. Globo Esporte, 2008. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/0,,MUL390294-9354,00.html>. Acesso em: 4 abr. 2016.

RHODEN, Ilaine. O ápice da vitória e da derrota de um time. **Jornal O Líder**, 2014. Disponível em: <http://wh3.com.br/olider/noticia/116560/o-apice-da-vitoria-e-da-derrota-de-um-time-.html>. Acesso em: 30 mar. 2016.

WAHLBRINK, Marlisa. **Depoimento de Marlisa Wahlbrink**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.



Mais do que um sonho

Christiane Garcia Macedo⁸⁷

Gustavo Henrique Ribas Bernardi⁸⁸

Participar dos Jogos Olímpicos é considerado o grande sonho de muitos atletas, o ápice de suas carreiras. Mas o que acontece depois que o sonho se realiza? Durante a realização do projeto *Gaúchos Olímpicos: garimpando memórias, reconstruindo histórias* essa dúvida surgiu e foi incluída nos roteiros das entrevistas realizadas. Nesse texto temos como objetivo refletir sobre os sentimentos acerca desse sonho, as barreiras enfrentadas e, ainda, o modo como os/as atletas atuavam depois de deixarem de competir.

Para tanto utilizamos o banco de dados produzido pela equipe do Centro de Memória do Esporte e entrevistas fundamentadas no aporte teórico-metodológico da História Oral, além de pesquisas na internet, artigos e obras publicadas. Dos 154 gaúchos/as que identificamos como atletas olímpicos até os Jogos Olímpicos de Londres (2012), conseguimos informações de 124 atletas sobre o período após os jogos olímpicos que participaram. Sendo que 24 atletas gaúchos ainda estão competindo. Sobre as entrevistas, foram realizadas 39, dessas analisamos 23 para esse texto, que possuíam informações sobre a participação de atletas e sua atuação após os jogos. As demais entrevistas foram excluídas por não serem com atletas ou por não abordarem o tema desse texto. Nas entrevistas analisadas observamos participações em edições de 1964 a 2012. As modalidades contempladas foram: atletismo, canoagem, esgrima, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, maratona, natação, remo, tiro com arco e vôlei.

Ser olímpico: o sonho

⁸⁷ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

⁸⁸ Estudante do Curso de Licenciatura Educação Física (ESEFID-UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

Ao analisarmos as entrevistas percebemos que todos/as os/as atletas consideram de modo bastante positiva a participação nos Jogos Olímpicos, descrita como sendo um sonho e o ápice da carreira de atleta: “porque é uma coisa realmente muito grande para o atleta, é o máximo que ele pode chegar” (EIDT, 2014, p. 9). Luciano Finardi explicita:

É um legado que tu leva para os teus filhos, para tua família, para os teus pais, tu sempre é mencionado. Tu sempre é mencionado, porque tu é um herói, ninguém pode dizer eu vou para uma olimpíada, porque pode quebrar teu pé e tu não vai, então, como eu te falei, foi um sonho que eu sempre tive e trabalhei pra isso. Estudei, me formei e soube levar. Isso que eu não tinha condição nenhuma naquela época, isso pela minha vontade e pelos meus resultados (2014, p. 12).

A experiência também se relaciona com sentir muito orgulho: “Gostaria de viver mais uns 250 anos, só para ir a muitos outros Jogos Olímpicos. É sensacional. É uma experiência indescritível, algo que, só indo para ver. O próprio nome descreve, é o Olimpo do esporte. Maravilhoso! Quem for, verá” (ÁVILA, 2014, p. 17). Para outro atleta:

Não estou toda hora vendo, mas é bom recordar porque é um fato, é algo que eu tenho maior orgulho (...) eu fiz parte desse grupo aqui tenho essa medalha, sou um atleta olímpico, eu ganhei uma medalha e muita gente não sabe, e tal. Lógico que eu não ando com a medalha aqui, mas pra mim é um orgulho grande cada vez que eu vejo aquilo ali e vejo as recordações de Seul (ALVES, 2015, p. 14).

Mesmo para atletas que não tinham chances de medalhas ou que não tiveram o resultado esperado, sua participação é reconhecida como importante. Nas palavras de Gisele Oliveira, do atletismo, “fiquei na vigésima terceira colocação, e fiquei muito feliz de ter participado dos Jogos, fiquei muito feliz, é tudo diferente” (2014, p. 10). Daiane dos Santos afirma: “A Olimpíada é muito especial, todo mundo que participa, independente do resultado, eu acho que já é privilegiado, porque pouquíssimas pessoas conseguem chegar assim” (2014, p. 9).

No contexto dos Jogos Olímpicos, os/as atletas entrevistados/as destacaram não apenas a participação na competição, mas em todo o ambiente que circunda essa experiência considerada por muitos/as como grandiosa: a organização da Vila Olímpica, a participação na cerimônia de abertura, a convivência com ídolos do esporte de várias nacionalidades, a estrutura das competições, a segurança, a torcida, a mídia e as lembranças que essa participação gerou. Como descreve Jorge Brum, atleta do futebol, “só quem esteve lá mesmo pra sentir o que um atleta olímpico poderia sentir no momento” (2015, p. 8).

Então, percebemos que “ser atleta olímpico” é um diferencial, não só por ser um evento de alto nível competitivo e técnico, mas por todo o contexto que engloba o respeito, a convivência, a representação de herói, a experiência da Vila Olímpica. Apesar disso, ao longo da realização das entrevistas percebemos que mesmo os/as atletas olímpicos/as, heróis e heroínas, para se manter no esporte enfrentam várias dificuldades.

As barreiras na vida dos/as atletas olímpicos/as

Vida de atleta não é fácil, nem a dos/das olímpicos/as. Sobre as dificuldades citadas nas entrevistas destacamos: as lesões, a falta de estrutura para os treinamentos em alto nível, a distância da família e as derrotas. Entre as pessoas entrevistadas Adrian Gomes tem uma das histórias mais dramáticas. A atleta foi cortada da equipe quando já estava na concentração dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, devido a uma lesão na coluna. Ela conta que foi uma situação desesperadora, visto todo o investimento que se faz em treinamentos. A equipe médica não deixou que ela participasse e ela questionou a decisão, mesmo sabendo sobre a gravidade de sua lesão, que trazia dificuldades para a atleta movimentar as pernas. Ela conta que gostaria de competir apesar da dor, pois se dedicou muito à preparação para chegar aos Jogos.

Arci Kempner, atleta do tiro com arco, teve uma lesão no lado do corpo que utilizava para a prática da modalidade, para continuar competindo trocou o

lado utilizado para o tiro (RUBIO, 2015). A ocorrência de lesão também é narrada por Natália Eidt:

É, infelizmente é assim. Eu comecei sentindo muita dor na coluna e ai eu fui para o Campeonato Mundial, voltei, e falei, comentei com o meu pai, meu pai “Você vai vir para cá e você vai fazer exame, você não pode ficar treinando assim”. Eu vim para o sul, fiz exame e viram que eu estava com uma fratura por estresse, o médico falou “Você tem que ficar parada por seis meses, não sei o que não sei o que”. E na época meu técnico falou, “Você pode ficar parada, mas tem oito meninas lá treinando no seu lugar, você vai perder a vaga”. Daí eu “Ah, vou continuar treinando, não quero perder a minha vaga, lutei tanto por isso e agora vou...” E ai eu continuei treinando e isso desencadeou vários outros problemas, hoje inclusive três médicos me acompanham por que eu vou ter que operar a coluna, porque não tem mais jeito assim, por causa da ginástica, eu consegui destruir a minha coluna. (2014, p. 14).

São muito comuns as histórias de atletas que deixam de competir devido a lesões, considerando que o esporte de alto rendimento tem uma grande exigência e a “vaga” ou a importância da competição leva atletas a treinar no extremo de sua *performance*. Não raras vezes competem lesionados, o que também merece ser destacado.

Outra barreira relatada pelos/as atletas entrevistados/as recai na falta de estrutura esportiva no Brasil, tanto pela falta de instalações adequadas para o treinamento em alto rendimento, quanto pela falta de patrocinadores e de competições. Essa questão não é sentida de modo igual pelos/as atletas. Para os atletas do futebol, esporte com tradição no Brasil e no Rio Grande do Sul em função da existência de dois grandes times - *Sport Club* Internacional e Grêmio *Foot ball* Porto Alegrense - essa questão não foi destacada. No caso do vôlei os atletas falaram que haviam condições melhores no passado do que agora (SILVA, 2013; ALVES, 2015; ENDRES, 2014).

Algo relevante sobre a questão da estrutura é a presença de clubes esportivos tradicionais no Rio Grande do Sul, com destaque para o Grêmio Náutico União e para a Sogipa. Alguns dos/as atletas entrevistados atuaram nestes clubes em algum momento de suas vidas, sobretudo aqueles vinculados as modalidades

atletismo, esgrima, ginástica artística, ginástica rítmica, natação, judô, remo, tiro com arco e vôlei.

Dos/as atletas entrevistados/as de outras modalidades que competiram em edições anteriores à década de 1990, percebemos que patrocínio e salário não eram comuns. Sérgio Ribeiro da natação nos conta:

E lembrando que na época a gente não recebia dinheiro, era esporte amador mesmo, a gente não ganhava nada absolutamente de ninguém, era pelo amor a camiseta e pelos títulos potenciais que a gente ganhava, e isso não gerava nada a mais do que isso mesmo, ganhar um título (2015, p. 6).

Essa realidade já é colocada de forma diferente por atletas mais recentes, devido à entrada de patrocínios e da mídia massificada e globalizada sobre Jogos Olímpicos. Sobre os patrocínios algo destacado nos últimos dez anos foi a presença do Programa Bolsa Atleta e o Bolsa Podium⁸⁹ como auxílio. E com a visibilidade da mídia televisiva de massa a partir no final da década de 1960⁹⁰ também se criam outras possibilidades de patrocínio por empresas. Porém isso de forma diferente para cada modalidade

Ainda sobre a manutenção financeira no esporte temos o chamado “Paitrocínio” ou “Mãe-trocínio”, aparece nas falas dos atletas:

No meu tempo não havia apoio ao atleta no que diz respeito a dinheiro. Atletas treinavam, alguns com apoio de seus clubes para viagens e competições, mas, se bem me lembro, sem salários. Os pais e familiares eram os investidores, o famoso “paitrocínio”. A Confederação pagava alguns poucos eventos internacionais. O material sempre era comprado pelo atleta (AVILA, 2014, p. 9).

Não, eu acho que o início da carreira, não só o meu, mas a grande maioria dos atletas é muito difícil gurias, a questão

⁸⁹ O Bolsa atleta é um programa do Governo Federal, criado pela Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que tem por objetivo o incentivo financeiro a atletas da base ao alto rendimento com boas performances em competições nacionais e internacionais. Por esse programa os/as atletas recebem bolsas de R\$ 370,00 a R\$ 3.100,00, sem a necessidade de intermediários (agentes, empresas, patrocinadores). O Bolsa Atleta Pódium é um desdobramento do primeiro programa com objetivo de apoiar atletas com chances de disputas de finais e medalhas olímpicas e paralímpicas, os valores variam entre R\$ 5.000,00 e R\$ 15.000,00.

⁹⁰ Quando começam a ser utilizados os satélites e a TV ganha cores. No Brasil as transmissões dos Jogos Olímpicos começam a partir de 1972.

financeira para manter, os pais se dedicam muito, se esforçam muito até para manter a gente no esporte, ainda vejo muito isso dos pais, questão de “patrocínio” que a gente fala (SANTOS, 2014, p. 8).

Essa forma de manutenção do esporte, embora cada modalidade e época tenham suas especificidades, revela as dificuldades de profissionalização e reforçam a falta de estrutura que o esporte ainda tem no Brasil. Para a maioria das modalidades conseguir recursos para se dedicar apenas ao esporte é um caminho longo, que passa pelo apoio da família para compra de equipamentos, sustento, transporte, assistência médica entre outros gastos.

Para além dessa dependência financeira, a relação com a família, ou a distância dela, é algo a ser superado no cotidiano de atletas, visto que alguns saem de casa ainda jovens para viagens em competições e treinamentos. “Eu acho que as piores dificuldades é o dia-a-dia, é você estar fora da tua casa, longe da tua família, longe dos teus pais, sozinho, com outros quinze, vinte atletas que também estão na mesma situação” (ENDRES, 2013, p. 5).

Eu estou vendo pelos atletas brasileiros, eles estão rodando o mundo, eles não param em casa, então eles deixam de ver a namorada, ver os pais, ver a mãe até de estudar, vão para o frio, vão para o calor, sofre porque um guri lá de 17 ou 18 anos é uma coisa, mas ele está abdicando de outras coisas também (FINARDI, 2014, p. 13).

Pela fala de Luciano Finardi (esgrima) e de Gustavo Endres (vôlei) vemos que participar do esporte nesse nível demanda abrir mão de convívio, momentos de descontração, festas, carinho, companhia. Exige de atletas um amadurecimento emocional, às vezes muito cedo.

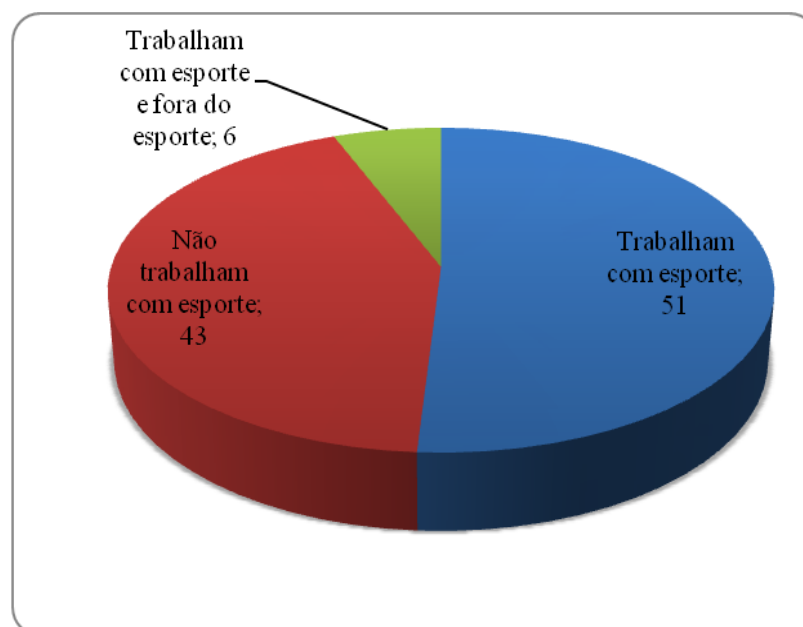
O cotidiano de um atleta envolve a superação de decepções também. A dedicação aos treinamentos, a estrutura, o patrocínio, às vezes não bastam. Um pequeno erro pode retirar a possibilidade de uma medalha como aconteceu com Daiane dos Santos que nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) tinha grandes possibilidades de medalha, terminou a classificação em primeiro, mas sofreu uma queda e acabou em quinto lugar. Nas palavras da atleta: “Todo trabalho de dez

anos foi destruído em um minuto e trinta, ou em um segundo como a gente fala” (2014, p. 12). Gerson Gnoatto outro atleta da ginástica conta que seu resultado também poderia ter sido melhor, mas que não estava preparado emocionalmente para aquele evento. O cotidiano desgastante de treinamentos, superação, enfrentamento de adversidades, entre outros fatores, também levaram alguns atletas a se afastar do esporte, como contou Natália Eidt: “Como teve a convocação e era meu sonho, eu vou continuar. Acabou a Olimpíada eu falei, ‘eu não quero mais ver esse esporte na minha frente’. Foi muito, muito maçante” (2014, p. 13).

E após se afastar das competições?

Como vimos, a participação em uma edição dos Jogos Olímpicos significa que se chegou a um grau elevado na carreira. É um destaque. Dos 124 atletas que conseguimos informações (através das entrevistas, banco de dados, publicações e internet), 24 continuam competindo. E mostramos no gráfico abaixo a divisão dos outros 100.

Gráfico 1 - Atuação de atletas olímpicos gaúchos/as após participação.



Fonte: Os autores (abril/2016).

Ou seja, a maioria dos/as atletas, que conseguimos acessar continuaram trabalhando com esporte após pararem de competir (51%). Neste caso, aproveitam a sua imagem e experiência de atleta olímpico para continuar o trabalho de formação de novos/as atletas ou de professor/a da modalidade ou de treinador/a ou exercendo cargos políticos (vereador, deputado, assessor). Somam-se a esse número os 6% que trabalham com esporte e também fora dele, são atletas das modalidades: esgrima, judô, canoagem e voleibol, estão ligados a atividades econômicas fora do esporte, mas mantêm o trabalho ou como treinador ou em algum projeto social. Os que não trabalham com esporte somam 43%, com as mais diversas áreas de atuação. Esses números se tornam significativos, pois esses atletas, para chegar a uma edição dos Jogos Olímpicos, dedicaram boa parte da vida ao esporte, então quase metade não poder se sustentar pelo esporte nos faz refletir sobre a estruturação do campo esportivo no estado e no país.

Desses números destacamos a diferença entre as modalidades. No caso do Futebol, dos 21 atletas que conseguimos informação, apenas um atleta não trabalha com esporte. No vôlei de 13 atletas apenas 3 não trabalham com esporte. Por outro lado, no remo dos 15 atletas, 11 não trabalham. Julgamos que isso pode se relacionar com a valorização que as modalidades têm atualmente no contexto brasileiro. Sendo o futebol um esporte que aparece bastante na mídia, recebe patrocínios de empresas privadas, tem competições em diversos níveis de idade, nível técnico e localidade. E o remo um esporte que tem uma construção histórica importante no estado do Rio Grande do Sul⁹¹, porém há várias décadas perdeu sua visibilidade na mídia, são poucos os espaços e clubes para sua prática, o acesso à prática é difícil (pelo local, equipamentos e pessoas envolvidas). Concluímos com essas diferenças que a modalidade que o/ atleta está envolvido pode fazer muita diferença quando ele decide parar de competir.

A “aposentadoria” esportiva é uma preocupação, visto que a carreira competitiva de grande parte dos/as atletas não tem uma duração longa. Segundo Mosiah Rodrigues:

⁹¹ O primeiro clube do Estado data de 1888, que atualmente se chama Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre.

O pós-carreira tem que ser pensado pela entidade, pelo atleta e pela família dele. Meu desdobramento mais direto foi esse, a minha transição de atleta para treinador dentro da mesma instituição. (...) Eu vejo muitos atletas que da noite para o dia deixam de ser atletas e não sabem para onde correr, mas tem que começar a pensar um tempo antes, tem que programar quando vai parar para conseguir entender, quando tem que começar a se preparar para essa tua outra etapa (2013, p. 9).

Essa outra etapa, como vimos, pode ser uma ruptura com o esporte. Nas entrevistas percebemos que aqueles que não sentiram um reconhecimento do público⁹², são geralmente os que se afastaram do esporte. Essa realidade é discutida também por Silva (2006) que mostra que atrás do discurso de atletas serem heróis, há uma realidade de sobrevivência que nem sempre é mostrada na mídia.

Reconhecimento

O impacto em relação ao reconhecimento externo à modalidade, ou seja, do grande público não ocorre para todos os atletas olímpicos. Embora para o/a atleta e para a sua família, percebemos pelas entrevistas que a participação nos Jogos Olímpicos é uma experiência gratificante e significativa, um grande orgulho.

Para atletas medalhistas o reconhecimento é mais direto, conforme identificado nos trabalhos sobre os atletas olímpicos desenvolvido por Kátia Rubio ao longo de 15 anos de trabalho (RUBIO, 2002). Embora também observássemos nas entrevistas que a medalha de prata pode ser considerada, em alguns esportes, como o futebol e o vôlei, uma derrota (SILVA, 2006).

Vale lembrar que os avanços tecnológicos e culturais também afetam esse reconhecimento. Atletas que participaram de edições dos Jogos Olímpicos anteriores à década de 1980 não tiveram uma publicidade tão grande como têm os da atualidade, especialmente pelos avanços tecnológicos e dos meios de comunicação. Como lembra Gerson Gnoatto ao falar de sua participação, nos

⁹² Estamos trabalhando com a noção de reconhecimento do público em geral, como o público do estado saber se tratar de um atleta de alto nível, aparecer nas mídias de massa, ser procurado para eventos esportivos, ser premiado pelas suas contribuições ao esporte. Todos citaram ser reconhecidos pela família e dentro da modalidade, mas nem todos sentiram esse reconhecimento do público externo.

Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984): “Na minha carreira esportiva não mudou muita coisa. (...) Eu fui com vinte anos, para tu ter uma ideia, na época que eu treinava, a comunicação era muito difícil...” (2014, p. 16). Com a massificação das transmissões dos Jogos esse quadro muda.

Vimos, também, que algumas modalidades como o remo, o tiro com arco e a esgrima não geram uma repercussão grande na mídia, devido a visibilidades destas modalidades na atualidade no Brasil não ser grande. O remo, por exemplo, apesar de ser a modalidade com maior número de participações gaúchas (33) e que os atletas representem 32% destas participações identificamos que são reconhecidos quase unicamente por seus pares e não do grande público que aprecia o esporte. Quando perguntamos sobre esse tema, por exemplo, a Régis Trois de Ávila, participante dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), na modalidade esgrima ele relata:

Quase nenhuma, talvez, um pouco de reconhecimento entre meus pares. O Brasil, por ser fraco no apoio e na divulgação de seus esportes, fora o futebol, não se aproveita de fatos importantes. Deixa de lado e não reconhece o esforço de tanta gente boa, de tanto atleta, técnico, comissão técnica, e muitos mais. Só quem sabe, na maioria das vezes, é quem é do meio (2014, p. 17).

Outros atletas que não continuaram na área do esporte, quando perguntaram sobre ser reconhecidos como atletas, dizem:

Nenhuma. Só pessoal, porque o momento foi o final da minha carreira, eu fui com trinta anos e se eu tinha condições com trinta, com vinte e quatro muito mais. De retorno não tive, lógico que eu sou conhecido no remo, o pessoal assim “Esse é o Bandeira” (BANDEIRA, 2014, p. 17).

Eu sempre tive reconhecimento das pessoas próximas e isso nunca mudou porque o esporte era amador, isso nunca mudou minha vida eu sempre tive reconhecimento da minha família dos meus amigos, pessoas diretas, mas isso nunca teve nenhum impacto na minha profissão ninguém vem em meu consultório hoje porque eu sou nadador olímpico, ninguém me pergunta isso, e era época diferente e também pelos resultados obtido, talvez se eu tivesse sido campeão olímpico talvez mudasse (RIBEIRO, 2015, p. 10).

Como citado, atletas com medalhas ou de algumas modalidades como do futebol, da ginástica, do vôlei são mais facilmente visibilizados no estado. Talvez isso aconteça, pois, como vimos, esses esportes possuem ou possuíram times e clubes interessados em investir na modalidade. Além de serem esportes populares, que aparecem na televisão.

Alguns/as atletas, depois de deixarem as arenas de competição, se transformaram em figuras exemplares para o esporte gaúcho como é o caso de Daiane dos Santos, João Derly e Paulo Silva, que se tornaram “embaixadores do esporte”, auxiliando a divulgar o esporte na região. Desta forma se tornaram um “exemplo”, isso pode ser visto como uma responsabilidade, de se mostrar sempre preparado como nos conta Gustavo Endres, do vôlei, participante dos Jogos Olímpicos de Atenas e Pequim (2004 e 2008):

Eu acho que a visibilidade aumenta, a responsabilidade aumentou bastante, porque depois que você é campeão Olímpico você é sempre cobrado como tal, então todo jogo, toda a bola, vão lembrar que você é um campeão Olímpico, isso é muito bom, mas também às vezes é muito ruim, você tem que estar sempre muito bem preparado, principalmente para as críticas; saber contornar as críticas, mas também tem os elogios, vão estar sempre te elogiando. Então tudo na minha carreira tem os dois lados, tudo na carreira de todo mundo tem os dois lados, lado ruim, você saber conviver, e festejar nos momentos bons, que isso é que realmente importa (ENDRES, 2013, p. 7).

Esse “exemplo” para a modalidade também se apresenta nos projetos sociais que esses atletas desenvolvem já que recebem um diferencial por serem de atletas olímpicos. O canoísta Álvaro Koslowiski, que participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), diz:

Sou reconhecido até hoje, tanto que estou aqui falando contigo, pois esse reconhecimento se mantém, mesmo 24 anos após este evento. Analisar a trajetória também é importante, pois ela nos dá a real dimensão da caminhada. O ‘Remadas Solidárias’ é fruto desta trajetória” (2014, p. 13).

Considerações Finais

Evidenciar a participações de gaúchos/as nos Jogos Olímpicos traduz-se, assim, no reconhecimento de diferentes histórias cujas memórias podem e devem ser compartilhadas. Percebemos que a participação em Jogos Olímpicos representa um ápice da trajetória esportiva, mas é perpassada por dificuldades e não é garantia de visibilidade e reconhecimento como atleta.

A produção do/a atleta olímpico/a não é apenas uma questão de superar seus limites individuais. Trata-se de acesso a prática, possibilidades de competir em diversos níveis, estrutura no estado ou alternativa de ir para outro lugar, dedicação de tempo, apoio da família, patrocínios, viabilidade do esporte, mídia, conhecimentos técnicos disponíveis... enfim, não é só a pessoa querer.

A construção do herói nem sempre se efetiva, o sustento financeiro não é garantido, e o reconhecimento do público é permeado por diferentes fatores, como modalidade, atenção da mídia e resultado. O sonho é realizado, a experiência é incrível, mas a dor e a decepção compõem esse conjunto de sentimentos envolvidos no "ser olímpico". Assumir essas barreiras não é desmerecer essas participações ou o esporte, mas reconhecer que essa manifestação da cultura é complexa e muito humana. Por fim, poderíamos pensar que atletas não são ora super-humanos, ora derrotados, mas são trabalhadores permeados por diversos fatores e lutas durante um grande período da vida e não defini-los pelos segundos de uma apresentação, jogo ou queda.

Referências

ALVES, Aloísio Pires. **Depoimento de Aloísio Pires Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

ALVES, Thiago. **Depoimento de Thiago Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

ÁVILA, Regis Trois de. **Depoimento de Regis Trois de Ávila**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

BANDEIRA, Otávio D'Ávila. **Depoimento de Otávio D'Ávila Bandeira**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

BRUM, Jorge Luiz da Silva. **Depoimento de Jorge Luiz da Silva Brum (Pinga)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

EIDT, Natália. **Depoimento de Natália Eidt**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

ENDRES, Gustavo. **Depoimento de Gustavo Endres**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

FINARDI, Luciano. **Depoimento de Luciano Finardi**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

GNOATTO, Gerson. **Depoimento de Gerson Klippes Gnoatto**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014

GOMES, Adrian. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014

KOSLOWSKI, Álvaro Acco. **Depoimento de Álvaro Acco Koslowski**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

OLIVEIRA, Gisele Lima de. **Depoimento de Gisele Lima de Oliveira**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RIBEIRO, Sérgio Pinto. **Depoimento de Sérgio Pinto Ribeiro**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RODRIGUES, Mosiah Brentano. **Depoimento de Mosiah Brentano Rodrigues**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

RUBIO, Kátia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista Electrónica De Geografía Y Ciencias Sociales**. Barcelona, v. VI, n. 119 (95), ago. 2002.

SANTOS, Daiane. **Depoimento de Daiane Garcia dos Santos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014

SILVA, Paulo André Jukoski da. **Depoimento de Paulo André Juroski da Silva (Paulão)**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

SILVA, Veronica Lima Nogueira. O preço de um sonho: a realidade do esporte que não é mostrada pela mídia. **Motrivivência**, ano XVIII, n. 27, p. 49-71, dez. 2006.



Lista de participações gaúchas nos Jogos Olímpicos⁹³

Considerando que o Centro de Memória do Esporte possui em seu acervo uma coleção com itens referentes ao esporte olímpico, optamos por inserir não apenas a listagem dos/as atletas gaúchos que participaram de cada edição dos Jogos Olímpicos como, ainda, o número de participações assim como uma imagem do acervo do Centro de Memória do Esporte e seu endereço de acesso.

Jogos Olímpicos da Antuérpia (1920)

Participações do Brasil: 21

Participação gaúcha: 2

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Dario Barbosa	Tiro esportivo	Bronze
Sebastião Wolf ⁹⁴	Tiro Esportivo	Bronze

Figura 1 – Medalha de Participação de Dario Barbosa nos Jogos Olímpicos da Antuérpia



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40537>>

⁹³ Listagem elaborada a partir de pesquisas em documentos do Comitê Olímpico Brasileiro e em obras referenciais sobre o esporte olímpico brasileiro.

⁹⁴ Naturalizado brasileiro, o atleta residiu em Porto Alegre, cidade na qual faleceu.

Jogos Olímpicos de Paris (1924)

Participações do Brasil: 12

Participação gaúcha: 1

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Willy Sewald	Atletismo	6º

Figura 2 – Selos Comemorativos dos Jogos Olímpicos de Paris



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/119321>>.

Jogos Olímpicos de Amsterdã (1928)

O Brasil não participou desta edição dos Jogos Olímpicos.

Figura 3 – Cartão Postal dos Jogos Olímpicos de Amsterdã



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/41004>>.

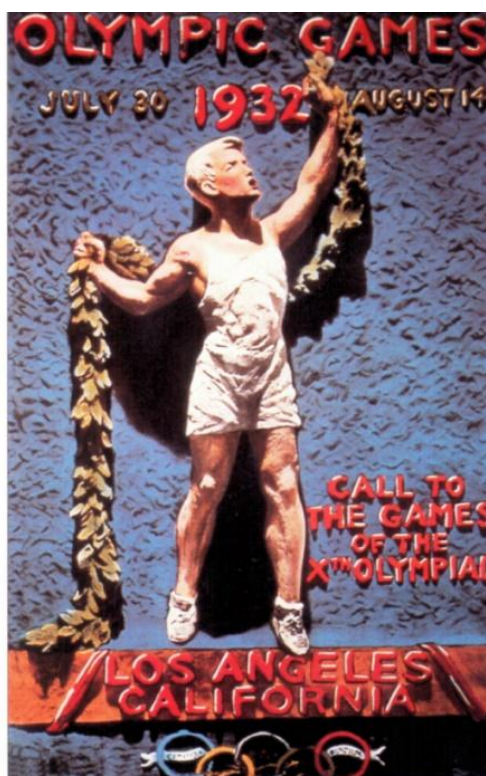
Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932)

Participações do Brasil: 67

Participação gaúcha: 2

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Olivério Kosta Popovitch	Remo	7º
Osório Antonio Pereira	Remo	7º

Figura 4 – Cartão Postal dos Jogos Olímpicos de Los Angeles



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/41017>>

Jogos Olímpicos de Berlim (1936)

Participações do Brasil: 94

Participação gaúcha: 9

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Alfredo de Boer	Remo	-
Ernesto Sauter	Remo	-
Frederico Guilherme Tadewald	Remo	-
Henrique Kranen Filho	Remo	-
Maximo Fava	Remo	-
Nilo Anselmo Franzen	Remo	-
Rodolf Maria Rath	Remo	-
Fritz Richter	Remo	-
Arno Franzen	Remo	-

Figura 5 – Livreto Berliner Illustrierte Zeitung



Fonte: Acervo do CEME

Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/142261> >

Jogos Olímpicos de Londres (1948)

Participações do Brasil: 81

Participação gaúcha: 5

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Ivan ZanoniHausan	Atletismo	8º (revezamento 4x100m)
Arlindo da Cunha Cabral	Remo	Abandonou
Paulo Diebold	Remo	2ª semifinal; abandonou
Pércio Zancani	Remo	2ª semifinal; abandonou
Renylido Pero Guimarães Ferreira	Hipismo	-

Figura 6 – Broche dos Jogos Olímpicos de Londres



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/105215>>.

Jogos Olímpicos de Helsinque (1952)

Participações do Brasil: 108

Participação gaúcha: 2

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Renyldo Pero Guimarães Ferreira	Hipismo	4º
Alfredo Jorge Ebling Bercht	Vela	9º

Figura 7 – Envelope comemorativo dos Jogos Olímpicos de Helsinque



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/94467>>

Jogos Olímpicos de Melbourne (1956)

Participações do Brasil: 48

Participação gaúcha: 6

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Ruy Kopper	Remo	9º
Nelson Guarda	Remo	-
Rolf Fernando Bercht	Vela	10º
Renyldo Pero Guimarães Ferreira	Hipismo	10º
Alfredo Jorge EblingBercht	Vela	10º
Wenceslau Malta	Pentatlo	-

Figura 8 – Placa comemorativa para automóveis dos Jogos Olímpicos de Melbourne



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40541>>

Jogos Olímpicos de Roma (1960)

Participações do Brasil: 81

Participação gaúcha: 6

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Ernesto Neugebauer Endter	Remo	16º
Francisco Todesco	Remo	16º
Renyldo Pero Guimarães Ferreira	Hipismo	-
Wenceslau Malta	Pentatlo	-
Paulino Gonçalves Leite	Remo	16º
Harry Edmundo Klein	Remo	16º

Figura 9 – Medalha comemorativa dos Jogos Olímpicos de Roma



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40531>>.

Jogos Olímpicos de Tóquio (1964)

Participações do Brasil: 69

Participação gaúcha: 3

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Mauri Fernandes Fonseca	Natação	13° (4 x 100 m medley)
Paulino Gonçalves Leite	Remo	-
Marco Antonio Volpi	Vôlei	7°

Figura 10 – Medalha de Participação de Mauri Fonseca dos Jogos Olímpicos de Tóquio



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40561>>

Jogos Olímpicos da Cidade do México (1968)

Participações do Brasil: 84

Participação gaúcha: 7

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Celso Luis Scarpiani	Basquete	4º
José Maria de Andrade Pereira	Esgrima	Eliminado
Cláudio Rinaldi Câmara Lima	Polo aquático	13º
Edgar Gijzen	Remo	7º
Gérson Albino Schuc	Vôlei	9º
Harry Edmundo Klein	Remo	7º
Marco Antonio Volpi	Vôlei	9º

Figura 11 – Moeda Comemorativa dos Jogos Olímpicos da Cidade do México



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/104630>>.

Jogos Olímpicos de Munique (1972)

Participações do Brasil: 89

Participação gaúcha: 4

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
BolivarModualdo Guedes	Futebol	Eliminado
Manoel da Silva Costa	Futebol	Eliminado
Pedro Antônio Simeão (Pedrinho)	Futebol	Eliminado
Harry Edmundo Klein	Remo	-

Figura 12 – Ingresso para a prova de Remo dos Jogos Olímpicos de Munique



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40784>>

Jogos Olímpicos de Montreal (1976)

Participações do Brasil: 93

Participação gaúcha: 9

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Francisco Fraga da Silva (Chico Fraga)	Futebol	4º
João Batista da Silva	Futebol	4º
Atalbio Maggioni	Remo	-
Gilberto Gerhardt	Remo	-
Raul Bagattini	Remo	-
Luiz Alberto Sohni Aydos	Vela	-
Nilton Silva Alonço	Remo	-
Sérgio Pinto Ribeiro	Natação	-
Marco Aurélio Paradedá	Vela	-

Figura 13 – Moeda comemorativa dos Jogos Olímpicos de Montreal



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/104628>>.

Jogos Olímpicos de Moscou (1980)

Participações do Brasil: 109

Participação gaúcha: 6

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Henrique Gustavo Johenn	Remo	8º
José Cláudio Geret Lazzarotto	Remo	11º
Paulo César Dworakowski	Remo	12º
Arci Zelia Mensch Kempner ⁹⁵	Tiro com Arco	-
Sérgio Pinto Ribeiro	Natação	8º (Revezamento 4 x 100)
Renan Dal Zotto	Vôlei	6º

Figura 14 – Medalha comemorativa dos Jogos Olímpicos de Moscou



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40521>>.

⁹⁵ Iniciou e fez toda sua via esportiva no Rio de Janeiro. Em alguns locais é colocada como carioca e não como gaúcha.

Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984)

Participações do Brasil: 151

Participação gaúcha: 17

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Eloi Rodrigues Schleder	Atletismo	23º
Evaldo Rosa da Silva	Atletismo	-
André Luis dos Santos Ferreira	Futebol	Prata
Carlos Caetano BledornVerri (Dunga)	Futebol	Prata
Gilmar Luis Rinaldi	Futebol	Prata
João Leithardt Neto (KITA)	Futebol	Prata
Jorge Luis da Silva Brum (Pinga)	Futebol	Prata
Mauro Geraldo Galvão	Futebol	Prata
Paulo Santos	Futebol	Prata
Gerson KlippelGnoatto	Ginástica Artística	67º
Marcelo Blessman	Hipismo	10º
Rolf Peter Nehn	Vela	-
Heloisa Helena Roesse	Vôlei	7º
Marcus Vinicius Simões Freire	Vôlei	Prata
Nilton Silva Alongo	Remo	4º
Renan Dal Zotto	Vôlei	Prata
Luis Carlos Coelho Winck	Futebol	Prata

Figura 15 – Selos comemorativos dos Jogos Olímpicos de Los Angeles



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/95711>>.

Jogos Olímpicos de Seul (1988)

Participações do Brasil: 170

Participação gaúcha: 6

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Luis Carlos Coelho Winck	Futebol	Prata
Cristiano Michelena	Natação	10º (Revezamento 4 x 200)
Jorge Luis Teixeira da Silva	Atletismo	21º
Diamantino Silveira dos Santos	Maratona	48º
Paulo André Juroski da Silva (Paulão)	Vôlei	4º
André Bier Johannpetter	Hipismo	8º (por equipe)

Figura 16 – Envelope comemorativo dos Jogos Olímpicos de Seul



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/94469>>.

Jogos Olímpicos de Barcelona (1992)

Participações do Brasil: 197

Participação gaúcha: 17

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Álvaro AccoKoslowski	Canoagem	19º (K2 1000)
Marlon Almiro Grings	Canoagem	22º
Luciano Finardi	Esgrima	61º
Ricardo Menalda	Esgrima	37º
Marta Cristina Schonhorst	Ginastica rítmica	-
Ricardo de Matos Pereira	Handebol	12º.
Otávio D'Ávila Bandeira	Remo	6º
Vitor Krieger	Tiro com arco	-
Janelson dos Santos Carvalho	Vôlei	Ouro
Jorge Edson de Souza Brito	Vôlei	Ouro
Cristiano Michelena	Natação	6º (4 x 100)
Jorge Luis Teixeira da Silva	Atletismo	Eliminado
Diamantino Silveira dos Santos	Maratona	Abandonou
Paulo André Juroski da Silva (Paulão)	Vôlei	Ouro
Gustavo Selbach	Canoagem	29º
Leonardo Selbach	Canoagem	23º
Milton Fonseca Pelissari	Handebol	12º

Figura 17 – Moeda comemorativa dos Jogos Olímpicos de Barcelona



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/104632>>.



Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)

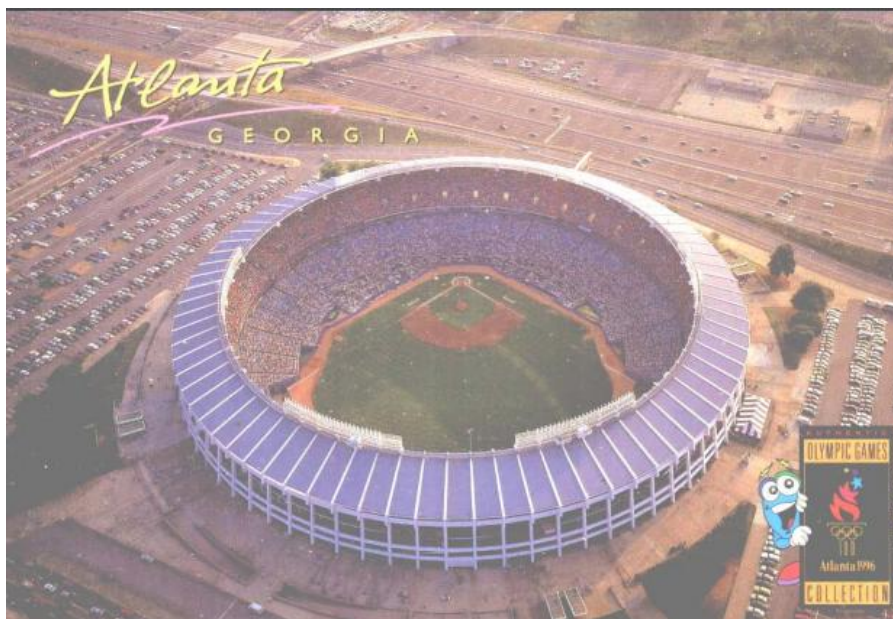
Participações do Brasil: 225

Participação gaúcha: 15

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Rogério Klafke	Basquete	6°
Danlei de Deus Hinterholz	Futebol	Bronze
Márcia Taffarel	Futebol	4°
Alexandre Garcia	Judô	Eliminado
André Vorraber Costa	Remo	14°
Giovani Della Valentina	Remo	-
Marcelus Marcili dos Santos Silva	Remo	15°
Miriam D' Agostini	Tênis	Eliminada
Diamantino Silveira dos Santos	Maratona	73°
Paulo André Juroski da Silva (Paulão)	Vôlei	5°
André Bier Johannpetter	Hipismo	-
Gustavo Selbach	Canoagem	32°
Leonardo Selbach	Canoagem	23°
Milton Fonseca Pelissari	Handebol	11°
Carlos Luciano Ertel (Menta)	Handebol	11°



Figura 18 – Cartão Postal dos Jogos Olímpicos de Atlanta



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/40974>>



Jogos Olímpicos de Sidney (2000)

Participações do Brasil: 205

Participação gaúcha: 17

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Cassio Ramon Petry	Canoagem	14°
Roger Caumo	Canoagem	30° (K 1000)
André Luis Garcia	Futebol	7°
Raquel de Souza Noronha	Futebol	4°
Natália Scherer Eidt	Ginástica rítmica	8°
Dilane Azambuja Roese	Handebol	8°
Mariana Passos Martins	Judô	Eliminada
Leandro Corriere Macedo	Triatlo	-
Maria Krahe	Vela	19°
Gilmar Nascimento Teixeira (Kid)	Voleibol	6°
André Bier Johannpetter	Hipismo	-
MarlisaWhalbrink (Maravilha)	Futebol	4°
Alexandre Dias Paradedda	Vela	26°
André Heller	Voleibol	6°
Gustavo Endres	Voleibol	6°
Fernanda Ryff Moreira de Oliveira	Vela	19°
Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho)	Futebol	7°

Figura 19 – Mascotes dos Jogos Olímpicos de Sidney



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/142215> >



Jogos Olímpicos de Atenas (2004)

Participações do Brasil: 247

Participação gaúcha: 9

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Mosiah Brentano Rodrigues	Ginástica artística	33°
Daniel Vargas dos Santos	Pentatlo Moderno	29°
MarlisaWhalbrink (Maravilha)	Futebol	Prata
Alexandre Dias Paradedda	Vela	8°
André Heller	Voleibol	Ouro
Gustavo Endres	Voleibol	Ouro
Fernanda Ryff Moreira de Oliveira	Vela	-
Rodrigo Linck Duarte	Vela	6°
Daiane Garcia dos Santos	Ginástica Artística	-

Figura 20 – Cartão Postal dos Jogos Olímpicos de Atenas



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40951>>.

Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

Participações do Brasil: 277

Participação gaúcha: 29

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Gisele Lima de Oliveira	Atletismo	23°
João Antônio de Albuquerque e Souza	Esgrima	-
Anderson Luís de Abreu Oliveira	Futebol	Bronze
Rafael Augusto Sóbis	Futebol	Bronze
Renan Brito Soares	Futebol	Bronze
Jardel Pizzinato	Handebol	10°
Jeferson Signaolin Moreira	Hipismo	-
João Derly de Oliveira Nunes Júnior	Judô	-
Rosângela da Silva Conceição	Lutas	Quartas de final
Eduardo Deboni	Natação	-
Michelle Lenhardt	Natação	13°
Débora Fernanda da Silva Nunes	Taekwondo	Eliminado na segunda luta
Marcos Daniel	Tênis	-
Luis Gustavo Trainini	Tiro com arco	-
Fabio Pilar	Vela	-
Samuel Albrecht	Vela	-
Carolina Demartini Albuquerque	Voleibol	Ouro

Carlos Luciano Ertel (Menta)	Handebol	10°
André Heller	Voleibol	Prata
Gustavo Endres	Voleibol	Prata
Fernanda Ryff Moreira de Oliveira	Vela	Bronze
Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho)	Futebol	Bronze
Rodrigo Linck Duarte	Vela	-
Daiane Garcia dos Santos	Ginástica Artística	5°
Fabiano Peçanha	Atletismo	16°
Maurini Dorneles Gonçalves	Futebol	Prata
Deonise Fachinello Cavaleiro	Handebol	9°
Murilo Endres	Voleibol	Prata
Mayra Silva Aguiar	Judô	-

Figura 21 – Ingresso para Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/104510>>

Jogos Olímpicos de Londres (2012)

Participações do Brasil: 259

Participação gaúcha: 16

Gaúchos/as	Modalidade	Melhor Colocação
Guilherme Toldo	Esgrima	-
Daiane Menezes Rodrigues (Bagé)	Futebol	6o.
Adrian Gomes	Ginástica artística	-
Maria Portela	Judô	Ouro
Graciele Herrmann	Natação	22º
Ana Barbachan	Vela	-
Fernanda Garay	Voleibol	Ouro
Lucas Saatkamp (Lucão)	Voleibol	Prata
Thiago Alves	Voleibol	Prata
Fernanda Ryff Moreira de Oliveira	Vela	6º
Daiane Garcia dos Santos	Ginástica Artística	9º
Fabiano Peçanha	Atletismo	16º
Maurini Dorneles Gonçalves	Futebol	-
Deonise Fachinello Cavaleiro	Handebol	6º
Murilo Endres	Voleibol	Prata
Mayra Silva Aguiar	Judô	Bronze

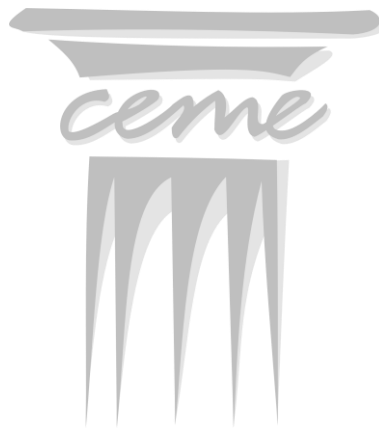
Figura 22 – Camiseta da atleta Daiane M. Rodrigues (Bagé), Seleção de Futebol Feminino dos Jogos Olímpicos de Londres



Fonte: Acervo do CEME.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/9828>>





Centro de Memória do Esporte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

Porto Alegre - RS

90690-200

Tel: (51) 3308-5879

ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:

www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:

<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro se constitui em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS em Porto Alegre (RS) em 2016.